do vaticano ao UMBRAL

INDICE

I	MEDICIS	13
II	URBANO BARBERINI	19
III	BARTOLOMEU PRIGNANO	31
IV	AFONSO BORGIA	41
V	INOCENCIO FIESCHI	47
VI	LINO DE VOLTERRA	53
VII	CLEMENTE FAUSTINO	63
VIII	JACINTO ORSINI	69
IX	ROGER	77
X	BENTO LAMBERTINI	83
XI	ANGELO CASTIGLIONI	91
XII	PEDRO DAMIÃO	101
XIII	JOAQUIM PECCI	109
XIV	GELASIO	115
XV	BENTO TUSCULANOS	121
XVI	GREGORIO	127
XVII	ISIDORO ANISIA	131
XVIII	VITOR	135
XIX	ANGELO PIGNATELLI	141
XX	CHISLIERI	147
XXI	CHIARAMONTI	151
XXII	REZZONICO DOGES	155
XXIII	JULIANO	161

XXIV	HILDEBRANDO ALDOBRANDESCHI	165
XXV	MAURO CAPELLARI	169
XXVI	JOÃO ANGELO BRASCHI DE CESENA	173
XXVII	JOÃO MARIA MASTAI FERRETI	179
XXVIII	JOSE SARTO	183
XXIX	BRUNO DE EGUISHEIM	187
XXX	OTON COLONA	193
XXXI	TIAGO DELLA CHIESA	197
XXXII	ACHILLES RATTI	201

NOTA

Constituindo a publicidade desta Obra uma pequena edição de volumes, e portanto insuficiente para atender a grande número de pessoas e alcançar a alta finalidade que se objetiva, permitimo-nos formular um apêlo ao leitor, para que logo após sua leitura, não a guardar em sua estante, relegando ao esquecimento estas Verdades que precisam tornar-se conhecidas de todos, mas passa-la à frente emprestando-a a amigos, que por motivos estranhos à nossa vontade não a receberam.

Assim fazendo, não estará o presado irmão simplesmente atendendo à nossa justa solicitação, mas muito mais e melhor ainda, colaborando com um Grupo, que de bôa vontade se acha empenhado neste trabalho evangelisador, e acima de tudo, fazendo reviver a doutrina da Luz a tôdas as criaturas.

Do Vaticano ao Umbral (*)

OBRA MEDIUNICA ORIENTADA

pelo espírito de

ameid omar

(*) O termo UMBRAL é designado na espiritualidade e exemplificado aos espiritualistas como sendo a parte extra crosteal do planeta Terra, para onde são atraídos por suas dívidas de inferioridade, os espíritos que transgrediram as Leis Celestiais; só de lá sairão, quando volverem seus pensamentos a DEUS em preces de perdão, e pela primeira vez manifestarem verdadeiro arrependimento.

Irmãos meus.

A Paz de RAMA seja convosco.

Para que possam os vossos espíritos, as vossas mentes, o vosso coração compreender o resultado do encaminhamento de espíritos ao ambiente terreno, e poderem produzir com suas lágrimas, perturbações e sofrimentos, o livro que ora tendes em mãos para ler, tereis que primeiramente modificar todos os vossos conhecimentos de homens materializados e descrentes, em espiritualistas, seguidores de uma única meta para ressurgimento de todo o ser material em espiritual, a Reencarnação.

Com a compreensão dentro dos princípios evangélicos verdadeiramente cristianizados, e o aparecimento do Divino Espírito Santo enviado aos homens, para que pudessem e possam ter fé, O NOSSO MISERICORDIOSO PAI, com as múltiplas intercomunicações de seres materiais e espirituais, fêz ressurgir através delas, a continuidade dos ensinamentos primeiros ministrados por Jesus o Cristo, e seus Apóstolos.

Desde então, deturpando-se as Verdades, transformando-se o ser hominal em criatura animalizada, através dos tempos, com a modificação destes, esquecidos foram aquêles ensinamentos básicos que levam o espírito à Salvação.

Muitos séculos são passados, e embora as criaturas materiais anseiem por algo melhor, não se lembram de procurar o verdadeiro bálsamo que lhes minorará os sofrimentos, fazendo-os sentirem-se seguros para uma vida melhor.

Mais uma vez novamente pelo Espírito Santo, anunciada é a hora de alerta para todos aquêles que quizerem e puderem despertar; e como em tôdas as outras ocasiões, múltiplos avisos estão sendo espalhados por tôda a humanidade. Dentre êstes, trago até vós um, que poderá começar a transformar as vossas mentes perturbadas, se conseguirdes e puderdes reorganizar o próprio interior, fazendo-o crêr firmemente numa entidade superior a vós e a nós, CRIADOR SUPREMO de tôdas as coisas, DEUS; na espiritualidade rediviva, nas contínuas metamorfoses do espírito através de reencarnações sucessivas, para um dia poderdes alçar-vos a ela.

Por êste pequeno ponto de apoio, podereis sentir verdadeiramente o sofrimento e perturbação espiritual que vos advirão, senão vos acautelardes.

Todos estes irmãos que aqui narram as suas histórias, traduzem por intermédio delas, seu próprio abalo moral, mostrando-nos mais uma vez, que a prepotência, e preponderância materiais, a inteligência e sabedoria terrenas, foram intercortadas pelas inúmeras encarnações perturbadoras que tiveram, e às quais fizeram jús.

Quem eram em uma única encarnação material, de poder e soberania?

Pelo que passaram em muitas delas, e o que são agora? Diversas transformações, umas cruciantes e outras mais de arrependimento, levaram todos a sentir a gratidão infinda pela Divina Criação, que os fez compreender com o sofrimento, e beneficiarem-se do bálsamo suavisante numa futura recuperação.

Êstes espíritos foram trazidos a uma reunião mediúnica até então desconhecida para êles, mas meta final de um trabalho organizado, para que sentissem-se verdadeiramente desobrigados de quaisquer reminiscências do passado. Até mim foram conduzidos com os espíritos

conturbados, tristonhos e enfraquecidos. E agora, ao término desta realização, das próprias confissões de suas vidas passadas, saem com a consciência límpida volvida em préces à SUPREMA DIVINDADE.

Que o mesmo possa acontecer a todos vós, sentindo também verdadeiramente o alívio, a confiança, a perseverança e a fé em DEUS, NOSSO CRIADOR.

ameid omar.

EXPLICAÇÃO

Ao terminarem de ler êste livro notarão talvez alguns leitores mais entendidos, que tratando-se de histórias relatadas por personagens que ocuparam a elevada posição de Papas, não poderiam deixar de ser inteligentes e cultos, mas entretanto, pelo modo simples como se acham redigidas, não o demonstram como seria de esperar.

Sôbre êste aspecto que poderá merecer tais reparos, faz-se necessário o esclarecimento seguinte:

a) Não conheciam a língua pela qual só por ela poderiam comunicar-se através do médium, e dar as comunicações que desejavam.

b) Necessidade premente que tinham de externar pùblicamente suas grandes culpas, retratando-se das inúmeras transgressões ocasionadas a seus irmãos terrenos, e à própria Divindade.

c) Aprender portanto esta língua, para que, alcançado seu objetivo darem à publicidade êste livro, por que assim sentiriam de imediato completo alívio em suas consciências demasiadamente sobrecarregadas.

Nestas circunstâncias só lhes restava iniciarem êste estudo pelos meios colocados à sua disposição no Plano Espiritual, e o fizeram então como era natural, ùnicamente sôbre o ponto mais fácil e simples, deixando de lado tôda a preocupação de estilo e riqueza de linguagem,

que não era questão essencial para o que pretendiam, nem também pròpriamente para os Poderes Celestiais, a quem interessa sôbre tudo, a Verdade. E esta ali está sem controvérsia.

Dando assim por justificado qualquer pensamento que envolva neste ponto estas simples mas corajosas explanações, que além de tudo mais, não foram reveladas com qualquer idéia de receber elogios de literatos ou de quem quer que seja, mas sòmente para dentro da Verdade serem entendidas por todos, principalmente, pelos humildes e modestos de conhecimentos, de modo geral, mais inclinados a compreendê-las.

Para exemplo, citaremos o grande ensinamento do Divino Mestre quando dizia: A CASA DE MEU PAI ESTÁ SEMPRE ABERTA PARA OS SIMPLES, HUMILDES E PUROS DE CORAÇÃO.

Bem aventurados os que obedecem, ouvem, compreendem e seguem os Evangelhos de DEUS.

o samaritano.

APRESENTAÇÃO

Êste livro ora publicado, compõe-se de trinta e duas narrativas, dramàticamente vividas no Além Túmulo, e dadas a conhecer agora pùblicamente pelos seus próprios protagonistas, que como "Papas" ocuparam em tempos remótos o trono do "Vaticano", e nesta elevada posição ali foram extremamente prepotentes, endeusados, e cegamente obedecidos.

Como o caro leitor poderá verificar, não se trata de uma obra como sempre se espera envolta em fino estilo literário, que melhor poderia impressionar aos entendidos e estudiosos, e mais amplos resultados materiais auferir. Mas não pensaram nem poderiam pensar nisto os espíritos orientadores. Não visando portanto esta publicação qualquer espécie de recompensa material, e ser destinada a distribuição gratuita, só uma meta teve em vista atingir: Levar a tôdas as criaturas terrenas, desconhecedoras do que lhes virá a acontecer depois da morte física, — desencarne, — êstes exemplos vivos e aterradores em que se viram envolvidos êstes irmãos em DEUS, por anos infindos no Umbral do Sofrimento.

Trata-se como verificareis, leitores amigos, de duras e penosas provas de expiação e resgate a que deram causa êstes irmãos, em aberrantes transgressões às Leis Sábias e Justas de DEUS, Nosso Supremo CRIADOR.

Meditemos pois todos nós que ainda no plano terreno nos achamos, nestas angustiosas lições merecidas por tão altas personagens, porque se não vigiarmos e orarmos contìnuamente, e não pautarmos nossos atos pelo ca-

minho do bem, da caridade e amor ao próximo, estaremos de igual modo passíveis de cair nos mesmos erros, nas mesmas faltas pecaminosas, sujeitos portanto inexoràvelmente às mesmas penas, quer sejamos ricos ou pobres, reis, príncipes ou plebeus, ou mesmo êstes, como vereis, que na qualidade de "Papas" *governavam o "Vaticano", intitulando-se únicos representantes de DEUS na Terra, e como tal, imunes se julgavam de qualquer penalidade!...*

Se algo entretanto fôr alcançado, do objetivo que se teve em vista atingir; se alguns dos leitores desta Obra, — poucos mesmo que sejam, — tomarem para si estas advertências salvadoras, evitando de imediato cairem no mesmo emaranhado de materialidade, luxúria, vícios, crimes e maldades, tudo ficará sobejamente superado, pela pequenina fagulha de Luz que foi levada a alguns dos nossos irmãos, fazendo-os enquadrar na linha certa do progresso e Salvação Espiritual.

o samaritano.

LEÃO X (GIOVANNI DE MEDICIS) ITALIA 1513-1521

MEDICIS — *De família florentina, foi educado na França. Nasceu em 1475 e desencarnou em 1521.*

DO VATICANO AO UMBRAL

Depois de longo tempo de sofrimentos, dores, lamúrias, trevas e solidão, encontravamo-nos reunidos e procuravamos todos, pertencendo ao mesmo grupo, com os mesmos crimes e as mesmas falhas, juntar-nos n'um lugar em que conseguissemos ficar pela misericordia bendita de DEUS, aguardando a nossa meta de trabalho, e podermos limar as grandes arestas de imperfeição dos nossos espíritos lúgubres, afeitos ao vício, à maldade e ao crime.

Aonde nos encontramos agora, — poderei vos dizer — achamo-nos n'um paraíso, comparado com o lugar em que estivemos, do que ali passamos e sofremos; paraíso êste dado a nós pela misericórdia de DEUS, mas nos foi advertido logo por aquêles enviados que aqui nos vem proteger e amparar, ser apenas um pôsto de estacionamento, de descanso e aprendizado, para voltarmos novamente a trabalhar, sofrer e progredir.

Neste local para nós bendito, por podermos aqui pensar e elevar os nossos espíritos em préces a DEUS, conversar mesmo uns com os outros, e movimentar o espírito livremente de conformidade com o que nos é permitido, numa das nossas reuniões de aprendizado quotidiano em que nos é ensinado deixar tudo que de mal possuímos, — vícios antigos e orientação inadequada, — foi que logo após ela, soubemos existirem na Terra reuniões, onde espíritos poderiam falar, relatar tôdas as agruras e

sofrimentos porque passaram incompreensíveis aos terrenos, trocar idéias mesmo, e dizer que o que se passa aqui, é bem diferente do que é espalhado e errôneamente ensinado pela religião largamente difundida na Terra, através dos seus pregadores.

Saimos dali um grupo enorme, — pois todos procurávamos andar juntos, — devido talvez a falhas semelhantes, a crimes cometidos de igual modo, para podermos também aliviar-nos uns aos outros, do peso e responsabilidade que sabiamos agora existir sôbre os nossos espíritos.

Procuramos então reunirmo-nos mais além e combinarmos uma maneira certa de trabalhar, mesmo enquanto nos encontravamos neste setor de aprendizado, e podermos começar a pagar desde logo, o muito que nos foi dado, ao pouco pouquíssimo mesmo, de que eramos merecedores. E como poderiamos iniciar a retribuição a tão grande dádiva?...

Surgindo-nos a idéia, de imediato a luz caiu sôbre nós, e combinamos levar àqueles que não sabem, não conhecem e não passaram ainda pelos dissabores de uma morte aparente, — na realidade vida eterna do espírito, — mas mal orientada tão sòmente na sua maneira de traspasse, por ùnicamente terem sido deturpados todos os ensinamentos de Jesus, o Nazareno! E perguntamo-nos então uns aos outros, se todos estavam de acôrdo, e a um só tempo, a um só pensamento, decidiu-se a nossa meta de trabalho, para alívio e ressurreição dos nossos espíritos.

De momento, veio logo o que sempre aparece, a interrogação. Aonde iriamos baixar se nada conheciamos e eramos tão inexperientes? Mas conhecedores já, de que sem a permissão de DEUS não poderiamos fazê-lo, ali mesmo ajoelhamo-nos, e numa prece sentida do âmago dos nossos corações, fizemos chegar ao TODO PODERO-

SO a iminência do trabalho que precisavamos iniciar, e a falta de não termos em nossas mãos todo o necessário para executá-lo.

Achavamo-nos assim ainda genuflexos e concentrados em nossos pensamentos, quando diante nós uma luz forte radiosa e cheia de pureza, fez com que levantassemos a vista e ficassemos sentindo que as nossas preces tinham sido ouvidas, embora os nossos espíritos se encontrassem em tão más condições para tal merecer. E logo atrás dela, um bendito enviado se nos apresentou; disse ali estar a mandado de DEUS para que pudessemos seguir com êle, trabalhar o mais possível, dizer sempre a verdade, e levar a outros pobres irmãos sofredores, o consôlo, e a orientação de que a existência terrena é sòmente um pequeno estágio para melhoramento do espírito, que precisa de voltar e viver a verdadeira Vida.

Radiantes de alegria, e mesmo felizes por vermos que DEUS olha para todos os seus filhos com amor e misericórdia, mesmo que sejam os mais infamantes, só tivemos emoção e nada pudemos dizer àquele bendito enviado.

Minutos após, e passados os momentos mais fortes desta emotividade, consegui, instado pelos meus companheiros relatar o nosso objetivo, e perguntar-lhe se não sabia onde poderiamos ir à Terra difundir e contar o que sofremos.

Olhando para mim com bondade e um sorriso a envolver-me, disse estar já tudo planejado pelos nossos protetores, ressaltando que a nossa idéia tinha sido de grande agrado para êles, e que todos os nossos rogos iriam ser atendidos.

Pediu-nos então que fizéssemos novamente uma prece para nos ser consentido descer à Terra, e prescrutar o ambiente ora determinado por DEUS, para o nosso setor de trabalho.

Auxiliados agora, por entidades iguais àquela que primeiramente falou conosco, fomos levados a visitar o local onde iremos relatar detalhadamente, os sofrimentos e tudo mais porque passamos.

Com passes, com ajuda das entidades Celestiais, com estudo e ambientação, depois de várias vêzes que lá estivemos em aprendizado, voltamos novamente para organizar todo o nosso trabalho de modo a não ter faltas, e agradar no máximo àqueles que tão bondosos foram para conosco.

Chegou finalmente o dia em que poderiamos começar a progredir, e à nossa volta tudo transparecia alegria, contentamento e felicidade, transbordando de dentro de nós. E assim, fomos conduzidos por êste bondoso irmão, que tudo fará para nossa melhoria espiritual.

Aqui nos encontramos pois, e iremos contar cada um de per-si a sua história, história esta verídica e autentica, por conter o nome que teve na Terra o espírito relator.

Que sirva ela de bendita lição a todos aquêles que se acham ainda enganados pelas torpes mentiras espalhadas na Terra, e que precisam de uma orientação certa e segura, na direção do verdadeiro caminho, a Vida Espiritual.

Depois de muito sofrer e também muito aprender, sabemos agora que uma das coisas principais para o espírito, é ser conhecedor da verdadeira Vida, e sentir a presença de DEUS em tudo que o rodeia.

Necessário é leitores amigos, aprofundar-me mais um pouco neste assunto, para que chegue ao vosso conhecimento todo o emaranhado feito por nós, e também por nós sentidas tôdas as consequências.

Como em tudo e em todos os lugares terrenos existe a atmosfera astral, ou melhor, irradiações mentais exteriores, formadas por ondas de pensamentos, quer êles sejam bons ou maus, ondas estas, que são levadas

gradativamente ao espaço e transmitidas ao lugar onde se encontram aquêles que tudo querem fazer por nós, e levar-nos à Salvação.

O lugar por nós habitado na Terra, conhecido por tôdas as criaturas como o mais alto grau a que pode chegar o homem terreno, classificado mesmo em igualdade AO TODO PODEROSO, certo é entretanto não receber intuições nem benefícios dos Altos Poderes da Espiritualidade, devido unicamente, a ser lugar de luxúria, riquezas incalculáveis, de grande falta de moral, e principalmente por achar-se rodeado de todos os vícios e vicissitudes que consigo carrega a moeda terrena, "O Vaticano"!, "Vaticano" que tôda a humanidade aceita, como sendo uma pequena imitação da morada Celestial... lugar adorado por todos; sãos, doentes e mesmo enfermos da alma, mas que, apesar de ser rodeado do maior confôrto e de tudo mais que se pode possuir em bens terrenos, emana entretanto de si, não irradiações benéficas como pensam encaminhadas até DEUS, mas sim, formam uma ponte de penumbra, no caminho reto que conduz ao lugar do pranto e ranger de dentes... o Umbral!...

Todo o espírito que para lá caminha, tem a esperá-lo o sofrimento mais angustiante, a desolação, a angústia e o aniquilamento de si próprio... As pompas de que nos rodeamos na Terra, tôdas aquelas exibições de grandeza, todos aquêles atos que praticamos e fizemos cumprir... que poderei agora vos adiantar, serem infamantes para todo aquêle que tem um pouco de inteligência, só fizeram com que passassemos anos, muitos anos mesmo, de amarguras e sofrimentos, até que pudessemos nos refazer erguer novamente a cabeça, e olhar diretamente para o ALTO, para o INFINITO, para DEUS!... E é desta ponte, caminho de trévas, de desorientação e desenganos, que começaremos a nossa narrativa, — não sem antes vos dizer, para que não o esqueçaes — que

a humildade do espírito, é uma das virtudes que mais depressa faz se eleve êle para DEUS, e que a soberbia, o orgulho, a vaidade e a prepotência de achar-se onipotente, carrega-o para a desgraça de anos e anos de sofrimentos e desilusões.

Aí está pois, leitores amigos, o preâmbulo que não poderia deixar de vos mostrar, e que é a ponte que nos conduzirá até ao lugar do sofrimento; e daí depois, não para a Salvação direta, porque devido a termos sido talvez os mais errados espíritos que pela Terra passaram, precisamos por êsse motivo, de ainda encontrarmo-nos onde estamos, para daqui então, no momento oportuno sairmos auxiliados por êstes bondosos irmãos maiores da espiritualidade, que não se cançam de ajudar-nos, e a todos aquêles que precisam da sua proteção.

Para terminar, peço-vos prestar atenção a tôdas as narrativas, tirar delas e de suas simples palavras, da mais pequenina história mesmo, o aproveitamento que puderdes, para que nunca sofraes as desilusões e os desenganos, que até há pouco tempo tivemos no Vale das Sombras...

URBANO BARBERINI — *De Florença. Viveu no século XIV.*

Em abril de 1442, encontrava-me às portas da morte num leito de imenso quarto, sentindo à minha volta todos aquêles que faziam parte do principado por mim dirigido.

Olhava-os, e pensava comigo não ser possível acontecer semelhante coisa, — a morte — devido a julgar serem o meu corpo e a minha alma superiores a todos aquêles que me rodeavam.

Vêz por outra, sentia desaparecerem completamente da minha frente todos aquêles tão meus conhecidos, e logo apresentava-se diante mim outro quadro totalmente diferente do que já estava acostumado a ver.

Então, como num grande pesadelo, chegavam-se-me criaturas horrendas e horripilantes, rindo-se umas, outras fazendo mesmo caretas, e outras mais querendo segurar-me, e carregar-me com elas.

Senti então debater-se no meu íntimo uma estranha fôrça, e pensava achar-me mesmo diante de um triste pesadêlo. Momentâneamente a visão retornava, e sentia-me novamente rodeado daqueles, que de rostos apreensivos queriam ver a minha melhora, chegando mesmo a ouvir a oração sussurrante sair de todos os seus lábios.

Pensei então: Será mesmo chegada a minha hora? Será isto a morte? Pelo que estarei eu passando? E novamente tôdas as idéias obscureciam-se, sentia enorme pesadelo, grande mal estar, e um doloroso sofrimento...

Não sei quanto tempo assim fiquei entre vai e vens consecutivos. De uma para outra visão senti como que uma enorme pancada na cabeça, e pensei mesmo desfalecer. O tempo preciso que durou entre êste meu desfalecimento e retorno dêle, até hoje não posso saber. Talvez, marcando pelo tempo da nossa vida terrena, pudesse calcular mais ou menos um ano; ano êste passado completamente em transtornos evolutivos e devolutivos, sentindo as mesmas dores a entranhar-me o corpo, e a todo o instante querer ordenar as idéias, sem poder fazê-lo.

Num dado momento, pude começar a ouvir à minha volta gemidos por todos os lados, e fiquei já podendo coordenar um pouco o pensamento, julgando encontrar-me ainda no Palácio de luxúria que habitava, sentindo que talvez a visão me tivesse sido tirada devido aos males adquiridos, mas logo vinha até mim novamente a preocupação de não estar sendo atendido devidamente, sentir frio, achar-me desagasalhado mesmo, com um mau estar indefinidamente incalculável, e difícil de poder ser descrito...

E assim passei muito tempo; tempo indeterminado em que a alma, ou melhor o espírito, restou na torpêza de pensamentos, no aniquilamento de palavras, sem defesa, e sem poder ver sequer, um pequeno centímetro à sua volta.

Tempo após, — calculá-lo seria impossível, — comecei a poder rastejar-me, e depois de grande esforço ter feito para dar alguns passos, ficava de novo desfalecido, sentia o abatimento tomar novamente conta de mim, admitia então não ser possível achar-me ainda vivo, porque não me via cercado de todo o conforto, de tôdas as pompas e regalias, e pensava: aonde poderia me encontrar? Morrer eu? Impossível!... Se isto tivesse acontecido, estaria sendo recebido no Céu, com cânticos de hosanas e de alegria executados pelos Anjos, aguar-

dando a minha chegada!... Mas o que estaria se passando finalmente comigo? Que tamanho pecado poderia ter cometido, para encontrar-me onde estava, em tão grande sofrimento?

A confusão e o mau estar rodeavam-me novamente; e entre lamúrias, chôro convulsivo, horripilante cheiro e podridão, ali ficava contìnuamente enojado de tudo aquilo... Já cansado e sem fôrças, entrava mais uma vez em plena inconsciência. Ocorreu finalmente o dia em que pude, depois de grande esfôrço feito, conseguir aproximar-me das vozes que há muito tempo ouvia, e chegando até lá, pensando encontrar aquêles que sempre estava acostumado a me servirem, depararam-se diante mim desfigurantes criaturas, tôdas elas carregadas de defeitos os mais horripilantes e jamais vistos, ficando ao mesmo tempo, nauseado ao ver tantas e horríveis deformidades...

Antes que chegasse até êles parei um pouco, querendo mesmo retroceder, mas vendo-me e pressentindo a minha exitação, rindo-se e escarnecendo de mim aproximaram-se, e sem que eu pudesse afastar-me, devido à falta de fôrças, conhecedores do pensamento repulsivo que tinha sôbre êles, dirigiram-se até mais perto, e perguntaram-me: porque estava eu tão enojado das deformidades físicas que tínhamos? Sem poder responder-lhes, — devido a tanto mal estar que sentia — perguntei-lhes ùnicamente, que lugar era aquêle, onde me achava, pois pensava estar perdido e queria encontrar novamente o meu caminho. Riram-se, acharam muita graça, e disseram encontrar-me ali no lugar onde todos ficavam por bastante tempo, mas sem poderem me dar a explicação que esperava. Voltando-se, perguntaram-me ainda se não teria um espelho para ver-me, pois só poderia sentir o enojamento dentro de mim, da repulsa que fazia às nossas

deformidades, depois de olhar-me, e notar também as que possuía.

Fiquei sem palavras e sem ânimo para responder-lhes, porque não compreendia rirem-se das minhas deformidades, que julgava não as ter. Era perfeito e limpo, carregava comigo as vestes mais ricas e suntuosas, e não aceitava de modo algum, tamanha afronta à minha santa personagem.

Habituado a ser rodeado de tudo e de todos, a ter diante de mim multidões ajoelhadas, pedindo a minha bênção e proteção, via-me agora perante uma discordância absoluta, cheio de pensamentos confusos, e sempre que podia dizia comigo mesmo, ser impossível encontrar-me vivo. Mas onde me achava então? Perdido novamente? Impossível também!... Não tinha eu o direito de ser levado de imediato, para o lugar a mim reservado no Céu? Não estaria êste lugar, ou melhor, êste trôno condignamente esperando a minha chegada? Como seria possível estar eu aqui, quando tinha sido na Terra príncipe dos príncipes, a segunda pessoa abaixo de DEUS, e agora rastejando na lama, e escarnecido por aquêles que ali se achavam à minha frente? Espelho?... Não o possuia por não ser do meu hábito, e mesmo que o tivesse, não teria a coragem de defrontar-me perante êle, pois sentia já no âmago da minha alma qualquer coisa a me dizer e palpitar, que deveria ser verdade o que estavam me dizendo. Mas qual seria a minha deformidade? O que se apresentava no meu corpo que antes era tão perfeito? Era sim posso dizer, gôrdo de mais, mas isto ùnicamente devido à gulodice, e às inúmeras iguarias por mim ingeridas.

Enquanto estava nesta confusão de pensamentos, voltando-se novamente para mim, disseram outra vez se não desejava ver a minha deformidade para depois rir-se da dêles, e ofereceram-se para levar-me uns metros

um pouco à nossa frente, onde diziam existir o espelho que eu não tinha. Arrastando-me com dificuldade, mais por instinto do que pela própria vontade, mais por curiosidade para ver se o que me diziam era verdade, — consegui chegar até ao local por êles indicado. Num relance imediato, senti não poder olhar a minha figura ali refletida, por achar-me diante de um charco de lama, fétida e purulenta, a correr dardejante no sentido por nós divisado em longa extensão. Mas, como até ali tinha chegado, abeirei-me bem de perto, e com grande facilidade pude ver horrorizado o que possuía... Várias vêzes voltei-me para trás, para ver se o que estava ali refletido não seria a imagem de algum daqueles que estavam me acompanhando, mas logo verifiquei encontrar-me só; e sòzinho notei então a horripilante transformação que possuía, a grande deformidade que carregava. Ali mesmo à beira do lôdo, do charco, e da fedentina ambiente, quedei-me acabrunhado num pranto ininterrupto por muito tempo, sem saber o porquê de tudo que tinha-me acontecido, e estava acontecendo. Quanto tempo assim passei novamente, não sei nem posso calcular!...

Em dado momento entretanto, fui acordado, — não por achar-me dormindo mas pelo torpôr em que me encontrava, — por aquêles que me rodeavam até então, querendo levar-me outra vez com êles, para o lugar onde antes haviamos estado. Depois de muito resistir, deixei-me conduzir, por sòmente sentir dentro de mim a incompreensão de tudo, a falta de qualquer raciocínio, e achar-me portanto completamente aniquilado.

Segui então com êles, mas sempre com grande dificuldade de movimentos, como se tivesse sôbre mim um grande peso, — eu que nunca tinha levantado sequer uma palha, pegado num alfinete, ou movido por menor que

fôsse qualquer objeto, — mas não havia outro geito senão carregá-lo; tamanho era, que quase me fazia andar com as mãos à frente dos pés para equilibrar os movimentos, andar êste que poderei compará-lo ao de qualquer animal, transportando enorme carga.

Chegando até lá, o ambiente continuou o mesmo: frio, trevas, tristezas, escárneo, incompreensão, todos ao mesmo tempo a lamuriarem-se; como se ali tivesse sido descarregada uma enorme multidão de pessoas, tôdas elas completamente esquecidas de DEUS!...

A raiva, a intolerância, a blasfêmia apoderavam-se de todos nós, e consecutivamente os ultrages saiam das nossas bocas, injuriando a tudo aquilo que tinhamos aprendido, ensinado, e usufruido suas vantagens...

Até nós, impossível era chegar uma pequenina réstia de luz, pois o ambiente só era de trévas e solidão...

Perguntava então eu, onde era que nos encontravamos, e de nenhum daqueles que faziam parte do nosso círculo de lamúrias, a resposta nos era dada...

Assim ficamos mêses, anos, muitos anos infindos mesmo, até que depois de não termos mais fôrças para insultar e injuriar, de já estarmos totalmente arrasados e aniquilados, começamos a sentir chegar até perto de nós, um ar completamente diferente daquele a que estavamos habituados. De tão longe êle vinha, de tão distante o sentiamos, que devido a já estarmos familiarizados com o triste odôr que nos envolvia, ficamos todos ansiosos, aguardando o que teria motivado aquela diferença; aquela aragem confortadora que penetrava em nossos espíritos, transformando-se pela primeira vez dentro de nós, num bálsamo benfazejo e consolador...

Todos calados, nervosos mesmo, conseguimos depois de algum tempo, ver que os nossos pensamentos modificados para o lado do arrependimento, não tinham sido infundados, e, abismados pela surprêsa, vimos aparecer

diante de nós várias entidades, — que hoje sabemos serem espíritos, — mas completamente diferentes daqueles que estavamos habituados a ver: perfeitos de fisionomia, e rodeados de tão forte luminosidade, que imediatamente tivemos deixar de fixá-la, receiando ficar cegos, por durante imenso tempo só termos vivido e estarmos habituados à escuridão...

Olhavam-nos, e era bastante que nos fixassem, para logo sentirmos que algo de superior tinhamos diante de nós!...

Pensei então comigo; teriam vindo até ali os benditos Anjos por mim aguardados, para tirarem-me do engano a que tinha sido conduzido, o Inferno, e ser levado agora com grande pompa e alegria para o lugar que me era devido? Arrastando-me, coloquei-me à frente de todos os demais, com a certeza absoluta de que iria ser alçado até ao plano onde se encontravam aquêles benditos enviados, deixando para trás de mim uma enorme multidão de andrajosos, a que não estava habituado, e que grande repulsa tinha em me achar junto dêles.

Feliz, satisfeito e orgulhoso mesmo, — já sentindo ser o primeiro a ser chamado — esperei; e muito admirado e preocupado fiquei quando vi até mim chegarem, não me reconhecerem, passarem à frente, desviarem-se do meu caminho, e conduzirem-se até um que lá no fim se encontrava, levando-o consigo!...

Dentro de mim, avolumou-se então aquela revolta que há tanto tempo queria exteriorizar, e, apoderando-se do meu espírito, procurei investir contra aquêles que de volta, por mim novamente, passavam, querendo lembrar-lhes se não notavam quem eu era, se não estariam enganados, pois deveria ser eu, e não aquêle pobre infeliz que iam carregar. Ao que estava mais perto de mim, e contra quem quiz agredir com tôda a minha fúria, olhou-me calmamente, colocou a mão na direção onde me encontrava,

e instantâneamente, paralizou-me tudo quanto possuía: as fôrças que antes manifestava, a vontade de andar, de rastejar mesmo; nada disto mais tinha. Fiquei quieto, imobilizado, quase petrificado!...

Depois de ter-me subjugado completamente, voltou-se para mim e disse que eu precisava compreender, que na Casa do Pai, os últimos serão os primeiros, e que os primeiros como tal assim considerados na Terra, serão os últimos; que para onde levavam aquêle espírito não existiam nomes, posições, ou hierarquias, mas sim o sofrimento já familiarizado com o próprio espírito, o arrependimento, e a compreensão dos atos infamantes por si praticados.

Nada podia fazer por achar-me sem fôrças de qualquer espécie, mas consegui ainda ver afastarem-se, levar consigo um único daqueles que compunham o nosso grupo, e fiquei então triste, olhando fixamente o seu desaparecimento até onde a minha vista podia alcançar!...

Logo em seguida gritei, esperneei, esbravejei, mas tudo em vão!... Lágrimas novamente derramei, e apesar do sofrimento e da desilusão, sentia já terem ficado gravadas dentro de mim, aquelas palavras que por muito tempo não sairam do meu pensamento!... Pensei, pensei muito, e tirei a conclusão de que era realmente aquilo, que eu também tinha ensinado e difundido. Que na Casa do Pai, existiam muitas moradas, que sempre os pobres e os humildes seriam os primeiros, e que os avaros, os orgulhosos, e os ricos de bens materiais, ficariam para trás.

E novamente avizinhando-se do meu pensamento a recapitulação do passado, meditei nele, e muito admirado perguntei a mim próprio: como ensinavamos nós aquelas coisas, e viviamos rodeados das maiores riquezas, servidos e avassalados por tôda a humanidade, considerando-nos verdadeiros deuses?

Nestes pensamentos fiquei por muito tempo, e quando chegaram até nós novamente aquêles benditos irmãos para levarem consigo o que mais merecimento tivesse, não procurei mais chegar-me até êles. Quedei-me no lugar onde me encontrava e tinha ficado, desde a última vez que dali tinham saido. Atenção alguma prestei a quem levariam novamente. Nada mais me interessava... Sòmente pensamentos borbulhantes dentro de mim, faziam com que sentisse cada vez mais, iniciar-se uma pequenina fagulha de tristeza e arrependimento, por ter vivido tão mal as palavras que tinha ensinado!... E quando envolvido estava ainda por êstes pensamentos alertadores, de repente vi surgir sôbre mim uma grande luminosidade, e voltando-me achavam-se aquartelados ali perto, aquêles contra quem quiz investir e agredir, olhando com grande pureza e bondade para mim, dizendo: — Vem meu filho, chegou a tua vez.

A interrogação, a alegria, a emoção e o infindo agradecimento, fizeram com que tivesse um desfalecimento completo, e nada mais visse nem sentisse à minha volta.

Quantos anos passei neste estado, impossível me é dizê-lo!... Quando acordei porém, achava-me rodeado de todo o carinho, carinho bem diferente daquele que estava acostumado a ter, pois era simples, singelo, afetivo, espiritual!... Bálsamo confortador, o melhor dos remédios que até então havia tomado!...

Diante de tanto conforto, tão diverso daquêle a que antes estava habituado no ambiente terreno, e que agora vejo ter sido de pura falsidade, pois não fazia me sentisse completamente satisfeito. Perante o que ora encontrei, não mais procurei lembrar-me do que tinha sido na Terra, nem imiscuir-me no passado, pois que estava ali deitado conjuntamente com tantos outros, e não num lugar exclusivamente reservado para mim. Nada mais me interessava agora, e procurava sòmente esquecer tu-

do quanto de luxuoso tinha possuído, tamanho era o bem estar e a satisfação íntima que sentia, depois de tanto tempo de sofrimento. Isto sim, era para mim um verdadeiro Céu, uma generosa e bendita dádiva de DEUS!

E ali fiquei por bastante tempo, primeiro, sendo tratado cuidadosamente de todos os traumatismos materiais porque tinha passado, e depois ter de ouvir tudo que novamente me ensinassem, aprendesse então quais as verdades que deveriam ser seguidas, e recusadas aquelas que erroniamente tinham sido por mim disseminadas.

Por princípio e base foi me dito, que a Lei principal de resgate e regeneração era a da reencarnação consecutiva, até que o espírito adquirisse o grau devido de perfeição. Depois de certo tempo decorrido, e já sentindo dentro de mim todos êsses ensinamentos, fui conduzido ao lugar onde teria que me preparar para encarnar, e como tal arcar com tôdas as responsabilidades a resgatar, assumidas pelo meu espírito.

Perguntaram-me então outros espíritos benfazejos, se já tinha a compreensão devida de todos os males por mim praticados, e a uma resposta afirmativa, inquiriram-me se estava em condições de voltar novamente à Terra. Respondi-lhes que sim, e disseram-me logo, que grande era o plano de resgate que iria enfrentar; que teria de fazer todo o esforço para limar meus defeitos, e conseguir sempre que os melhorasse, ultrapassar o plano em que ora me encontrava, — já considerado por mim um verdadeiro paraíso — denominado por aquêles espíritos benfazejos, — Plano de Resgate e Salvação.

Fortalecido por tão animadoras orientações, cheio de grande ânimo e vontade de logo progredir, procurei encarnar com a prova máxima que me poderia ser dada, que era a de levar comigo tôdas as deformidades sentidas por meu espírito no Vale das Sombras, resultantes de tôdas as maldades e faltas que havia cometido.

O que senti à beira do riacho de lâma, levei comigo por encarnações consecutivas, e em tôdas elas, não conseguia limar os defeitos e falhas em mim existentes, por sempre e sempre resvalar, pelo orgulho nato que sentia em ver-me novamente na Terra, e não usufruir o ambiente por mim vivido de luxúria e grandeza, em encarnação longínqua!

Muitas foram estas, inúmeras mesmo, que tive, carregando sempre o mesmo defeito físico, pedindo em tôdas elas para com êle voltar novamente, com o fim de resgatar logo o que de pior possuía.

Depois de muito sofrer... muito aprender... e muito procurar dar a todos aquêles que por mim foram desviados do caminho da verdadeira compreensão, voltei de novo para o plano de recuperação, e cheguei finalmente a alcançar a alegria de não mais precisar de voltar com tão hedionda deformação.

URBANO VI (Bartolomeo Prignano) Italia 1378 - 1389

BARTOLOMEU PRIGNANO — *Viveu na época mais tumultuosa da Igreja, pela discórdia existente. Governou juntamente com mais dois Papas designados pela França e Rússia, resultado da desigualdade de idéias fundadas áquem da verdade ensinada pelo Cristo.*

Como não poderia deixar de dar também o meu pequeno apôio, a todos êstes meus companheiros de vidas consecutivas, infelicitadas por nós próprios, vim hoje até aqui para mostrar-vos as tristezas, os embaraços e as aflições passadas pelos nossos espíritos, devido exclusivamente, à única falta de não saber e nem procurar compreender a Verdade de DEUS.

Começarei por vos mostrar que nasci na Sicília. Filho de pais muito pobres, com a minha chegada ao Mundo, não lhes transpareceu a alegria peculiar notada em tôdas as criaturas pelo ocorrido, devido exclusivamente, a já terem uma grande prole para cuidar, e sem meios para fazê-lo.

Como era costume nesse tempo tomar-se por padrinho o mais alto dignatário da aldeia, convidaram o Conde Stéfano de Passerelli para apadrinhar meu batismo.

Logo após, tendo acontecido desaparecer do número dos vivos, nossa mãe, cada um de meus irmãos foram enviados àqueles que tinham sido seus principais protetores de batismo, e eu, como os outros, com mais de 4 anos de idade, fui levado para a Mansão do meu padrinho.

Lá chegando, como era de hábito, e não tendo ninguém para tomar conta de mim, escolheram logo que para lá fui, a carreira que deveria seguir. Sendo todos, afeiçoados católicos apostólicos romanos, foram de opinião geral, que devia ser-me ensinado o santo ofício do sacerdócio.

Seguindo os estudos, e tendo um tão grande e poderoso protetor a ajudar-me, subi ràpidamente, logo me ordenei, e pulando consecutivamente sôbre todos os lugares, consegui chegar com pouco mais de 39 anos, a um perfeito Cardeal.

Nesta posição, estando encarregado de cuidar da Província de Florença, aconteceu desaparecer o então príncipe da Igreja, principal mandatário sôbre todos aquêles que seguiam suas orientações, e sôbre mim próprio.

Continuando ainda, com a mesma influência e ajuda daquele que sempre me dera a mão, intervindo êste com grande dádiva em moedas, reuniu-se naquele tempo o Conclave, e sem espanto algum da minha parte, porque já o esperava, galguei o trôno Papal, por mim almejado.

De posse dêste, sabia poder conseguir tudo que quizesse, pois a um pensamento meu, uma pequena ordem, tudo era cumprido e seguido silenciosamente, e desapercebidamente, por aquêles que rodeavam o lugar onde eu morava.

Começaram então a apossar-se de mim, todos os recalques do tempo em que tinha sido humilhado, ridicularizado, e sempre chamado, "o pequeno desamparado" ajudado por aquêle alto e poderoso dignatário da aldeia.

Querendo mostrar-lhes tôda a minha superioridade, e sem voltar o pensamento para as coisas da alma como era do meu dever, tornei-me inebriado pelas riquezas que pensava serem minhas, orgulhoso, déspota e autoritário, procurando espezinhar todos aquêles que me rodeavam.

O sentimento de pureza, castidade, afastaram-se completamente do meu caminho, e como verdadeiro obsidiado, voltei-me inteiramente para tôdas aquelas criaturas que dependiam do meu apôio e da minha ajuda, quer monetàriamente, quer hierarquicamente.

E' triste dizê-lo... mas, tinha a meu lado como ajudante, uma criatura que tudo fazia para trazer até mim a tentação, querendo arrastar-me a passos largos para o lodaçal do vício, e demais vicissitudes por mim desenfreadas e mesmo doentias.

Neste caminho de vida vergonhosa, mas sempre encoberta para que nada transparecesse fora das paredes invulneráveis do suntuoso Palácio por mim habitado, levei-a até ao máximo que um homem pode aguentar, e desencarnei em consequência da minha insaciável sêde de vícios e gôzos materiais.

Inesperadamente achei-me cego, e pensei talvez ser motivado dos muitos ataques que sofria consecutivamente; mal êsse na antiguidade só acometer àquêles que não estavam com DEUS, afastando-os para lugar deserto, deixando-os morrer à chuva e ao relento.

Depois de bastante confusão, de falta de ar, e sentindo consecutivamente o mal que tinha comigo, comecei a ser agarrado e mesmo sem nada ver, sentia várias criaturas, ora gritando, ora rindo ou esbravejando, puxarem-me para todos os lados a dilacerarem-me a carne, parecendo quebrarem-me o corpo em vários pedaços.

Meio dementado, conseguia às vêzes notar e ouvir vozes por mim não conhecidas, mas ao mesmo tempo ficava novamente como se estivesse desacordado, e tudo desaparecia à minha volta!...

Depois de tempo indeterminado neste sofrimento, pude distinguir aquelas criaturas que permanentemente me cercavam, e reconheci horrorizado, estarem ali presentes, tôdas as infelizes a quem tinha tirado a honra, e mesmo mandado dar fim às suas existências, para que tudo ficasse em silêncio e absolutamente desconhecido...

Ao verem que as havia reconhecido, começaram a maltratar-me e por mais que quizesse e fizesse, não tinha fôrças para controlar a quantidade imensa que me

rodeava; consecutivamente parecia desfalecer tal era o mau trato e sofrimento, causados por aquelas a quem tanto tinha humilhado na Terra. Mas estava tão atordoado e bestificado, que não passava ainda pelo meu pensamento, a idéia de ter deixado a vida terrena.

Após inúmero tempo de grandes e penosos padecimentos, sempre da mesma maneira, já pensando não ter sôbre mim siquer que fôsse uma pequena parcela de carne; tudo me tinha sido tirado. Consegui finalmente ver o que de mim restava, e estarrecido do que observei, pela primeira vez os sentimentos de repulsa, de vergonha, e de tristeza apossaram-se de mim, e com êles jorraram de minhas faces as primeiras lágrimas de arrependimento, nunca por mim derramadas na Terra!...

Fiquei admirado em achar-me chorando, e notei então que era impossível um pesadêlo tão horrendo, poder desdobrar-se por tanto tempo, sem que conseguisse acordar!...

Já não tendo mais o que de mim tirar, — pois como vampiros esfomeados levaram até o menor pedaço que me restava — afastaram-se satisfeitas, não sem afirmarem voltar muito em breve, para continuarem a me martirizar.

Onde me achava continuei, por não possuir um único alento a que pudesse levantar sequer, o pequeno dedo que julgava me restar...

Tempo infindo!... Incalculável mesmo passei naquela posição, sempre num alheiamento quase completo. De tempos em tempos, tentando procurar pensar, mas sempre sem o conseguir, devido exclusivamente a todo o emaranhado de idéias confusas que me envolviam, para poder começar a raciocinar.

No momento preciso, — que hoje sei ser orientado por DEUS, — na hora oportuna, determinada para deixar o sofrimento em que me achava, apareceram-me mais

claras as idéias, e pude então desemaranhar o grande e tormentoso novêlo da minha existência, e reconhecer estar eu já fora do ambiente faustuoso em que morava, e sentir encontrar-me no que pensava ser o Inferno, por mim ensinado...

Consciente agora daquilo que havia feito, — pois só tinha praticado o mal, — pensei mesmo ter sido arrastado para o Inferno, para ali ficar a ser queimado consecutivamente por séculos e séculos, eternamente...

À minha volta, estavam todos aquêles iguais a mim, que sempre procuravam me rodear, para ultrajar-me e ridicularizar-me. Ficava às vêzes surpreendido em não encontrar ali aquêles duendes tão meus conhecidos, nos painéis pintados que ornavam o Palácio onde morava, e só ver por todos os lados, o que julgava serem andrajosos iguais a mim, mas sem sentir aquêle calor do Inferno, suas chamas e seu temor. Pior do que isso, era entretanto tudo aquilo porque estavamos passando e sentindo!... Se existissem as chamas, existia um pouco de luz, existiria o calor que tanta falta nos fazia. A nos rodear, tinhamos sòmente a escuridão, as trevas, indefinidamente as trevas por todos os lados, as nossas agruras, os nossos defeitos a transparecer contìnuamente, causando-nos além de tudo isto, uma frieza gélida, penetrando profundamente em todos nós, provocando-nos desconfôrto tão incomensurável, que não encontro palavras condignas para o descrever.

Finalmente, ressurgiu o dia em que apareceram aquêles que não esperavamos, que com a sua irradiante bondade vieram até nós trazer-nos um pouco de luz. Ansiosos então que estavamos em querer olhá-la, ofuscavanos a vista provocando ao mesmo tempo forte choque elétrico, devido não só à sua forte luminosidade, como ainda por há muito tempo, não estarmos habituados a vêla e sentí-la.

Uma dor infindável transpassava o âmago da nossa alma, por ser-nos penoso ver, ou melhor, querer ver a luz, continuar a contemplá-la, e não poder!... O que tínhamos de fazer então, era colocar as mãos sôbre os olhos, posição esta que mesmo não o quizessemos, ficavamos em curvatura para mostrar a nossa imensa inferioridade, perante aquêles que ali se apresentavam, para nos tirar do imenso vale de sofrimentos.

Sem poder locomover-nos, fomos dali retirados oito espíritos, carregados com o maior carinho e abnegação, e levados para um lugar de imensa claridade, onde passamos muito tempo sem poder contemplá-la, pela nossa falta de ambientação.

Descrever o que se passou conosco é quase impossível fazê-lo, mas é necessário saber, que não só na Terra existem hospitais. (*) Aqui também os há, para o conforto moral e para descanso do espírito.

Não penseis caro leitor, que tudo que vos é contado por nós espíritos, é fantasia, pois tereis ocasião de passar, não digo pelo que eu passei, mas por outros lugares e setores de que ficareis abismados. E ali ficamos: primeiramente, para que eu pudesse começar o grande tratamento que deveria melhorar a minha pobre alma, tendo de ser feita a recomposição do meu perispírito, em todos aquêles pedaços que me haviam sido tirados por aquelas infelizes criaturas por mim difamadas, tratamento êste indispensável, para que pudesse vir a compreender as Divinas Verdades, pois sentia-me ainda muito agarrado à materialidade, — noventa por cento, posso vos dizer.

Aqui passei muito tempo, e admirado ficava em ver à minha volta, a caridade eficiente e verdadeira, sem vi-

---

(*) Não como os materialmente descritos, mas lugares criados para recuperação do espírito e desapêgo da matéria condizente à qual até então se encontrava.

sar a errada e habitual compensação terrena. E logo que o trabalho em mim ficou concluído, fui conduzido para o setor de preparo: O Grande e Sublime Vale da Reencarnação.

Antes de haver chegado ali, pensava não existir tal coisa. Achava-me já satisfeito por terem-me livrado de todo aquêle cativeiro de dor, conseguindo uma felicidade de algum modo confortadora, comparada aos inúmeros sofrimentos porque havia passado.

Logo no começo, senti que se aproximava de mim tôda a responsabilidade, que me havia sido temporàriamente afastada enquanto era curado, e medi mais uma vez, quão imenso seria o vale de lágrimas que se iria deparar à minha frente, pelo qual teria de passar.

Tôdas aquelas pobres criaturas que tinham sido por mim infelicitadas, uma a uma inverter-se-iam sôbre o meu espírito, os atos de responsabilidade que lhes havia praticado. Voltaria à Terra para sentir ìntimamente todo o sofrimento de vergonha, e as provações que tinha feito passar a tôdas elas, as quais igualmente se achavam também, em preparação para reencarnarem.

Vi então a infelicidade a rodear-me novamente, e por muito tempo fiquei sem fôrças e coragem para enfrentar o ambiente terreno. E para que não vos dizer? Tive que ser impelido a fazê-lo, por achar-me acovardado.

Em dado momento, senti um sono profundo, e quando acordei não mais me encontrava no lugar a que já estava habituado, mas sim acorrentado o meu espírito a uma matéria desfigurada, hedionda mesmo, em corpo de mulher, para pagar todos os sofrimentos que havia causado às pobres donzelas do meu tempo!...

Não me aprofundarei mais nesta triste encarnação, pois já conheceis o resultado que dela tive, nesta narrativa que vos fiz. E para resumir devo dizer-vos ainda, que tantas vêzes voltei quantas foram necessárias, até pagar

a última difamação que tinha feito, o último ceitil de dívidas que havia acarretado sôbre o meu espírito, da parte do orgulho, da avareza, da soberbía, porque sempre e sempre tenho vindo sendo espezinhado, maltratado e desprezado.

Cada vez que ressurgia para a verdadeira vida, novo vale de lágrimas passava sôbre mim, em ver que muito tinha pela frente para pagar, além de muitas outras conseqüências novas, adquiridas para o meu espírito.

Desgovernado que era, e ainda desconhecedor das Verdades Espirituais, sentindo-me envolto por uma matéria ultrajada e violentada, procurava reagir por minhas próprias mãos, e fazer justiça com elas.

Novamente tinha que voltar, e quase sempre, não só para pagar os ultrajes que havia praticado em tempos remotos, mas tendo agravado mais os meus débitos, acarretando para o meu espírito mais crimes executados. Como entretanto todo o espírito tem que progredir sempre e sempre, embora estacione por tempo indeterminado algumas vêzes, comecei a deixar de praticar novos crimes, e a pagar sòmente os meus débitos atrazados. E assim, aqui me encontro agora, ainda com grandes resgates, mas não mais ligado a crimes hediondos, e sim a ensinamentos mal orientados que preguei, e que só agora irei pagar, porque primeiramente, tive de resgatar aquêles outros mais infamantes e de maior responsabilidade, que pesavam sôbre o meu espírito.

Pela palavra mal empregada e pelas Verdades mal disseminadas e mesmo deturpadas, voltarei agora, para tirar o erro que a tantas multidões ensinei e exemplifiquei.

Já dando um pouco de início ao resgate que terei de pagar, transbordante de alegria e boa vontade de progredir, e principalmente de trabalhar com a palavra voltada ùnicamente para os Verdadeiros Evangelhos de DEUS,

tudo que aprendi e me foi ensinado pela Sua Bendita Misericórdia, procurarei exemplificar, e levar não só àqueles que ostentam nomes de grande classe e posições, mas aos pequeninos sofredores, que os receberão mais depressa, e acolherão tôda a palavra amiga que lhes chegar perto e toque o coração.

Bendita seja a Divina Criação de DEUS, regendo o Universo com as Suas Sábias, Perfeitas e Maravilhosas Leis, permitindo a todos os espíritos, por acréscimo sempre de Sua Misericórdia, que através da reencarnação bendita, pudesse eu e todos os espíritos, limarem os grilhões de defeitos que consigo carregam...

Reencarnação!... Palavra Santa e Salvadora para todos nós... pois faz com que através dela, não fiquemos encerrados indefinidamente no Vale das Sombras, e sim possamos reerguer-nos, conseguir olhar para o Alto, ver e sentir que acima de nós existe O NOSSO PAI, MISERICORDIOSO E BOM, DEUS!...

Reencarnação!... Tudo te devo, pois sem ti seria verme vil rastejando na lama, e no lodaçal fétido da infelicidade eterna!... Graças te dou oh! DEUS ONIPOTENTE, por TUA MARAVILHOSA CRIAÇÃO, E MISERICÓRDIA BENDITA para com todos os TEUS filhos, mesmo que sejam os mais infamantes, e os maiores pecadores.

CALIXTO III (Alfonso Borgia) Espanha 1455 - 1458

AFONSO BORGIA — *De família nobre espanhola, conservou juntamente com membros da sua clã, o poderio. Nada ou quase nada lhe é atribuido pela Igreja querendo esta fazê-lo esquecido.*

Um dos mais traumatizados ainda, pelos grandes sofrimentos que tive, juntei-me a esta Caravana da Ressurreição, não pensando ser-me dado o benfazejo dom da palavra, por estar ainda sofrendo as conseqüências funestas por mim adquiridas. Infelizmente não consegui dominar até agora a fraqueza que sinto em meu espírito, relacionada esta, às inúmeras provações a que tive de ser submetido.

Conheceis, já bastante detalhadamente, o Vale das Sombras, do sofrimento e da dor, e por isso começarei a narrar-vos tôda a minha triste história como delator de mim próprio, desde o momento em que arrependido, fui envolvido, — como todos são depois de longo tempo de sofrimento, — pelos Benditos Emissários do Bem.

Perturbado, muito perturbado mesmo, não mentalmente, mas sentindo-me combalido e muito fraco, segui amparado por aquêles bondosos espíritos para determinado lugar, completamente desconhecido de todos os que moravam na escuridão, e que se nos iria deparar à frente. Quem dali saía não mais voltava para contar o que lhe havia sucedido. Por isso encontrava-me diante de uma grande interrogação, e, mentalmente absorto, aguardava com ansiedade o que comigo iria se passar. Pelo caminho fui logo sendo orientado de que não tinha mais a existência material, e devia procurar erguer consecutivamente o pensamento para o Divino Criador, pe-

dir Sua proteção, que imediatamente sentiria Seus efeitos preponderantes sôbre meu espírito.

Logo após uma grande caminhada, ergueram as mãos sôbre mim, ministrando-me, — o que hoje sei serem passes magnéticos, — dizendo-me que olhasse bem detidamente para a frente, e incrível parecer-vos-há; imediatamente vi desenrolar-se consecutivamente tôdas as passagens principais que tive na minha existência terrena, e destacadas eram principalmente, aquelas em que agi como um verdadeiro monstro, com a maldade a irradiar sempre por todos os lados. Notei mais ainda aparecer perante mim o lugar de luxúria e extrema riqueza onde morei, mandei, fui obedecido, e contraí também as inúmeras dívidas que até hoje tão penosamente venho pagando!...

Descendendo de família nobre da Espanha, consegui conservar o poder papal entre mim e meu irmão consecutivamente. Qual dos dois foi o mais perverso, mais desumano, mais animal, não está em mim dizê-lo...

Reviramos ou melhor, revirei Roma de cabeça para baixo, e pratiquei as torpezas mais vís que a imaginação pode arquitetar...

Lembrar-me agora do que causei, apunhala-se-me o coração a cada momento!... Mas mesmo assim, na ocasião em que eram passadas as descrições pela minha presença, via tôdas as cenas mas não lhes sentia o peso e as conseqüências, por ainda estar completamente fora da verdadeira maneira de compreender e seguir o Evangelho.

No tempo em que estava na Terra, tinha comigo permanentemente a minha família, e todos reunidos procuravam acender mùtuamente a chama do prazer e dos vícios. Alcançando mais além, podia observar que meus irmãos não estavam junto a mim como verdadeiros amigos, porque procuravam por todos os meios, ajudar a en-

terrar-me nos mais ignóbeis prazeres, para à custa do meu emaranhado de baixezas, poderem também divertir-se, e seguir o meu exemplo.

Grande golpe tive com o desenrolar dos acontecimentos após a minha morte, vendo e sentindo a alegria transparecer ìntimamente em meu irmão Alexandre, quando subiu ao meu lugar, não manifestando qualquer sentimento pelo meu desaparecimento do número dos vivos, mas satisfeito e muito feliz, por ficar senhor absoluto de tôdas as riquezas e poderes.

Sem querer mais olhar para tudo aquilo que estava observando, comecei desde aí o meu calvário de angústias, sofrimentos e desilusões...

Muito tempo passei para conseguir aprender um pouco do que devia, e logo isto aconteceu, regressei à Terra envolvido por uma matéria completamente deformada, — o que fazia-me sofrer indefinidamente, — por ter sido belo na minha última existência... Com o defeito que possuía, nenhum bem material podia adquirir. Quantas vêzes chegava-me perto de alguém para pedir um óbulo, — pois sentia fome, — e todos de mim fugiam correndo, as pessoas adultas por um lado, e as crianças por sua vez chorando, recolhiam-se espavoridas ao regaço de suas mães...

Passei fome, muita fome mesmo, por não haver ninguém que tivesse a coragem de chegar junto a mim, para atender-me ao que implorava!... Não tinha ninguém comigo, porque quando nasci, tamanha era a deformidade do meu espírito, tão grandes eram os defeitos que carregava e as irradiações maléficas que trazia, que minha mãe não resistiu a elas!... Só, fiquei completamente só!... Não ùnicamente essa existência de grande sofrimento, mas muitas outras mais!...

Revoltava-me, maldizia-me, e continuava a cometer os mesmos crimes. Não obtendo o que queria, fazia-o à

força, e tirava depois a vida àquela a quem conseguia raptar!...

Muitas vêzes ainda vim sempre com o mesmo defeito asquerôso, trazendo contìnuamente, no reconcavo do meu espírito, o orgulho e a maldade reunidos, sem poder afastá-los do meu caminho, por estar consecutivamente à minha volta tudo o que era de ruim, fazendo com isto, aprofundar ainda mais as maldades em meu espírito.

Voltando à espiritualidade, desenvolto da matéria que tanto me repugnava, consegui sentir já um pouco de tristeza ao ver que nada tinha feito!... E não precisava mais de novamente fazer perguntas: sabia logo, que outra existência iria ter agarrada à mesma matéria, ou melhor, ao mesmo repugnante defeito físico!... Impossível dizer-vos quantas foram, e só depois de incalculável número delas, pude largar aquilo que tanto me horrorizava, e vir depois com vestimenta carnal já bastante melhorada, aceitável então por todos aqueles que me rodeavam. Em todas elas entretanto, daí em diante, sem o direito de ter o carinho de uma mãe, seu osculo e seu regaço... Em todas elas sem ter direito ao aconchego de um lar, a um amigo, ou a qualquer conforto para o meu espírito!... Em todas elas, sem obter o que precisava para a vida material, tudo sucumbindo à minha frente, desaparecendo finalmente todas as oportunidades!... Em todas elas, via apresentar-se a alegria, o prazer da vida, sem poder apalpá-las ou sequer sentilas!... Só me era dado apenas, um pouco de felicidade, ou mesmo uma pequena chama de satisfação ao regressar novamente à verdadeira Pátria e encontrar ali então, os mesmos carinhosos amigos a apoiarem-me, e a ajudarem com suas palavras fraternas e confortadoras!...

Cada nova existência, novo sofrimento apresentava-se, à minha frente, como se fosse para um verdadeiro Inferno!... E assim continuei a caminhada de resgates,

sempre sem ter conhecimentos bastantes para desfazer-me deles, senão fazendo o mais possível por conservar reminiscências longínquas de causas por mim vividas, de passados remotos, na riqueza e na luxúria...

Consegui finalmente voltar, e desta vez, depois de muito ter sofrido, e conservando já um pouco de resignação, grande foi a minha alegria em poder passar mais algum tempo neste ambiente, onde sòmente encontrava felicidade.

Decorridas uma infinidade de existências, sempre acompanhadas de sofrimentos múltiplos, pude pela primeira vez assistir a uma reunião onde eram ensinados a todos os espíritos ali presentes, como obter conhecimentos elucidadores dos Verdadeiros Evangelhos, para que aprendidos e bem guardados dentro dos nossos pensamentos, pudéssemos em encarnações futuras difundi-los, pregando tão Divinas Verdades!

Indescritível alegria tive em poder fazer parte deste ambiente de felicidade, e com esta satisfação a envolver o meu espírito, não notei quem se encontrava à minha volta, querendo beber sôfregamente tôdas as palavras que nos eram dirigidas, causando-me elas, um bálsamo tão confortador, como até então não tinha ainda sentido.

Consecutivamente acompanhado, fez-me ver o bondoso irmão da espiritualidade, que deveria olhar para o meu lado pois de agora em diante faria parte daquele grupo que ali se encontrava, para vir contìnuamente aprender estes Santos e Divinos ensinamentos. Olhei-os, e num relance, notei logo serem grandes companheiros de infortúnio... De imediato, encheu-se o coração de uma grata amizade por êles, e procurei logo aproximar-me para conversarmos.

Dali saimos, e algum tempo depois foi nos dito, que iríamos ter a grande oportunidade de imediatamente começar a trabalhar e ajudar, de conformidade com as nos-

sas faltas e o grau de melhoramento dos nossos espíritos, na grande Seara que iríamos ter pela frente.

Alegria indefinida transbordou de todos nós, completamente conscientes e satisfeitos de voltar em encarnações futuras, sem o abalo, a tristeza e o mêdo mesmo, de descer à Terra. Trabalhar, desde já seria a nossa Salvação, porque aumentaríamos logo os benefícios para nossos espíritos, apesar bem sei, de ainda muito termos pela frente, que fazer e sofrer. Mas, possuindo já a chama da fé, a palavra da Verdade, e o sentimento da Caridade, seguiremos de corações alegres para o porvir que nos será venturoso, e que algum dia também, teremos que chegar à espiritualidade, ali ficar, e não mais voltar à Terra das provações!...

Terra!... Lugar de todas as nossas maldades!... Lugar portanto também, onde por reminiscências do passado, nunca nos sentimos felizes. Mas prometo-Vos Bondosa Divindade, voltar a ela com o coração venturoso e transbordante de Teus Divinos Ensinamentos, pregando-os dentro do sentido vivo e Verdadeiro, para que possa melhorar-me e progredir, dentro da Tua Divina Vontade!...

Graças a ti bondoso espírito irmão, foi que pudemos vir até aqui!... Graças a vós, amigos desta reunião, que fostes o élo de ligação que nos permitiu dar as nossas comunicações de tristeza!... Graças finalmente a toda esta plêiade de bondosos espíritos, que rodeando-nos de carinho e fraternidade, conseguiram trazer-nos a este ambiente benfazejo!...

Espero agora, amparado contìnuamente por todos vós meus irmãos em Deus, trabalhar, ressurgir, e reerguer-me para Nosso Pai Onipotente e Bom!...

INOCÊNCIO IV (Sinibaldo Fieschi) Italia 1243 - 1254

INOCENCIO FIESCHI — *Convocou o primeiro Concílio Geral em Leão no ano de 1245. O principal fim foi resolver sôbre os danos causados pelo reinado de Frederico II, Imperador da Germânia.*

Por todos os lados existiam imensa alegria e grande trabalho, para os preparativos do maior festêjo que iria se dar no ano de 1.243. Mudança radical em todos os setores do ambiente palaciano, transformando a já então maravilhosa riqueza, em novos motivos para alegrar mais o próximo soberano que dali iria comandar uma infinidade de criaturas. Ainda confuso, e não sabendo ao certo se seria sonho ou realidade, conduziram-me para o lugar em que se daria a proclamação suprema, e diante de imensa multidão, tomei o nome de Inocencio IV.

Parecerá impossível e mesmo inacreditável, mas desde esse instante, senti transformar-se a minha personalidade, e imediatamente uma outra apossar-se de mim, vivendo desde logo os planos que deveria seguir. Ali mesmo, ouvindo à minha volta sentidas orações para que vivesse por muito tempo, o meu pensamento desdobrava-se já entre mil maneiras e formas, como subjugar aqueles que estavam deveras desacreditando, e tornando difícil espalhar tudo aquilo que ensinávamos.

Com este propósito, e esta idéia firme e resoluta, muni-me corajosamente, e comecei desde logo a enfrentar aqueles que hostilizavam a riqueza em que vivia, o poder de subjugar os outros, e conseqüentemente os dógmas por nós fundados.

Por mim foi então instaurada a Inquisição, e com todos aqueles que rodeavam-me, comecei a ver que só uma maneira havia para acabar com as idéias que se opunham

às nossas, e que desenvolvendo-se, iriam aumentar o meu trabalho, e diminuir o poder que tinha perante o mundo. E qual seria a melhor maneira de exterminar aquelas idéias consideradas prejudiciais naquele tempo, e qual o modo de cortá-las no mais íntimo que fosse de seus pensamentos? Sòmente com a morte de seus principais disseminadores, para exemplificar aos outros simpatizantes, que deveriam ficar recolhidos, e não exteriorizar idéias tão insolentes.

Começou então para mim uma obsessão de morte e extermínio, e raro era o dia em que imensa multidão, não fôsse conduzida para lhe ser tirada a existência.

Erradamente pensava que assim fazendo conseguiria o meu intento, mas quanto mais criaturas exterminava, outras muniam-se da fé que possuiam, e a cada instante maior quantidade de criaturas apareciam, e mais preocupado ficava o meu espírito, procurando reduzi-las ao nada.

Dotado que era de um pouco de inteligência, influenciei também em todos os setores quer na política, quer na vida particular daqueles que me rodeavam, fazendo-lhes acreditar ter adquirido um dom sobrenatural, achar-me em igualdade a DEUS, possuindo assim a suprema preponderância de poder fazer e desfazer, tudo que se relacionasse com a Terra.

Para meu infortúnio maior, fiquei por muito tempo no ambiente terreno, e sòmente com avançada idade o deixei, pensando ter cumprido acertadamente o que deveria seguir, mas cheio de preocupações e receios, devido à quantidade imensa de vidas que tinha mandado tirar. Sabia ser impossível não haver um castigo para o que eu tinha feito, pensava muitas vezes, e se realmente existisse um DEUS, — o que não acreditava e tinha a convicção também de que depois da morte tudo se reduziria ao nada, — procurei aproveitar o máximo do que me ha-

via sido dado, para enfim ficar completamente saciado e satisfeito, e não ter deixado de gozar nem sequer um mínimo que fôsse, de todas aquelas riquezas que às minhas mãos chegavam!...

Infelizmente, tudo se passou totalmente ao contrário das duas idéias errôneas que tinha, e no momento da minha morte, fui levado imediatamente para o lugar dos infortúnios, aquele já descrito dramàticamente, por grandes companheiros de tristezas!...

Inversamente do que podereis pensar, não vieram até mim para me obsidiar aqueles a quem tanto mal fiz, devido a possuirem já idéias mais adiantadas, e uma fé que infelizmente, muitas existências passei para adquiri-la!...

Mas, como não há nem pode deixar de haver o infortúnio, a tristeza, o sofrimento e o mal estar para os espíritos que só maldades carregam consigo para a espiritualidade, tive que seguir também o mesmo curso de expiações aterradoras, até vir um dia a pensar, que se existia a vida depois da morte, deveria existir também um SER SUPREMO, que orientasse e guiasse todos os nossos passos, para que pudéssemos nos melhorar.

Bendito discernimento foi este que tive, pois desde o momento que isto aconteceu, as idéias desanuviaram-se e um lampêjo de sentimento chegou ao meu coração!...

Começamos então a sentir imediatamente a Bondade do SUPREMO ORIENTADOR atuando sôbre nós, e por infinitamente pequena que seja a centelha desta atuação, grande bálsamo nos envolve, e pensamos desde logo ter mos alcançado uma imensa felicidade!... Felicidade esta entretanto, que em nada se compara aquela outra que usufruimos no ambiente terreno, e que aos poucos vamos agora tomando conhecimento através do aprendizado, e das decepções consecutivas de nossas maldades; mas que se nos torna fardo leve e suave, ao termos a certeza que

não ficaremos eternamente em sofrimento, mas sim, podermos limar em encarnações consecutivas todo o mal que fizemos em existências passadas.

Oh!... Nem podeis calcular a alegria que sentimos com esta revelação!... Não podereis imaginar o bálsamo suavisador que vem até nós, pela Infinita Bondade do SUPREMO CRIADOR, em nos doar tamanha felicidade, facultando-nos poder alcançá-la um dia... e torná-la nossa também!

Desde esse instante apoderou-se de nós imensa vontade de trabalhar, por sentirmos que infinitamente pequenos éramos, mas que tínhamos à nossa frente, pela Bondade de DEUS NOSSO PAI, tempo indeterminado para conseguirmos o nosso progresso espiritual!... O sofrimento é grande, mas a ventura se me tornou maior ainda, com a vontade imensa de poder voltar à Terra, e ser a mais pequena e ínfima das criaturas, para retribuir todo o Bem que nos foi revelado.

Carregando comigo enorme peso de responsabilidades, ligadas a crimes hediondos, comecei uma série de existências sucessivas sempre seguindo as leis do Universo, em que me foi determinado pagar primeiramente os males maiores, para depois seguidamente, resgatar os demais, ceitil por ceitil, e poder iniciar então o reerguimento do espírito...

Oh!... Como é triste contar-vos agora, tudo porque passei!... Doloroso mesmo é, em sentir ainda as conseqüências das maldades e inverdades por mim difundidas, mas todas elas como sabeis, pagas e bem dolorosamente pagas, com o sofrimento do meu próprio espírito!...

Cada uma a quem mandei tirar a existência terrena, paguei, pois me foi tirada também a minha... E sempre pensava eu, na hora da passagem para a espiritualidade, — já agora com certos lampejos de conheci-

mentos, — que iria encontrar um melhor lugar, e não aquele de sofrimentos a que tão habituado estava, mas oh!... que grande desilusão tinha, pois era me dito, que enquanto tivesse sôbre mim a responsabilidade de tantas vidas, só poderia encontrar-me na escuridão, até ao momento em que meu espírito não mais dependesse de débitos para com meus semelhantes criados por DEUS!...

Por aí, caros amigos, podereis calcular quantas vezes voltei para a escuridão!... Por aí, podereis ver, quanto sofrimento tive que suportar, sofrimento este, que hoje considero bendito, e reconhecimento eterno tenho a todos aqueles que direta ou indiretamente ajudaram-me a poder melhorar o meu espírito; que sòmente conheceu e viveu a maldade, alimentada pela riqueza, pela avareza e pelas promiscuidades pecaminosas...

Difícil se torna ainda para mim, pensar como fui tão beneficiado, tendo sido tão vil perante o TODO PODEROSO!... O que fiz, munindo-me do SEU NOME, e de SUAS palavras benditas, não foi outra coisa senão subvertê-las e tornar tudo em maldade!... O lugar onde se desenrolaram e difundiram, não poderá jamais ser bendito, pois se acha rodeado de torpezas, maldades e vilanías!... Infeliz do espírito que até êle chega, porque pensando ter alcançado o mais que se pode desejar, sentirá entretanto no futuro e por muito tempo, séculos mesmo... as conseqüências arrazadoras que carrega após a morte!...

Êste lugar onde todos nós reinamos, deveria ser exterminado, e todas as suas riquezas fabulosas... distribuídas por aqueles que não tem sequer, uma moeda para comprar um pão!... Lugar, que não quero nem pronunciar-lhe o nome, pois causa-me arrepios, tristezas e lágrimas, e prefiro olvidá-lo completamente...

Peço agora a DEUS, que num lampêjo de SUA INFINITA BONDADE, faça compreender a todos aqueles

que hoje são, serão e fomos seus ocupantes, que deverão seguir estritamente o que está escrito nos Evangelhos. Que a riqueza da Terra na Terra ficará, e que sòmente a riqueza espiritual, para a espiritualidade se leva!...

Mas, a criatura humana, apesar de ter dentro do espírito a orientação do bem e do mal, segue sempre pelo caminho mais fácil, aquele que a leva mais diretamente às riquezas materiais, pensando finalmente, tudo ter adquirido com elas!...

Apesar de reconhecer nada ser e nada possuir, grande felicidade tenho em já haver adquirido, e estar sentindo pela primeira vez, um Bem que não me será tirado; a fé imorredoura no TODO PODEROSO, e com ela, embora diante de mim tenha não sei quantas existências ainda, posso ficar tranqüilo e feliz, por não mais deixar de acreditar em DEUS que nos criou, e que deu-nos a suprema oportunidade, de podermo-nos redimir, através da Bendita Reencarnação!...

Quão grato estou a VÓS meu DEUS, por já poder falar de reminiscências longínquas, senti-las cada vez mais obscurecidas diante de mim, e voltar a olhar para um ponto de luminosidade, e por intermédio dêle, vir contar a todos a minha desdita, para verem que sempre o que aparenta ser na Terra a felicidade, quasi nunca ou raro continua a se-lo na espiritualidade.

Com a morte, tudo se transforma. Sòmente as virtudes poderão levar o espírito para a frente e para o Alto...

Espero em DEUS NOSSO PAI, adquiri-las com o poder da fé que me deu, e vir a tornar-me um de SEUS filhos, merecedor de todo o Bem que fez cair sôbre o meu espírito!...

SÃO LINO - 67 - 79 - Itália

LINO DE VOLTERRA — *Tido como um dos sucessores de Pedro o apóstolo, mas na verdade, seu cruel perseguidor. Nasceu em Toscana, filho de abastado romano, estudou em Roma. Após 10 anos de perseguição aos cristãos e apóstolos, suicidou-se em 23 de Setembro do ano 80.*

Acorrentado por inúmeros pensamentos lúgubres causados por sofrimentos indefiníveis, resultado do pouco tempo ainda decorrido, via-me completamente desorientado.

Recolhido encontrava-me eu numa palhoça abandonada, sentindo-me ali melhor, desapercebido completamente dos homens por ser de uma feiúra hedionda, carregando comigo um dos maiores defeitos físicos, "a corcunda."

Sem comer há bastante tempo, e já em estado de letargia, fiquei horrorizado quando senti passos vindos pelo caminho, aproximando-se do lugar onde me encontrava!...

Esperei aterrado!... E sem fôrças para mover-me devido à grande fraqueza, por falta de alimento, não tive outro jeito senão aguardar o recem chegado, sentindo-lhe transparecer na fisionomia, o horror que lhe iria causar a minha pessoa!

Nada podendo fazer quedei-me ali, e de imediato apareceu-me um homem de estatura elevada, forte, e de uma beleza exuberante incomum, jamais vista por mim!... Calado estava, calado continuei. Dirigindo-me então a palavra numa entoação de voz maravilhosa, perguntou-me: — Que fazes aí, meu filho? Porque te escondes do resto da humanidade e não vens sofrer conjuntamente com ela?

Sem responder, mas sentindo no íntimo do coração o reflexo de suas palavras, fiquei extasiado, aguardando um novo consôlo que delas viesse, e imensamente aliviado por não ver refletido em seu semblante o horror que a todos causava a minha figura. Continuou a falar-me, e cada palavra sua, transformava-se em suavizante bálsamo para os meus sofrimentos!...

Depois de algum tempo, pude conseguir tirar a trave dos temores existentes dentro de mim, e pela primeira vez dirigir a palavra a uma criatura que não fôsse aquela que me tinha dado o ser, e que já havia morrido.

Perguntei-lhe então quem era, como tinha vindo até ali, e se não estava inojado da minha presença!... Respondeu-me com imensa bondade e um sorriso a transparecer-lhe dos lábios, dando-me ânimo e coragem, tirando-me dos maus pensamentos, procurando enfim, elevar o meu estado de alma um pouco mais além daquele em que me achava! Dirigindo-me novamente a palavra disse: — Se queres podes seguir-me. Ireis comigo, mas advirto-te desde logo que o meu trabalho é duro, e sei grandes sofrimentos terei pela frente. Poderás vir caro amigo, acompanhar-me e não te envergonhares do que possues externamente, e sim preocupares-te ùnicamente com o que de bom tiveres dentro de ti, e o mais que puderes alcançar.

Nunca havia ouvido tão confortadoras palavras!... Nunca ninguém tinha me dito, que poderia ter alguma coisa de bom dentro de mim!... Prontamente levantei-me, apesar de mal poder andar, e logo decidi segui-lo, mesmo indefinidamente para onde quer que fôsse. E fomos andando... andando sempre ininterruptamente. Acompanhando-o eu de perto, sabia tê-lo à minha frente para defender-me constantemente dos risos, das maldades e dos escárneos que me fôssem dirigidos.

Num belo dia chegamos ao local onde me disse iria falar a uma grande multidão, e perguntou-me se queria acompanhá-lo para aprender as coisas que lhe haviam ensinado, e ia transmitir a todas aquelas criaturas. Amedrontado por ter de me encontrar pela primeira vez rodeado de tanta gente, mas sentindo dentro de mim a confiança de tê-lo como protetor, criei coragem e fui com êle.

Era noite!... Noite cheia de estrelas que ora admirando-as, procurava sentir toda a beleza que elas encerravam!... Penetrando na escuridão, senti arrepios de mêdo ao ver que achávamo-nos num ambiente gélido, rodeado de pedras por todos os lados, e com inúmeras cruzes traçadas nos seus próprios blocos, mostrando terem ali sido enterradas criaturas que haviam morrido. Constrangido procurei parar, sentindo um pouco de mêdo em continuar, mas a um olhar seu vi-me atraido, e segui-o ininterruptamente até ao local onde o aguardava aquela imensa multidão, a que já se havia referido.

Procurei instalar-me ali escondido atrás de sua túnica, mas sempre preocupado a que não me vissem, e não divisasse o riso nos lábios de quem me olhasse. Baixei a vista, escondi o rosto o mais que pude, e fiquei assim até que todos num murmúrio de vozes conjuntas, começaram a entoar um hino que abalou o meu espírito, e instintivamente levantei a cabeça, para poder ver o que se passava à minha volta!

Para espanto meu ninguém me olhava, ninguém notava a minha presença por estarem todos absorvidos no que falavam, no que sentiam, e no que cantavam. E vendo eu que não prestavam qualquer atenção ao defeito que tinha, não reparando que me achava ali diante êles, continuei então de fronte erguida, para pela primeira vez ouvir atentamente e ver o que se iria passar.

Admirado e surpreendido fiquei ao ver aquele a quem seguia, colocar-se no meio de todos, e a um aceno seu o silêncio se fazer, e começar a jorrar-lhe da bôca aos borbotões, palavras sobremodo miraculosas e reconfortantes, que desciam sôbre o meu espírito, como um bálsamo suavisador aos sofrimentos contidos dentro de mim! Logo após dirigidas as palavras de encorajamento, de paciência e principalmente as de que não renegassem a compreensão que já tinham dentro de si, fui instantâneamente acometido de um ininterrupto chôro convulso, aumentando cada vez mais em altos bérros, sem poder controlar-me, continuando assim por algum tempo nesta tortura, sempre derramando as mesmas lágrimas sem saber porquê! Não podia parar. Todos calaram-se, mas os meus quase alucinantes gritos de sofrimento continuavam a ecoar!... Voltando-se então para mim o meu benfeitor, e colocando a sua mão sôbre a minha cabeça, disse-me estas simples palavras: — Pára de chorar e procura redimir o que fizeste.

Instantâneamente calei-me, não por vontade minha, mas por uma fôrça irresistível, que não podia de modo algum controlar!

Fiquei apreensivo e preocupado, e assim absorvido nestes pensamentos, retirei-me dali sentindo ter feito o que não queria, mas ao mesmo tempo satisfeito, porque apesar da minha presença ter sido notada por todos, não tinha visto em nenhum deles, qualquer riso de escárneo ou repulsa à minha pessoa. Ao contrário, encontravalhes a bondade dentro da alma e falavam comigo como de igual para igual. Reconfortado e deveras mais contente, segui o meu benfeitor, não mais sentindo o pêso da corcunda, mas podendo já locomover-me um pouco melhor e com mais ligeireza.

Por muitos lugares andamos, e em todos eles, as mesmas reuniões se repetiam. De cada uma que saíamos,

grande multidão acompanhava-nos, e agora sentia-me já completamente desapercebido da deformidade que possuia: achava-me mesmo lisongeado em ser o acompanhante número um do meu protetor, em poder tratar-lhe das roupas, procurando auxiliá-lo o mais possível em tudo que estivesse ao meu alcance. Notava às vêzes grande tristeza e preocupação no seu semblante, imediatamente entristecia eu também, e ficava muito apreensivo.

Encontravamo-nos certo dia neste estado de alma, quando sentimos bater à porta; a um sinal seu fui abri-la, sentindo grande tristeza irradiar-se do meu protetor para mim. Surpreendido e aterrado, deparei-me com aquele grupo de poderosos que em nome da lei vinham buscá-lo.

Levaram-no. E por acharem-me de fisionomia repugnante, sem necessidade de expiação, nem sequer olharam para mim.

Segui-o sempre o mais que pude, e às escondidas penetrei com êle num enorme lugar onde se encontravam todos aqueles que a pouco e pouco fui reconhecendo serem seus amigos. À sua chegada, procuravam o consôlo na sua palavra amiga, e a todos dirigia expressões de fortalecimento, de alívio e de fé, para prosseguimento no Verdadeiro caminho.

Sentindo a minha presença a seu lado, ficou admirado e satisfeito, mas perguntou-me se sabia o que me aguardava. E a um sinal negativo meu, disse-me ali se encontrarem todos nas mãos de criaturas menos avisadas, que pretendiam tirar-lhes a fé que possuiam num DEUS ÚNICO e VERDADEIRO, e O renegassem!...

O meu primeiro pensamento foi recuar, porque não sentia o peso da responsabilidade que carregava comigo chegando até ali. Mas logo refleti que só tinha aquele protetor por mim, e que deveria segui-lo, por não ter ninguém mais que me olhasse bondosamente, e que conti-

nuando na Terra afastado de junto dêle, iria muito mais sofrer.

Vários e inúmeros eram os pensamentos que afloravam ao meu espírito, e um deles fez com que premeditasse minha fuga, esquecesse a proteção recebida, colocasse o meu instinto acima da bondade que deveria possuir; e procurando a distração de um daqueles que nos guardavam, quiz surripiar-lhe a visão, e evadir-me com mêdo do que me iria acontecer mais à frente. Peor foi o que fiz; fui descoberto na minha intenção, e logo encarcerado separadamente de todos aqueles que ali estavam, pela minha condição de quase... animal.

Começou então o meu grande sofrimento, e maior ainda por me achar longe daquele que tinha sido o meu único recurso na vida; que me tinha dado o alento a que pudesse carregar o defeito que possuia. Ali fiquei bem próximo à saída, passagem obrigatória por onde todos iriam ser levados ao martírio!... Ali permaneci longo tempo, assistindo ininterruptamente a todos serem mortos pelas féras, e dilacerou-se-me o coração ao ver e não poder fazer nada, por aquele que tanto bem me havia feito nesta minha existência!... Oh! que horror!... Como tinha ainda fôrças para resistir a tudo que estava vendo!... Sòmente possuindo dentro de mim um sêr animalisado, é que pude assistir e resistir a tanto sofrimento!...

Assim fiquei por dias consecutivos e vários meses assistindo diàriamente e ininterruptamente ao massacre desumano, de todos aqueles que haviam seguido os ensinamentos pregados pelo meu benfeitor. Até que um dia... não tendo ninguém mais para sacrificar, e estando tôda aquela multidão de sádicos ansiando por ver mais sangue, por presenciar mais sofrimento, e assistir ao dilacerar da carne das infelizes vítimas nas garras dos animais ferozes, lembraram-se de fazer uma cena cômica,

tirando-me e arrastando-me pelo caminho até ao centro da arena, para produzir o efeito que queriam.

Desanimado completamente por tudo a quanto havia assistido para lá fui, procurando sempre lembrar-me das palavras do meu protetor, mas elas não estavam gravadas dentro do meu íntimo, visto sòmente existir revolta em meu coração ao ver tanta desumanidade! Pensando ainda ter fôrças, lutei desesperadamente, sentindo nos meus ouvidos um barulho insurdecedor vindo daquela imensa multidão, rindo-se naturalmente da minha pessoa e do mais que estava fazendo. Quasi enlouqueço tamanho era o barulho que provocavam! Aos poucos, sentindo a dor cada vez mais forte a dilacerar-me as carnes, fui esmorecendo... esmorecendo... deixando aos poucos de ouvir o barulho, de sentir a dor dentro de mim, e não mais vi nada!... Era o fim. Acordei então tempos depois, e ouvi à minha volta, — pensando encontrar-me ainda vivo e ter despertado de um pesadelo, — vozes amigas procurando confortar-me, dizendo-me ter seguido a minha provação, melhor do que esperavam.

Notei logo que tinha voltado novamente para o lugar antigo, e no meu espírito abriram-se recordações do passado que me levaram imediatamente a compreender, encontrar-me finalmente outra vez na espiritualidade.

Que poderia eu fazer? Sòmente chorar, chorar de alegria!...

Assim fiquei por algum tempo, até que com o auxílio de bondosos amigos, recuperei-me da transição porque havia passado, e logo após entrei no conhecimento verdadeiro da nova situação em que me achava.

Senti então diante de mim a Bondade de DEUS refletida na minha pessoa, como em todos os seus filhos, e já podia definir plenamente, depois do aprendizado que havia tido, o Bem do Mal, o errado do certo, a mentira da Verdade. Aproximando-se de mim um amigo conhe-

cido e orientador de todo o meu sofrimento, relembrou-me todas as cenas de existências que havia tido, a junção que me ligava entre elas, para ver que tudo quanto de mau fiz, teria de ser pago ceitil por ceitil!...

Esta tinha sido a encarnação máxima de sofrimentos impostos, para pagar os grandes débitos devidos e relacionados a uma única existência que havia tido, da qual vinha sentindo as conseqüências por tempo incontado, até ao momento em que tinha dado como resgate, os sofrimentos que causara pela minha prepotência e soberbia, — quando era o maior entre as criaturas, — a todos aqueles que passaram pela minha alçada, e que agora sentindo a falta cometida, via todos os sofrimentos refletidos sôbre mim.

Recordei então mais um pouco aquela existência que tantos males acarretou para o meu espírito! Necessário era fazê-lo, para ver o que havia progredido, e no que não o havia feito. Sofrimento maior para mim, era ter que relembrar constantemente todos os pontos que não tinha seguido acertadamente. Ensinado agora por aqueles que tinham sido designados para melhorar o meu espírito, vi então que grande e imensa mesmo era a Magnânima Bondade de DEUS, para os enormes horrores, e as inúmeras desgraças que havia espalhado à minha volta.

Voltando atrás ao passado, cheguei ao tempo em que havia sido grande e poderoso. Reunindo em minhas mãos preponderante fôrça, lutava insistentemente, levando aqueles que considerava quererem usurpar os ensinamentos dados por mim, conduzia-os à morte, àquela mesma morte que posteriormente viria a sentir, e levada também aos familiares que me eram tão queridos.

Estava saldado o meu resgate!... O que havia feito, paguei-o duramente, mas muito contribuiu para bem do meu espírito!...

Ah! poder maldito!... Que só levou-me para existências futuras de infortúnio e dôr, causados pelas inúmeras riquezas de que me achava rodeado naquele tempo, e que só fizeram arrastar o meu espírito para o caos da perdição!

Dinâmico que era lutava por todos os lados, agarrava-me ao que podia para derrubar os fortes que estivessem à minha frente. Tinha comigo a ajudar-me, para tudo que quizesse fazer, uma mulher cruel e fria como eu.

Lembranças tristes... sofrimentos inúmeros... todos eles em peores circunstâncias do que estes ora narrados, eu os tive. E cheguei ao ponto então, em que deveria pagar consecutivamente por todos eles, o mal que havia feito a inúmeras criaturas inocentes; sòmente porque tinham dentro de si uma fé viva e forte, no certo e verdadeiro caminho a seguir!

Vendo e sentindo que ainda muito tinha pela frente, pois havia resgatado sòmente, em toda a existência passada a dívida da morte imposta a irmãos em DEUS, fiquei novamente triste e cabisbaixo, pensando no pêso dos imensos infortúnios que tinha preponderantemente sôbre o meu espírito. Mas não podereis calcular a satisfação que sentimos em ver-nos rodeados de espíritos amigos e superiores, cheios de bondade, que não fazem outra coisa a não ser encorajar e ensinar-nos, procurando levar o nosso espírito para a Salvação. Ai de todos nós se não fôssem êles!... O que seríamos sem as suas benditas palavras, sem o seu confôrto, sem os ensinamentos trazidos até nós pelos enviados do Bom Pastor, que quer ver todas as Suas ovelhas entrarem no Verdadeiro Caminho Espiritual.

Poderia vos contar algo mais de uma outra existência posterior, mas quiz ficar só nesta, para verdes que o espírito pode ser o mais inferior possível, mas sempre tem para consigo um protetor de mais elevado grau, que

permanentemente está pronto a dar-lhe a mão, e conduzi-lo para o plano de aprendizado e Salvação.

Quem sou eu... quem fui eu, para alcançar tão grande felicidade de poder ter na existência que vos narrei, tamanho espírito de luminosidade, a amparar-me na escuridão que me rodeava? Todos nós temos a guiar-nos bondosos espíritos, mas esta encarnação ficará para mim guardada eternamente. Nunca mais a esquecerei por ter podido seguir a ti Paulo... (*) salvador desta minha existência, regenerador do meu caminho, e fluidificador do meu espírito para o que de mais ALTO e sublime existe, a elevação para DEUS e chegar até SEUS pés por SUA Infinita Misericórdia.

A ti bondoso irmão e amigo... protetor incansável, a minha eterna gratidão!... Quem fui eu? Delator consciente das Verdades de DEUS; difamador de todos os homens; criminoso e infiel, poder pegar na ponta de tua túnica, e por ti grande amigo, ser guiado por tuas boníssimas palavras até à futura Salvação do meu espírito!

Oh!... bondoso irmão! Não tenho palavras para te agradecer, não tenho pensamentos para louvar a DEUS tamanha gratidão, de ter-me posto a ti Paulo, no caminho da minha Redenção Espiritual!...

(*) Paulo de Tarso, seguidor de Pedro o apóstolo, martirizado no Coliseu Romano no ano 132.

SÃO CLEMENTE I (Clemente de Roma) 92 - 101

CLEMENTE FAUSTINO — *Filho de senador romano, foi educado nas letras e nas artes. Quando no poder houve a primeira revolta dos verdadeiros cristãos chamada: «O Cisma de Corintho» negando-se estes a acatar a autoridade da Igreja.*

O Universo é criação de DEUS! Tudo e todos nós dependemos de SUAS leis unixátas, (*) fazendo-nos progredir sempre, e procurando levar os nossos entendimentos para o caminho da luminosidade.

Os espíritos por ÊLE guiados com cuidado, carinho e afecto, procurando colocar-lhe dentro o entendimento completamente voltado para o Bem, são conduzidos ao lugar que lhes é destinado, para seguirem a sua rota de aprendizado.

Raro é aquele entretanto que não adquire faltas, motivadas sempre pelo seu procedimento errôneo, e consecutivamente acarretam estas, distúrbios de conseqüências imorredouras para o seu espírito.

A todos é dado seguir pela trilha da Salvação, mas poucos conseguem manter-se no caminho certo, e levá-lo ao fim sem quedas, oscilações e sem pecados.

Os mais fortes, conseguem adquirir fôrça bastante para não imiscuir-se nas profundezas da maldade. Outros mais fracos, apresentando-se-lhe pela frente tôda a predominância da existência terrena, de coisas suscetíveis ao seu bem estar e conforto, esquecem-se e caem no emaranhado dos vícios, prejudicando-se, e a todos aqueles que os rodeiam.

(*) O vocábulo "unixatas" não existe em nossa língua. Foi empregado pelo espírito comunicante, em ligação com sua própria língua, — o italiano — para melhor exprimir o sentido da perfeição que quiz dar às Leis de Deus: "únicas exatas", e por isso, imutáveis.

É triste e sofredor para o espírito, — depois que conhece o Verdadeiro caminho que o leva à Salvação — olhar para trás, e só ver abismos para si próprio, rodeando-o constantemente. Fraco, covarde e sem fôrças para lutar contra os vícios e as maldades, vive cada vez mais a aprofundar-se em contínuo sofrimento, muito embora não saiba tenha sôbre si permanentemente o olhar triste e piedoso de Jesus, procurando a cada momento encontrar a oportunidade, para enviar seus benditos ajudantes a encaminhá-lo para o Bem.

Aqui estou pois, para contar-vos o que se passou comigo em várias existências, inúmeras mesmo, e consequentes todas elas de uma única que tive, que acarretou para o meu espírito graves e penosas responsabilidades, devido exclusivamente a não saber a tempo e hora, desembaraçar-me do que não era verdadeiro e julgava certo, pensando com isso adquirir todos os bens espirituais, e ter o Céu garantido à minha espera.

Não me demorarei a contar-vos o que passei quando tinha o poder, as honrarias e o luxo a rodear-me, porque tinha como sabeis, tudo que um ser vivente pode ambicionar e possuir de benfazejo quando está aqui na Terra. Não era mau posso vos dizer; não praticava iniquidades, não fazia mal a ninguém. Qual foi então o meu pecado? Porque tive consecutivas existências penosas e até hoje sofro? Por ter, — reportando-me a reminiscências longínquas, — ofendido a DEUS, e constantemente ter ensinado o que não devia, e espalhado errôneamente o que não era acertado. Podereis bem avaliar, que afronta maior, que pecado mais hediondo, que torpesa mais profunda do que aquela de ter ofendido ao Nosso Próprio PAI Celestial... Que conseqüências poderia então obter o meu espírito, tendo conhecimento de que aquilo nada valia, que estava indo de encontro aos ensinamentos de DEUS, para poder manter o conforto que me rodeava,

porque não sabia se tinham dúvidas ou não do que pregava, porque nunca o exteriorisavam.

Poderá haver crime maior? Impossível achar-se um, que pudesse comparar-se em igualdade ao que pratiquei!...

Se DEUS não fôsse PAI, um PAI JUSTO E VERDADEIRO; se não quizesse a nossa Salvação, deveria então, — por tamanha afronta — eliminar a existência do meu espírito pelo muito que O ofendeu em pensamentos, e através de ensinos errôneamente difundidos!... Vereis assim que não foi tão pouco o que fiz, pois muito mal espalhei falando, fazendo sair da minha bôca ensinamentos completamente contrários à Divindade do Nosso CRIADOR.

Como viria no futuro, ireis ver mais adiante, pela palavra que erradamente preguei; por não dar ouvidos ao meu pensamento interior; por ser covarde; por não ter fôrças para obedecer ao que a minha consciência mandava, senti por muitos anos, muitíssimos mesmo, resultados funestos para o meu espírito, pagando-os consecutivamente, em inúmeras existências que tive até hoje!...

Posso ser feliz? Posso ter alegria? Impossível!... Até ao momento presente, não descobri a maneira de mostrar a DEUS que tenho vontade de progredir, por precisar primeiramente de muito sofrer ainda, e sòmente com o sofrimento e o burilamento do espírito, é que poderei entrar no caminho da ascenção e agradar a DEUS.

Dir-vos-ei mais; que pela palavra errônea que proclamei, tive uma existência inteira, — oitenta anos, — completamente sem fala! Por não querer dar ouvidos à minha consciência gritante, outra existência deparou-se-me sem ouvir! Por não querer ver as Verdades nem mostrá-las àqueles que tinham ânsia de conhecê-las, em outra existência apoderou-se de mim a cegueira para sen-

tir, quão triste é querer se ver a luz e não poder! E como animal mais nefasto e hediondo, é ter a luz pela frente, e não querer ve-la nem mostrá-la!...

E assim, por múltiplas existências mais, de miséria sofrimento e dor segui até hoje, não mais revoltado porque tenho conhecimento da Verdade; não feliz, porque não o posso ser, mas admirado por ver dia a dia a Bondade do Nosso CRIADOR, por — depois de tanto mal lhe haver feito, — não estar eu ardendo em fogo eterno... mas ao contrário, sendo ajudado a conseguir a melhorar o meu espírito, para um dia alcançar a Redenção Espiritual!

Que mais poderei vos dizer? Mostrar-vos sòmente, que o espírito tudo terá que pagar, até mesmo as conseqüências dos seus maus pensamentos, e seguir até ao fim da jornada resgatando débitos, ceitil por ceitil daquilo que fez, tendo entretanto, sempre à sua frente a ventura e suprema garantia, de poder um dia alçar aos páramos da Verdadeira felicidade: — "a Vida Espiritual".

Guardai bem convosco, que as riquezas terrenas em nada são comparadas aos bens do Céu! A felicidade que pensamos ter com o luxo a rodear-nos, só faz acarretar para o nosso espírito, conseqüências as mais penosas. É muito melhor que procuremos viver na obscuridade sem sermos conhecidos, porque assim, não adquirimos pecados consecutivos adjuvados à vaidade, que muito difícil será retirá-los de nós. Se eu não tivesse sido inteligente; se não tivesse emaranhado-me pelo caminho que consegui alçar à glória terrena, talvez estivesse agora, em lugar mais certo para a Salvação. Porque fiz isso? Ùnicamente pela vontade incontida e exclusiva de alcançar o poder, de ter tudo e todos nas minhas mãos, olhar orgulhoso de cima do trono e ver que precisavam de mim, bastando uma palavra minha para confortá-los e alegrar os seus pensamentos.

De que me adiantou tudo isto que fiz? Sòmente prejuízo para mim próprio, desgraça, sofrimento e solidão!...

Até hoje posso vos garantir, não sentia alegria dentro de mim, por ver que nada fiz para pagar o muito que devo a DEUS, da difamação que pela minha bôca saiu! Sòmente agora sinto despontar um lampêjo de felicidade por ter vindo aqui, vejo finalmente que posso começar a trabalhar, e dizer pela primeira vez a Verdade, que há muito tempo tinha vontade de fazer.

Só agora caros amigos, reconheço que começo a viver! Só agora vejo que inicío o meu progresso espiritual, porque só trabalhando para o Bem, só procurando dizer a Verdade e mostrando-a àqueles que ainda não a sabem, é que sentimo-nos satisfeitos, com a felicidade a transbordar de dentro do nosso coração, e que até agora se achava presa à meta de débitos que meu espírito precisava pagar... Mas de hoje em diante vindo aqui, começarei a trabalhar; trabalhar para dizer a Verdade a todos aqueles que andam enganados, e não conhecem a verdadeira Vida! Trabalhar para mostrar-lhes que deverão primeiro cuidar dos espíritos para agradar a DEUS, e sentirem a SUA maravilhosa atuação! Trabalhar para desfazer tudo o que de errado fiz, pois só terei socêgo e Paz de espírito, quando conseguir levar para o verdadeiro caminho uma multidão, em igualdade àquela a quem espalhei errôneamente os ensinos de Jesus Cristo.

Voltarei, mas voltarei cheio de ventura, não para ser beneficiado pelas riquezas, mas levando sòmente comigo o benfazejo auxílio do Espírito Santo, para ajudar-me intuitivamente a disseminar o Bem, levar as almas que quizerem seguir para o bom caminho, procurar tirar aquelas que encontram-se ainda na lama do sofrimento, e fazê-las voltar seus espíritos para DEUS!

Sòmente então, poderei voltar aqui novamente para vos dizer: Sinto-me feliz irmãos!... Meu espírito irradia alegria e contentamento, porque poderei finalmente levar, não ùnicamente àqueles mas a muitos filhos de DEUS, para o Verdadeiro Caminho!

Que DEUS vos proteja!

Não tenho palavras para vos agradecer a oportunidade que me destes de falar pela primeira vez a pessoas da Terra, estas verdades que continha dentro de mim sem poder exteriorizá-las.

Desculpae-me se não vos falei mais detalhadamente, mas é de mim próprio resumir todos os assuntos, para poder com a emoção que trago, não derramar lágrimas diante vós da satisfação contida dentro do meu espírito, há tanto tempo esperada.

Graças dou a DEUS Nosso Pai, muito embora não me ache em nada merecedor do que ora derrama sôbre o meu espírito. Mas como sabemos que nem uma formiga é esquecida de SEUS Benditos Benefícios, — sendo nós seus filhos — temos constantemente a SUA proteção a atuar sôbre nossas mentes, para que possamos seguir o Verdadeiro Caminho.

Só tenho que vos agradecer. E como sabeis, daqui iremos todos em conjunto para o lugar tão esperado, a adquirir os ensinamentos necessários para voltar aqui ao vosso meio em nova encarnação.

Que DEUS eternamente proteja os vossos espíritos, e peço que em vossas preces, — sei, sereis atendidos, — imploreis proteção ao Nosso PAI, a que possamos reencarnar todos ao mesmo tempo com sucesso, para que reunidos, possamos trabalhar pelo ressurgimento das Verdades disseminadas por Jesus há 2.000 anos.

Mais uma vez, muito obrigado.

BENEDITO XIII (Pietro Francesco Orsini) Italia, 1724-1730

JACINTO ORSINI — *Nasceu em Roma. Com o Concílio Vaticano deu fim às turbulências que agitaram a Igreja durante 200 anos, declarando o romano pontífice infalível. Desencarnou em 1730, 23 de Agôsto.*

Grande é minha alegria, e eterna será a minha gratidão, em ter-me sido proporcionado vir aqui também fazer parte desta Caravana de sofredores, à procura do ponto único da Salvação, — a remissão completa dos pecados, e o retôrno dos espíritos para DEUS.

Como devereis saber e conhecer caro leitor amigo, todo o espírito tem a sua história cheia de altos e baixos, repleta de sofrimentos e bem poucas alegrias, ocasionados sempre àqueles, por seus próprios êrros, e falta da devida compreensão.

Bem sei que muito já sabeis, mas mostrar-vos-ei um novo exemplo, uma nova desdita, um novo emaranhado de muitas encarnações consecutivas de dores e sofrimentos, que servirão para que vejaes, quão prejudicial é para o espírito o muito subir no ambiente terreno, sem saber ficar no ponto Alto rodeado de virtudes, descendo ao lodaçal dos vícios até à desgraça e perdição.

Como poderia começar a vos contar o imenso tempo de sofrimento que tive, e ainda tenho, sem primeiro abrir um parentese e lembrar-vos que hoje, conhecedor do verdadeiro caminho, ergo o espírito em prece a DEUS, satisfeito de ter podido alcançar já um pouco de compreensão, e feliz, felicíssimo mesmo em ter alçado ao ponto em que agora me encontro, não obstante haver pensado, não poder sair do abismo do sofrimento, relacionado às enormes dívidas que contraí.

Começarei por vos dizer, que fui como todos os meus companheiros de infortúnio, designado por meus irmãos terrenos a ocupar o grande pôsto, que conheceis também ser o mesmo de enorme responsabilidade por termos de orientar, de dirigir, de darmos o exemplo maior a todos aqueles que ansiosos por um consôlo, um rumo certo, e principalmente o de conhecerem o Verdadeiro Caminho da Salvação para a Eterna Vida Espiritual.

Sendo o meu espírito fraco, volúvel e desinteressado da pobreza que me rodeava, procurei usar e abusar das riquezas que tinha em meu poder, gastando mesmo as moedas daqueles que ali as iam depositar com a maior fé!... Uns podendo fazê-lo, mas outros... davam parte de sua vida de sacrifício!

E eu, usufruindo estes bens para satisfazer o meu gôzo de luxúria cheio de maldade!...

Irrequieto, procurava o menos tempo possível preocupar-me com os meus deveres, deixando aos outros o trabalho que me competia, entregando-me exclusivamente ao gôzo de tudo e de todos que me cercavam, pensando que no momento em que a morte me batesse à porta, já tudo tivesse feito, tudo tivesse usufruido e pudesse morrer, sabendo que iria para debaixo da terra e que nada mais me iria acontecer.

Acreditar na alma? Para quê?... Cético completamente. Acreditar em DEUS?... Impossível... Como poderia fazê-lo achando-me rodeado de tantos bens, vendo mesmo que existia dentro de mim a maldade, a ruindade e a maledicência? Poderia existir DEUS? Não era possível!... E aquelas pobres criaturas bondosas que até mim vinham e não tinham como eu, o fausto, o supérfluo e a grandeza? Como poderia conceber-se tamanha desigualdade e distância do que possuíamos?...

Estudioso como todos o eram para poder galgar e chegar ao lugar ambicionado, procurei esquecer o princi-

pal apôio pelo qual tinha subido, e fiquei envolto ùnicamente na satisfação pessoal que poderia ter, usufruindo de tudo que via e tinha pela minha frente!...

Nesse tempo, já tendo gosado e saciado grande parte dos meus desejos, apareceu ante mim uma pobre criança, — muito embora já tivesse 17 anos, — pedindo-me por intermédio daqueles que me serviam, que a atendesse, pois estava precisando muito da minha ajuda. Não tendo que fazer, procurei satisfazê-la para distrair o pensamento. Mas quando de mais perto a vi, fiquei completamente hipnotisado pela sua beleza, e pensei logo em todos os meios e ardíz para trazê-la até mim, e comigo ficar. Aos seus rogos e às suas súplicas de que socorresse a sua família em grande estado de miséria, eu não prestei nenhuma atenção, colocando os meus pensamentos, bem longe daquilo que me pedia, concentrando-os ùnicamente, no desejo maldôso que avassalava o meu espírito...

Mandei-lhe dar o que queria; mandei-lhe fazer tudo o que pedia sem ligar, ou querer saber o motivo porque tinha vindo até mim. E obsecado, fascinado mesmo loucamente por ela, mandei através do meu auxiliar particular, convidá-la para que comigo viesse morar.

Esperava ser atendido imediatamente, e fiquei muito surpreendido ao receber sua resposta negativa.

Ferido na minha vaidade e orgulho, transtornou-se-me a mente, fiquei possesso e completamente enraivecido.

Infrutíferas foram as minhas demandas, e a cada resposta negativa que vinha, mais o meu espírito ficava perturbado. E não conseguindo o que desejava, mandei arrastá-la, ou melhor, tirá-la de onde morava e levá-la, — a pobre criança — para um lugar onde me seria depois acessível chegar, através dos conhecimentos que tinha e sabia possuir. Tudo em vão!... Tudo me foi negado!...

Com o sofrimento dos maus tratos recebidos, a pobre criança morreu...

Nunca mais pensei na maldade que tinha cometido, e continuei sempre preocupado com a mesma maneira de viver até aquele dia, em que é fatal e certo chegar até nós, — a morte — e levar-nos para o ignorado!...

Já sabeis caros amigos que as conseqüências só poderiam ser funestas para mim, e fiquei, — não sei por quanto tempo, — envolto em sofrimento, em trevas, na solidão em completo abandono!...

Habituado a tudo ter à minha volta, parecia-me receber constantemente punhaladas por todo o corpo, e sentia sôbre as feridas, o efeito de lhes ter sido derramado água saturada de sal... Posso vos dizer que pensava ficar indefinidamente neste sofrimento, e não podendo resistir a êle, sentia-me desfalecer contìnuamente.

Depois de ter tomado conhecimento finalmente de não ser possível estar mais vivo, encontrar-me sem corpo e sòmente com a alma, fazia esta interrogação: onde estava então? Não poderia estar debaixo da terra porque se assim fôsse, já teria virado a pó e nada mais seria!... Porque estavam me acontecendo estas coisas?

Sofrimento maior tinha ainda e pensava, que só poderia achar-me no Inferno, devido a não ter prestado e ligado atenção ao trabalho que me fôra predestinado.

Como já tivestes oportunidade de ver mais atrás, tudo que passou-se com os meus companheiros, penso que comigo ainda peor foi, porque peor fui quando encarnado, e mais sofrimentos tive devido à minha conduta na Terra. Quando já estava completamente desfigurado, cançado, abatido e sem fôrças também para locomover-me, pensei finalmente no que há bastante tempo deveria ter feito. Pedir Misericórdia a DEUS por não ter mais para quem apelar, e meus gritos anteriores de blasfêmias e de raiva, não terem sortido qualquer efeito...

Por muito tempo não fui atendido por a Misericórdia que pedia não ser sentida, não partir do fundo da al-

ma, e não ter o significado verdadeiro concernente ao arrependimento.

Com tanta desilusão, tanta amargura, o espírito vai amolecendo, deixando aos poucos o orgulho e a vaidade de lado; fica completamente entregue ao sofrimento, e então as virtudes que se acham recolhidas e latentes em estado de adormecimento dentro da alma, vão aparecendo lentamente, tocando o coração ainda pulsante daquele que sofre!...

Neste momento começa o verdadeiro arrependimento, e através das lágrimas benditas, pode o espírito sentir dentro de si pela primeira vez, o bálsamo reconfortante, a minorar-lhe a dura prova a que está submetido.

Deu-se comigo o que penso ter acontecido a tantos outros amigos, meus irmãos em maldades; mas tendo dentro de mim um pouco de consôlo devido às lágrimas derramadas, adormeci extenuado e cansado, pensando não ter sido atendido nos meus rogos!... Fui então acordado; e quando abri os olhos vi pela primeira vez diante de mim, um ser completamente diferente daqueles que estava habituado a ver, e imediatamente reconheci a criança que na Terra tinha transtornado o meu pensamento!... Num lapso, reconheci logo que tinha vindo em meu auxílio, e agarrando-me aos seus pés, por muito tempo chorei convulsivamente sem poder lhe pedir o que tanto queria: — um pouco de consôlo e Salvação para o meu espírito!... Não podia ter palavras para falar, devido à comoção que sentia dentro de mim!...

Pensando e parecendo ter desabafado completamente em demonstrar-lhe o perdão que pedia, ergueu-me ela, e com o seu apôio pude ficar de pé, embora trôpego e quasi sem poder fazê-lo. Procurou então encorajar-me, e mostrar-me que não tinha ressentimento algum do que eu lhe tinha feito, ajudando-me de todas as maneiras a levar o meu espírito para o Verdadeiro caminho, desde o

andar até ao reerguimento dos meus pensamentos e do meu coração!...

Conduzido e auxiliado por ela, muito tempo passei ainda sem poder divisar e discernir o Bem do Mal, e neste estado, misturavam-se dentro de mim a virtude e a maldade, que faziam quedar-me em confusão e tristeza.

Como todos voltei à Terra. Não sem antes derramar lágrimas de tristeza, em não poder o bondoso espírito que tanto tinha-me auxiliado vir comigo, devido a não ser permitido ter eu à minha volta, coisas tão belas, benfazejas e bondosas!... Tendo feito o mal, sòmente com o mal poderia estar rodeado. Contendo ainda o mal dentro de mim, precisava tirá-lo completamente, mas sòzinho para poder erguer-me para a Salvação.

Muito tempo de sofrimento, muitas encarnações consecutivas tive novamente para limar o meu espírito totalmente brutalizado, e de todas elas voltando à espiritualidade, tinha o consôlo bendito de ver a me esperar, aquela a quem tudo devia, e a quem tanto mal havia feito, para levar-me novamente para o plano da recuperação!

Bendito consôlo este de podermo-nos sentir amparados na volta para a Verdadeira Vida, e de acharmos que por menos que façamos, sempre nos é mostrado que podemos voltar à Terra novamente, e fazer o que o nosso pobre espírito não pôde alcançar...

Como é bom, como é maravilhoso sabermos estas coisas!... Quão diferente é a nossa concepção!... E quão humilde se torna o espírito, quando voltado para o verdadeiro caminho, sabendo que tem um PAI Misericordioso à sua espera, e que sòmente precisa de trabalhar para conseguir a sua Salvação!...

Para poder finalmente alcançar o ponto a que todos chegamos, muitas vêzes à Terra vim, e inúmeras voltei triste e acabrunhado, ao reconhecer não ter podido fazer o prometido...

Aqui tendes pois meus irmãos, a prova de que o espírito muito embora pense ainda encarnado, tudo sêr, e poder sòzinho vencer o mundo, quando desencarnado, vê então que nada é, que nada possue, nada tem, e que sempre precisa de um auxílio de mão amiga a guiá-lo, e carregá-lo para o roteiro certo da espiritualidade.

E agora pergunto-vos eu: O que seria de mim se não me aparecesse aquela a quem tanto mal fiz, e não tivesse feito arrepender-me com vontade firme, viva e verdadeira? Estaria ainda com toda a certeza no sofrimento, nas trevas da amargura, e na grande e acabrunhadora solidão!...

Porque veio então até mim este bondoso espírito a quem tanto sofrimento causei? Para mostrar-me simplesmente, que a maldade deve ser paga, — por todos aqueles que se dizem filhos de DEUS, — com a bondade, com o apôio e união, mostrando-me mais, desde logo, que todo o mal que lhe havia feito já o tinha esquecido, muito embora tivesse eu ainda pela frente os resgates devidos relacionados a ela, que teria de pagar, e serão motivo de ajuda para a minha Salvação.

ROGER — *Francês de nascimento. Durante o poder mandou assassinar a vários cristãos, entre êles João Wiclef, propagador de uma nova doutrina. Mudou a residência dos papas novamente para Roma.*

É triste e doloroso para mim recordar o passado longínquo, mas é estritamente necessário para eu ficar completamente esquecido d'êle, vir aqui também mostrar-vos os dissabores, os infortúnios e as maldades que tive junto a mim durante muito tempo.

Agora que entrei nos conhecimentos verdadeiros, sinto-me completamente feliz e satisfeito, em ter adquirido ensinamentos tão esclarecedores e bondosos, para salvação do meu espírito.

Até alcançá-los, vivia em constante perturbação de pensamentos obscuros, sofrendo todas as conseqüências d'êles. Com os ensinamentos básicos da verdadeira doutrina cristã, elucidados, e sòmente aprendidos por mim no tempo devido em que o meu espírito achava-se apto a recebê-los, pude então verificar que nada adiantaria sem ter chegado ao meu espírito o momento oportuno do verdadeiro arrependimento, pois só nesse instante, começaria a sentir o verdadeiro amor, a caridade e a Suprema Sabedoria Divina.

Sofri até então, o que é dado a todos os espíritos voltados ùnicamente para as tentações terrenas, e como todos, segui o rumo do pagamento devido às transgressões cometidas, e chegado finalmente ao verdadeiro ponto de partida, onde há bastante tempo deveria encontrar-me, mas que sòmente agora, devido à pequenêz do meu espírito, me foi possível alcançar.

É imensa a alegria que sentimos ao ver diante de nossos olhos a solução certa, feliz e duradoura para tudo e para todos, emanada das leis Sábias e Justas de DEUS Nosso Criador, mas deturpadas e infelizmente transformadas pelos homens, em exclusivo proveito de si próprios.

Como é diferente o nosso pensamento, depois que o espírito adquire a bondade e o verdadeiro sentido da caridade!... Olhando para trás, sinto punhaladas constantes em mim próprio, ocasionadas por tudo que fiz, vendo quanta infelicidade espalhei, de quanta maldade fiz rodear-me, quantas lágrimas foram derramadas por minha causa, quantos espíritos deixaram de voltar-se para o verdadeiro caminho da Salvação!... E mirando-me novamente, volvo o pensamento para a Suprema Bondade de DEUS em poder ainda encontrar-me como estou, isto devido exclusivamente à Magnanimidade de SUAS Leis luminosas a atuarem sôbre todos os seus filhos, entre elas, a das consecutivas reencarnações a bem de todos nós, para polimento dos nossos defeitos, e grandes falhas que possuimos.

Sinto-me satisfeito, e acho-me na obrigação de mostrar-vos, quão maravilhosos e belos ensinamentos estão encerrados em nós próprios!... A alma enche-se da vida novamente, de alegria, de vontade de progredir, ao tomar conhecimento do que ora vos acabo de dizer!...

Infelizmente fui um espírito que resvalou demasiadamente no caminho que me foi mostrado dever seguir, pois quando encontrava-me ainda na espiritualidade, prometi que viria à Terra ensinar a Verdadeira Doutrina, e levar o mais possível as criaturas a aprenderem os ensinamentos certos do Nosso Criador.

Com isto em mente, transformei-me entretanto ao encarnar, com as conseqüências que foram aparecendo em volta de mim; em vez de seguir o caminho simples e humilde dos ensinamentos verdadeiros, voltei-me para

o lado da riqueza, e esqueci-me completamente de levar as almas para DEUS. O que fiz, foi sòmente enterrar mais a minha e daquelas criaturas a quem falava, a quem aparecia e me rodeavam.

Tendo vindo à Terra com bastante inteligência, transformei-a para o que não devia. Galguei os degraus do poder chegando finalmente a ter vida fácil, comandar todos, de cima olhar para o mundo, envaidecido e pensando tudo ter sido fruto exclusivo de mim próprio, sem me lembrar do invisível maldoso que me rodeava, e dizer comigo mesmo: eu sou o rei da Terra e o príncipe do Céu!...

Como devereis saber, à vaidade juntam-se todas as maldades e espírito fraco que era, envolvido por elas não mais pude desenvencilhar-me de suas maléficas atuações, devido exclusivamente a não ter dentro de mim a base de ensinamentos cristãos, possuir fé e ter conhecimentos da vida futura.

Com o poder que tinha, bem podeis avaliar como era fácil manejar, resolver e passar por cima de tudo. Com isso, só fiz acarretar para o meu espírito, uma enorme, imensa mesmo corrente de infortúnios, de maldades, de julgamentos errôneos, de vaidades incontidas, enfim, o máximo de defeitos e vicissitudes que um espírito pode carregar consigo.

Com tamanho peso de responsabilidades a rodear-me, impossível seria poder galgar um bom lugar na espiritualidade depois da morte, e fiquei conseqüentemente no plano inferior em que ficam todos aqueles que como eu, enormes pecados carregam sôbre os seus ombros, e imensas dificuldades sentem, sem poder de perto da Terra sairem. Envolto imediatamente por grande poderio de espíritos inferiorizados, ali fiquei sofrendo amargamente por tempo indeterminado, e principalmente por ver-me tão rebaixado, desprezado e maltratado.

Para o espírito envaidecido, grande martírio é em ver-se espesinhado, em sentir mesmo todo o seu corpo dilacerado, em lembrar-se do poder distante que tinha; ver agora que nada mais era do que um joguete na mão daqueles espíritos das trevas!...

A primeira idéia resultante dos errôneos ensinamentos que tive, era a de que achava-me no Inferno, naquele mesmo que havia ensinado, sabendo encontrar-me ali em conseqüência de todo o mal que havia feito.

Sem fôrças e pensando não mais dali sair, logo que pude, blasfemei novamente com todas as fôrças da minha ira, para reconhecer finalmente que havia ido para o lugar por mim merecido.

Perguntava então repetidamente se achava-me mesmo no Inferno, e nada me diziam. Escarnecendo ao máximo de mim estes espíritos que me assediavam, vez por outra deixavam-me entregue e envôlto nas recordações do poder que tive, da vida fácil de outrora, tão diferente da que encontrava-me naquele momento...

Começando a refletir revoltei-me, e pensei então não existir DEUS e sim o Universo regido por suas próprias leis, ficando eu entregue aos meus sofrimentos.

Pensei então que mais deveria ter feito, mais deveria ter aproveitado, por ver as conseqüências que ora estava sentindo. Sei finalmente hoje, que por tais pensamentos muito mais tempo quedei-me no sofrimento, e quão mais imaginava errôneamente, mais dolorosas amarguras tinha diante de mim, e mais padecimentos envolviam o meu espírito.

Muito tempo assim fiquei, e hoje conhecedor das Verdades Celestiais através dos ensinamentos dados por estes bondosos irmãos da Salvação, vejo agora o quanto perdi, e por incrível que vos pareça e mais queira, não encontro palavras para descrever o quanto passei em 320 anos no Umbral do sofrimento...

Oh!... quanto tempo perdido que poderia estar transformado em santificante aprendizado!... E talvez hoje, encontrasse-me em plano de trabalho construtivo e engrandecedor para o progresso da humanidade!... Mas só agora sei que a cada pensamento de maldade que tinha, — sendo ùnicamente espírito rasteiro no lôdo infecto da inferioridade, — acarretava mais conseqüências funestas, que faziam-me quedar por mais tempo ainda, no lugar do sofrimento e podridão.

DEUS, em SUA Infinita Bondade, esperou pacientemente que passasse eu, primeiramente pelo sofrimento, depois pela revolta e abatimento, e finalmente pelo cansaço e arrependimento, por ser este o ponto de partida inicial para a Salvação.

Chegando o momento entretanto, em que dentro de nós palpita este rebate de consciência pelo arrependimento das maldades praticadas, imediatamente chega este aviso até ao Posto de Salvação, e logo começa a vir até nós, — mesmo sem vermos — o auxílio que precisamos.

Com o arrependimento verdadeiramente sentido e convicto, iniciei a minha grande caminhada, — numa quantidade de encarnações já esquecidas por mim, — a resgatar um a um todos os êrros e faltas que havia cometido.

E hoje aqui estou caros amigos, procurando passar o mais depressa possível por esta tortuosa e imensa parada de débitos, desejando sòmente voltar-me agora para o caminho certo que espero seguir conjuntamente com todos estes companheiros de infortúnio, contar-vos as nossas faltas, vos agradecer e desde já convosco trabalhar.

Vós já sois felizes!... Procurae agarrar-vos a esta felicidade que ora possuís, para terdes o Verdadeiro merecimento de poderdes com ela continuar!...

Nós procuraremos também por nosso lado agarrar-nos o mais possível a estes ensinamentos adquiridos, e

através da reencarnação bendita para todos nós, darmos início pela primeira vez, não ao resgate de provas passadas, mas à libertação e Salvação para nossos espíritos.

Antes de afastar-me daqui, não poderei deixar de agradecer a grande Bondade de DEUS em instituir a existência da mediunidade; a Misericórdia de Jesus em permitir que por intermédio dela, saldemos a nossa primeira dívida de resgate, e à Virgem Maria, por sua Bondade em comandar os Divinos enviados de ajuda e Salvação para nossos espíritos!... A êles também, a nossa eterna gratidão!...

A todos vós, o nosso obrigado.

BENEDITO XIV (Prospero Lambertini) Itália 1740-1758

BENTO LAMBERTINI — *Eleito em 1740. Governou 18 anos. Lutou tenazmente contra os cristãos, procurando assim conservar o poder. Desencarnou em 1758.*

Tudo para mim até então, haviam sido trevas e escuridão. Completamente aniquilado sentia-me eu, e neste estado fui conduzido sem saber para onde, por nada ou quase nada poder divisar. Penso mesmo que por muito tempo fiquei como se estivesse em estado comatoso, às vêzes vendo diante de mim sombras de criaturas a olharem-me, mas que me eram desconhecidas.

Como num belo dia de radioso amanhecer, voltei novamente a ter as idéias coordenadas, e pela primeira vez pude abrir os olhos e ver ambiente luminoso.

Com grande dificuldade em ambientar-me, aos poucos fui reconhecendo as benditas criaturas que se encontravam junto a mim, mas no momento lhes notava o elevado poder consolador que tinham, e procuravam darme. Sentia ainda a revolta de não terem sido correspondidas as minhas idéias, e o alto pôsto de supremo comando que havia possuido na Terra.

Apesar das palavras de consôlo, acariciantes mesmo para que erguesse o meu pensamento em sentidas prêces a DEUS, por vêzes não queria compreender, — embora ìntimamente começasse a admitir tudo que me rodeava, — e ficasse bastante surpreendido de ver tantas coisas que pensava não existirem além da morte.

Sabia já não mais me encontrar na Terra, mas assim mesmo tinha fortes ressentimentos íntimos que às vêzes, muitas vêzes, levavam-me ao desespêro absoluto.

Por estranho que pareça a alguns de vós, fui tratado como se estivesse internado em um Hospital, portador de grave moléstia contagiosa, visto que achava-me completamente isolado dos restantes doentes ali recolhidos, moléstia esta que hoje sei, ter sido causada por grandes pecados que pratiquei quando na Terra estava, e portanto trazendo-os comigo, era necessário ficar isolado devido à grande quantidade de fluídos materializados que ainda tinha e não haviam-se desgarrado completamente de mim.

Neste estado de completo isolamento tudo via e notava, mesmo aqueles que se encontravam separados de mim, já possuindo conformação e um pouco de alegria.

Ininterruptamente era tratado não com remédios materiais, mas constantemente com ilucidações santificantes, palavras balsamizadas, com demonstrações de afecto, que aos poucos iriam cicatrizar todas as feridas que possuia, e abrandar a maldade advinda comigo.

Neste ambiente por muito tempo restei, e via consecutivamente sairem e chegarem novos pacientes, e eu ficar no mesmo lugar. Cada vez mais admirado e surprêso, sentia já um pouco de tristeza dentro de mim, por não poder ainda ver-me transferido do primeiro estágio onde havia começado o caminho do meu aprendizado.

Com o tempo pude levantar-me e chegar um pouco até àqueles que achavam-se em melhor estado do que eu, poder conversar mesmo com eles, e contarmos mùtuamente o que havíamos sido, o que tínhamos passado, sempre causando-nos admiração todos terem estado no mesmo lugar de cura e cicatrização de nossas almas.

Muito ouví e quase sempre quando insistiam comigo para lhes narrar também a minha história, pedia-lhes por tudo que deixassem-me ficar em silêncio, envergonhado por ter de lhes dizer o que havia sido, e pressentir a admiração, a interrogação e o desprêzo de seus olhares. Mas a tanta insistência feita, depois de muitas vêzes até êles

ir, sem coragem de voltar e uma palavra lhes dizer, pude um dia tomar a decisão de abrir-lhes o meu coração, e pela primeira vez sentir um grande alívio e contentamento, de desembaraçadamente narrar o que tinha se dado comigo, notando desde logo que uma coisa pelo menos havia-se afastado um pouco de mim: — o grande orgulho que possuia.

À minha volta, cheios de curiosidade rodearam-me, e pausadamente comecei a dizer-lhes que havia sido tudo, e tudo haver possuído: o poder absoluto da Terra, mas não tinha seguido o caminho reto que é mostrado por DEUS a todos os homens, e sim emaranhando-me nas curvas sinuosas do pecado, transtornando-me primeiramente pela ascendência que tinha sôbre todos, e em segundo lugar, por poder a todos subjugar com a imensa fortuna que tinha ao alcance de minhas mãos. Para que preocupar-me com as coisas Divinas quando possuia tudo o que poderia dar-me grande prazer material, que poderia levar-me a grandes sensações, sem qualquer conseqüência que fôsse abalar o poder e a minha vontade? Para que ligar a todas aquelas criaturas que vinham até mim implorar-me lhes desse a bênção de DEUS, pensando acharem-se em estado de graças, cheias de fé, religiosas convictas e mesmo boas, quando delas nada poderia esperar?

Rodear-me dos bons, de forma alguma era-me agradável, mas sim reunir à minha volta aqueles que tinham os mesmos pensamentos, a mesma vontade e ânsia de gôzos materiais!...

Escarnecer... ferir... mandar matar por não ter a coragem de fazê-lo pessoalmente, foram pecados que pratiquei nesta tôrpe, infecta e baixa encarnação que tive!

Enfim, apesar de muito ter sofrido, e tendo agora já alguma coisa aprendido, ficava admirado e sem com-

preender, como a um espírito era dada tanta fôrça e resistência, para não desaparecer completamente diante tanto sofrimento!... Mas vejo agora, por tudo quanto passei e ainda tenho de passar, foi certo, bastante merecido, e mais do que justo...

Lavando a minha alma perante aqueles que me ouviram, não lhes notei escárneo algum pela narrativa da minha história, mas sim uma série de perguntas ininterruptas que fizeram-me por muito tempo.

Voltando novamente ao leito, pensei nelas e pela primeira vez senti-as!...

Não deveria eu ter fé? Não deveria eu ter confiança no futuro? Não deveria eu conhecer um pouco da vida espiritual? Não deveria ter chegado ao ponto que cheguei, porque procurando encontrar resposta a estas perguntas, achei-as logo na falta de fé que tinha tido, nos ensinamentos confusos que havia recebido, e na fraqueza do meu espírito diante do luxo e da grande riqueza que possuia!...

Consecutivamente vindo até mim espíritos ilucidadores, batalhavam incessantemente no mesmo ponto, no mesmo ensinamento, naquele em que perguntavam-me: se Jesus havia sido rodeado de luxo; se havia pregado àqueles que tudo posuiam, e se havia por acaso mandado construir templos carregados de ouro, ornados com imagens ainda mais ricas e enriquecidas? Ou se por outro lado, em vez de distribuir o dinheiro com os pobres infelizes, tinha mandado amontoá-lo em tão grande quantidade que poderia construir um faustuoso principado, e às criaturas infortunadas, nenhum bendito auxílio lhes desse?...

A cada ensinamento destes, — podereis crer — era como se levasse enorme martelada na cabeça. sentindo a dor da incompreensão que havia tido, levando-me a pensar permanentemente no lugar infeliz em que havia morado...

Tinham razão. Estavam com a Verdade, porque lá existia mesmo grande riqueza e luxo, e esta riqueza em muito pouco era distribuída ou dada, aos pobres e necessitados das coisas materiais!... Até mesmo a riqueza espiritual que dali saia, era deturpada mal ensinada, e portanto quando chegava até àqueles que dela precisavam, não lhes dava a verdadeira fé, e o verdadeiro consôlo que tanto esperavam!...

Finalmente, depois de muito tempo ter chorado lágrimas de arrependimento amargo, e já tendo sarado com estas lágrimas a grande tristeza que tinha comigo, dali fui transferido, e achei-me como uma criança que inicia o estudo, tudo tendo que aprender, a começar pelas primeiras letras. E assim principiei a tomar conhecimento dos ensinamentos certos e evangelisados de DEUS, tão amplamente difundidos por Jesus.

Deste aprendizado exclusivamente, sôbre coisas da espiritualidade, era do que o meu espírito mais necessitava, era o que mais ansiava devido a nada saber, e o pouco de que tinha conhecimento, era errôneo, mal fundamentado e confuso.

Esqueci então tudo que havia aprendido antes, para sorver sôfregamente as palavras benditas do amigo que até nós vinha cheio de bondade e paciência, sentindo-me fortificado dia a dia, com uma paz espiritual dentro de mim, que até então não havia conhecido!...

A princípio sòmente ensinamentos sôbre tôdas as Verdades, mas logo começamos a aprendê-las, senti-las e exteriorizá-las, foi-nos então dada a revelação de que precisávamos ter novo reencarne.

Desde esse momento tudo transformou-se e ficou exclusivamente voltado para a maneira como havíamos de conduzir-nos, mostrando-nos sempre que enquanto ali nos encontrávamos, tudo achávamos certo, a tudo acediamos, com tudo concordávamos, pensando já ter adquirido for-

ças bastantes para enfrentar a vida terrena. A todo o momento era-nos dito entretanto, que desde a hora em que tomássemos a nova vestimenta material, começaríamos a esquecer os ensinamentos, transformaríamos a nossa mente, e voltaríamos pouco a pouco declinando para o êrro e mau caminho. Por isso era preciso que aprofundássemonos bastante na fôrça de vontade, na reação e cuidado para não deixar criar dentro de nós, essa transformação pecaminosa. Todos dali sairam e eu tive que ficar, por ser o mais necessitado... Dentro de mim, eram então colocadas idéias maravilhosas de bondade, de caridade e amor ao próximo, e principalmente, de conformação na grande pobreza que iria me esperar...

Sentindo a aproximação do dia em que deveria volver à Terra, dentro de mim uma idéia fixa aprofundou-se de procurar imediatamente resgatar os peores males que havia feito sofrer. Hoje sei que esta idéia é fixada em todos os espíritos quando sentem intimamente a maldade que praticaram, e portanto convictos dos pecados que carregam. Conduzido por este pensamento, resolvi pedir o contrário da beleza física que havia tido, do poder de irradiação e contrôle sôbre os outros, e daquilo que tanto bem faz quando a possuimos: a simpatia que agrada e encanta!...

Chegando até ao bondoso amigo espiritual, externei-lhe o meu desejo que foi recebido com grande alegria, dizendo-me estar muito satisfeito com o meu progresso espiritual.

Volvi à Terra novamente e posso-vos dizer: não vim, — embora pensasse — com fôrças bastantes, com aprendizado necessário e suficiente, e portanto resvalei de novo, principalmente na parte em que todos procuravam afastar-se de mim pela má impressão que lhes causava. Recalcado pela deformidade física que possuia e me fazia

ficar completamente separado, ressentia-me, o que era para mim revoltante, horrendo e cruciante.

Como todos aqueles filhos de DEUS, também inúmeras vêzes à Terra vim, e sempre que voltava à espiritualidade, — a verdadeira morada — novo alento era me dado, novo conforto e novos ensinamentos. E, apesar de todas estas bondades imerecidas, sempre caí, muito embora fôsse melhorando pausadamente, era quase impossível para mim progredir, visto estar ainda tão agarrado a inúmeros defeitos que trazia do passado. Hoje poderei vos dizer, — não obstante tenha ainda muitos débitos a resgatar à minha frente, — já tenho e possuo melhor contrôle, não mais quero sentir perto de mim as riquezas materiais, mas sòmente aprender, aprender cada vez mais a obter as riquezas doadas pela espiritualidade!

Nesta Caravana de espíritos, entrelaçados pelo sofrimento proveniente de um único lugar, de uma única posição, de um único mandato, sinto-me como se tivesse achado o melhor dos caminhos a seguir, por havermos começado já, — embora ainda muito falhos, — a retribuir as inúmeras e proveitosas dádivas que recebemos...

Conjuntamente com êles, advirto principalmente àquele que hoje se encontra no mesmo trono em que me sentei, assim como aos que vierem a ocupá-lo, pedindo-lhes encarecidamente que dêle tenham coragem de descer, acercar-se da pobreza, espalhar a verdadeira caridade, despir o manto magestoso que sôbre seus ombros carregam, e vestir a simples Túnica com a qual Jesus à Terra veio, calçar como Êle as pobres sandálias, seguir o seu caminho, e não enclausurar-se rodeado de incalculáveis riquezas que deveriam ser colocadas em auxílio aos pobres necessitados; ainda fazendo como Êle, seguindo o seu exemplo, disseminando por todas as criaturas as ri-

quezas verdadeiras dos Evangelhos espiritualizados de DEUS!...

A vós amigos, alertae em tempo... porque vos será muito mais fácil enquanto estiverdes envoltos pela matéria o arrependimento sair de vós, do que êle vos vir sòmente depois, conseqüente de maiores sofrimentos que tereis...

A coragem, o amor ao próximo, a caridade e a bondade, andam de mãos dadas para acercarem-se de todos nós, a cada momento em que nos voltarmos para elas!...

Pio VIII - (Francesco Saverio Castiglioni) Italia 1829 - 1830

ANGELO CASTIGLIONI — *Foi eleito em 1830 só passando 20 meses no poder. Desencarnou sùbitamente, (assassinado).*

Histórias tristes, cheias de pesadêlos avassaladores chegaram até vós, levando o vosso pensamento e a vossa alma, envolverem-se no emaranhado de todas as existências destes pobres espíritos pecadores.

Viste bem caros amigos, o que leva o espírito a grandes provas, ocasionadas por sua vida de torpezas, maldades, e grandes infortúnios espalhados por todos os lados.

Como a eles, foi-me destinado quando numa das existências que tive, o mesmo lugar, o mesmo poder, a mesma preponderância sôbre tôda aquela grande quantidade de almas que almejavam ir diretamente para o Céu. Umas, pensando consegui-lo por darem muito do que possuiam, e outras fazendo a caridade, mas esta desprovida de qualquer misericórdia por parte de quem a espalhava, visando sòmente com o gesto, obterem mais favores para si próprios.

Infelizmente sinto até hoje imensa tristeza, e um profundo abismo mesmo dentro de mim, pensando não poder retirar-me dêle enquanto muito não puder trabalhar, procurando desemaranhar-me completamente das conseqüências maldosas, que possuo e carrego no meu espírito há muito tempo.

Não poderei vos dizer, fazendo de mim uma auto-análise, que nesta minha existência fui bom, misericordioso compreensivo e sem possuir maldades. Achando-me então já possuidor de certas virtudes, pensava que não fa-

zendo o mal ao meu próximo, ensinando tudo aquilo que trazia comigo, teria com toda a certeza muito melhor vida no Céu, do que aquela que naquele tempo desfrutava.

Errado pensava eu, por desconhecer as leis Naturais certas e imutáveis, não haver para qualquer espírito distinção de categorias terrenas, e sim exclusivamente separação entre aqueles que tudo faziam para se melhorar, e outros mais áquem estavam estacionados. Procurava então não me preocupar com o futuro, por achá-lo garantido e seguir instintivamente, maquinalmente mesmo, como acionado motor, tudo o que se deparava pela frente, para ensinar pregar e dessiminar.

Não calculaes, por mais profundamente que o vosso pensamento possa atingir, ser quasi impossível ver a decepção que tive com o verdadeiro despertar na espiritualidade, onde pensava, ser mesmo recebido igualmente, — como resa a história, — do mesmo modo e maneira, como foi o da chegada do Salvador ao Céu...

Cânticos, alegria, luz, não existiam à minha volta... Embora soubesse que havia passado para a outra vida, fiquei completamente desorientado, confuso mesmo, por tudo que aparecia agora à minha frente, não ser aquilo que achava ser certo e seguro.

Tristemente recolhido ali fiquei por algum tempo, sentindo constantemente a grande mudança que havia se transformado em mim, não para melhor como esperava, mas sim para o ambiente da mesma frigidez moral, daquela tristeza e angustiosa solidão, tão falada e cantada, sôbre a morte, por todos aqueles que se dizem poetas.

Vez por outra procurava raciocinar, e não achava motivo e causa de estar na solidão; começava logo a dar-se dentro de mim grande revolta, ocasionada por enorme sofrimento que pensava ter, achando no que muito me abalava, estar padecendo de um mal jamais por alguém atingido.

Quão errado era em agir desta maneira, pois tornava-me egocêntrico só pensando no que possuia, sem sentir nem poder ver a angústia e o sofrimento que a poucos passos, encontravam-se perto de mim.

Algum tempo depois já podia ouvir grandes gemidos, grandes áis de sofrimento, muitos pedidos de socôrro, e procurava ver que eu não sentia ânsias de gritar, e portanto alguns peores do que eu ali se encontravam, muito embora ainda pensasse ser impossível o que me estava acontecendo. Raciocinando, achava eu ser impossível não existir DEUS, e então resolvi fazer um apêlo à SUA Misericórdia para que até mim viesse, e me tirasse do sofrimento em que estava. Com toda a fôrça que possuia por muito tempo chamei-O, e consecutivamente continuava a chamá-Lo, sem ter resposta alguma, sem ter um pequeno sinal!...

Completamente abatido, desorientado e triste comecei um belo dia a chorar convulsivamente, implorando novamente a DEUS que viesse até junto a mim, e logo comecei a divisar uma grande luminosidade, que aproximando-se deixou-me completamente extasiado, fazendo-me pronunciar em altos brados: Meu DEUS! Meu DEUS! Vieste até mim! Como é Grande e Infinita a TUA Misericórdia!...

A estes brados de emoção e alegria, respondeu-me alguém que aproximando-se disse: — Estás enganado caro irmão; não sou o vosso e nosso DEUS Misericordioso, Bondoso e Caritativo, mas sim um pequeno SEU enviado, que junto a ti vem para explicar-te todas as causas e coisas que te tem acontecido.

Quando pude, — por faltar-me a voz por muito tempo, — perguntei-lhe então se era algum Anjo, aonde pertencia, ou que Santo seria? Disse-me primeiramente não ser Anjo e conseqüentemente não ser Santo, mas sim pequeno trabalhador, dos muitos e inúmeros mesmo, que

existiam na Verdadeira Vida, "a Espiritual." Pouco a pouco, com paciência, explicou-me todas as contradições a que estava agarrado e muito embora sentisse-me possuido por elas, por ter levado uma existência completa naquele mesmo sentido à falta de compreensão, procurei não aceitar imediatamente o que me dizia, mas... sentia, aquele que me falava, só poderia ser uma entidade boa, por ter vindo me tirar da solidão, do sofrimento e da dor.

Pedindo-lhe encarecidamente que dali me levasse, disse-me ser cedo ainda, pois precisava eu de sentir arrependimento completo e se tinha vindo até mim, foi por Misericórdia Magnânima do Nosso Creador.

Fiquei aguardando ansioso as visitas de bondade que vinha me fazer, e quando tardava um pouco, pressentindo esta demora, ficava impaciente e aflito, desejoso de sentir a sua presença benéfica e amiga.

No momento preciso, na hora devida do que tinha de se passar comigo, deu-me a notícia de que iria acompanhá-lo, muito embora estivesse eu debilitado e quase sem fôrças para segui-lo. Muitas das vêzes perguntava-lhe admirado, se de nada servia o que havia feito, procurando dissolver lutas, amainando corações tempestuosos, chegando até junto daqueles que estavam para morrer dando-lhes consôlo, e espalhando aquilo que havia aprendido e dessiminado com todo o ardor. Sentia tristeza na resposta, por dizer-me logo o amigo, que havia eu tido como doação da Misericórdia de DEUS uma inteligência dotada de sabedoria, e portanto deveria tê-la levado a conhecer e espalhar os verdadeiros ensinamentos, não fomentar e dissolver batalhas materiais e sim transformar espíritos maldosos em cordeiros humildes; não levar sòmente o trigo material àqueles que se abeiravam da Verdadeira Vida, mas ministrar-lhes o Verdadeiro trigo Espiritual, a sabedoria das coisas pelas quaes iria passar; não espalhar tantos dogmas por mim instituidos, mas des-

truir sim, a quantidade que possuia; baixar-me ao nível daqueles que se encontravam em plano inferior, para mostrar-lhes então tudo que havia aprendido e precisava divulgar.

Muito tempo depois fui compreendendo estas palavras e comecei a abater-me como se estivesse sendo acometido de grande mal material, destes que corroem pouco a pouco o corpo, que transtornam a mente e completamente a emudecem.

Vendo a Verdade, sentindo-a, pude notar quanto encontrava-me ainda longe de onde deveria estar e o que teria de caminhar e aprender, para poder alcançar o ponto aonde encontraria o verdadeiro apôio, e seguir a rota certa da espiritualidade.

A cada ensinamento, a cada instante pulsava-me o coração, achando serem aquelas as verdadeiras Verdades. Tornava-me tristonho e a cada dia mais que se passava, meditava no grande pêso de responsabilidade que tinha sôbre o meu espírito, muito embora, — há muito tempo atrás — pensasse subir para a espiritualidade leve como uma pena por não ter cometido falhas contra a minha própria moral. Compreendi então que não só é o bastante ao espírito a conservação intacta pessoal, mas também a preservação moral e espiritual de todos aqueles que o rodeiam, o fortalecimento da Fé, a confiança, a perseverança e a verdadeira oração.

Não espalhava os Verdadeiros ensinamentos, e por conseguinte não fazia chegar até às criaturas que em mim confiavam, o Santo Manancial que precisavam, tornando-as muito embora indiretamente, mas de conseqüências graves para mim, espíritos descrentes, espíritos materiais, espíritos atêus... Acumulando tantas responsabilidades, — não podeis calculá-las, — foi que o jugo tornou-se pesado para mim, e sòmente com grande custo pude retirá-lo

um pouco de meus ombros, já bastante cansados e abatidos.

Neste estado, bem deveis avaliar quanto penei e sofri!... E voltando novamente à Terra em consecutivas encarnações, cheio de ânimo, com imensa vontade de trabalhar, e munido de grande Fé para levar a tôda a humanidade ensinamentos novos, concretos, verdadeiramente cristãos por ela desconhecidos, vi com tristeza voltarem-se contra mim, retirarem-se todos sem nada ligarem às palavras que lhes havia dirigido.

Vida Espiritual?... Nova Vida?... Verdadeira Vida?... Riam-se, escarneciam, e sentia ser tudo isto, o resultado das conseqüências maldosas que havia fundado dentro das suas consciências, ministrando-lhes consecutivamente ensinamentos errôneos; levando-os à descrença e ao ateísmo, à falta de provas concretas, santificantes e confortadoras. Procurando dessiminar um pouco aquilo que trazia dentro do espírito, voltando a reavivar reminiscências do passado, errava sempre, transformando os ensinamentos recebidos para o mais fácil, mais adaptável ao ambiente e ao povo que me ouvia.

Por muito tempo existências tive vindo até aqui, voltando sempre sem o resultado desejado, muito embora já possuindo grandes ensinamentos contidos no meu espírito e com inteligência desenvolta para algumas coisas espirituais.

Revestindo-me de uma vontade férrea, novamente voltei; e para que não vos dizer? Novamente falhei... pois em vez de difundir os Verdadeiros Ensinamentos Evangélicos, e transformá-los em Fonte Viva espiritual, quedei-me agarrado ao pé da letra que maltrata. E vendo que algumas coisas já estavam cançando a humanidade, transformei-as, fiz e editei um livro com meus próprios ensinamentos. Como resultado, fundei nova religião, implantei nova crença, e tendo dentro de mim revol-

ta interior de existência passada, insurgi-me constantemente contra tudo aquilo que eu próprio tinha sido orientador, convertendo a presente existência que tive, em protesto permanente contra o clero de então.

Sôbre mim agitaram-se completas perseguições, mas com elas sentia alegria, felicidade, e mais vontade de lhes ir ao encontro, por ver que grande campo tinha à minha frente, e que multidões frustradas e incompreendidas, seguiam-me à procura do caminho da Salvação.

Não sabia que novas transgressões estava praticando, por ter feito segundo a minha vontade novas leis, tiradas desairosamente sem assombro, da essência Divina, e desenvolvidas para facilidade e manejo das próprias criaturas. Tendo ressentimentos contra os ídolos, risquei-os da minha orientação. Com igual ressentimento contra o clero eliminei-o também por sentir horror a tudo que o rodeava. Mas também tirei aquilo que iria dificultar-me os movimentos, que já haviam sido causa de grandes escárneos, "a Reencarnação, e a comunicação dos espíritos com sêres materiais terrenos."

Combati incessantemente, por haver riscado dos meus planos estas duas causas, e fiquei satisfeito em ver o progresso que tinha feito para bem da humanidade.

Por várias vêzes mandaram emissários para exterminar-me, mas baldados foram os seus esfôrços por grande ser já, a quantidade de asséclas que me acompanhavam.

Novamente volvendo à espiritualidade fiquei do mesmo modo transtornado absôrto, e muitas vêzes mais rodeado de sofrimentos, não só por haver infringido as Leis Santas e Imutáveis de DEUS, mas também riscado as coisas principais para a humanidade se Salvar.

Tantas vêzes quanto aquelas que tinha vindo até então, voltei à pátria do sofrimento, procurando debalde-

mente dissolver o mal que havia feito, mas já tão espalhado, que nada mais poderia fazer!

Sofrer... padecer por tôdas as inverdades, eram sempre as causas principais que me levavam a novas encarnações, tendo contìnuamente a tristeza junto a mim a querer debelá-las das criaturas, e infrutiferamente não o conseguir, por já possuirem dentro de si arraigada Fé e perseverânça no que as esperavam. Converter e ensinar um principiante é muito mais fácil, do que procurar ministrar verdadeiros ensinamentos, àqueles que já se acham agarrados a uma Fé antiga, ou a novas crenças fundadas, logo após terem passado por grande abalo moral.

Chegando novamente à espiritualidade, chorando copiosamente lágrimas amargas do meu insucesso completo, disseram-me então, que não deveria procurar convencer os espíritos presos a uma Fé errônea, mas sim, ministrar ensinamentos àqueles que se achavam desarvorados, tristes, solitários e vasios, em busca da chama viva da Luz e da Verdade.

Perguntou-me o espírito amigo, se não seria do meu gôsto começar novamente do ponto primeiro, e juntar-me àqueles que como eu, tinham morado no lugar do estacionamento espiritual. Sem saber ao que falava, a que se queria referir, e a quem se dirigia, disse-lhe inconscientemente que estava por tudo, e queria mesmo começar a trabalhar.

Encontrei-me de imediato junto a êstes amigos de sofrimentos conjuntos, e pela primeira vez senti a alegria e felicidade, por vê-los irmanados num só pensamento coeso, e igual àquele que tinha dentro de mim.

Juntos, combinamos prometer a DEUS não transgredir em um só milímetro aquilo que tinhamos aprendido e guardado dentro de nossos corações, para espalhá-lo no momento oportuno à humanidade, ansiosa não de ensina-

mentos novos, mas daqueles tão amplamente pregados pelo Cristo de DEUS, mas mal interpretados por quase dois mil anos, e que só fizeram acarretar para a humanidade, sofrimentos, desolação, tristeza e dor.

Juntos voltaremos portanto, com um fito dentro dos nossos espíritos; com um pensamento único nas nossas mentes; com uma só palavra a brotar dos nossos corações ressentidos: o de ensinar-vos o caminho certo e verdadeiro da Reencarnação!...

E sòmente quando pudermos difundir êste ensinamento, quando pudermos exemplificar, quando pudermos ter o aproveitamento devido, é que poderão sossegar os nossos espíritos, alegrarem-se, e progredir...

São Pedro Damião

PEDRO DAMIÃO — *Natural de Ravena. Estudou em Palma. Governou pouco tempo entre o desencarne de Estevão IX e a eleição de Gregório VII.*

Com meus companheiros de infortúnios materiais, julgava impossível haver até então um prenúncio de correção conjunta para nossos espíritos, irmanados pelas mesmas falhas materiais sobrevindas do ambiente a que fomos arrastados, "O Vaticano" por nosso olhar de cubiça, pela nossa vontade e desejo de mais alto poder, pela nossa falta correta de praticar e ensinar o Evangelho puro e santificador.

Precisando ainda de imenso aprendizado no plano espiritual, eramos até há pouco, espíritos sem meta de trabalho, preocupados ùnicamente com a exteriorização triste dos nossos próprios padecimentos malfadados, a pensar contìnuamente nos erros cometidos, na grande quantidade de encarnações passadas sem aproveitamento, e em conjunto de pensamentos, meditavamos nas muitas que nos adviriam.

Não esperavamos a Misericórdia Divina. Nós não a poderiamos merecer... Quem eramos? O que haviamos feito? Pelo mal praticado, por tudo mais enfim, não éramos dignos de obter uma única fagulha de SUA Misericórdia, muito embora no íntimo, esperassemos ansiosamente por ela.

Como um cardume perdido na imensidão do Oceano Universal, aguardavamos sem saber a hora Bendita, o momento preciso da chegada dos mensageiros espirituais,

concretizando o que de melhor poderia até então nos ter acontecido.

Sabeis agora portanto irmãos meus, tôda a Verdade; o motivo pelo qual contamos detalhadamente o infortúnio de cada um de nós, causando-nos isto, grande alívio interior, sossego de espírito, felicidade mesmo... por podermos mostrar que já conseguimos algo, que já alcançamos alguma melhoria e com a humildade já obtida, nos achamos no caminho certo da nossa Salvação.

Até então com o orgulho a avassalar-nos o espírito, com o preconceito da superioridade, não viriamos de forma alguma exteriorizar as nossas falhas. Vemos todos agora entretanto, que já alguma coisa aprendemos e conservamos no próprio interior, que a alegria e a felicidade transborda de todos nós, e já podemos cantar um pouco a hosana maravilhosa dos espíritos orientados, dos mensageiros da Luz, acompanhando-os silenciosamente com o espírito marejado de lágrimas, em agradecimento ao NOSSO CRIADOR.

Mas, o principal motivo da minha presença junto a vós, é também a narrativa da minha história. Sem ela ser contada a vós outros, daqui não sairia aliviado, bem como todos os meus companheiros que também ansiosos encontram-se para lavar o espírito, aliviar a mente, e sentirem-se desenvoltos da perturbação contida nos próprios interiores, pela explanação da palavra, através da mediunidade verdadeira.

Conseqüências múltiplas acumulamos, nas diversas encarnações passadas. E como está escrito nos verdadeiros Evangelhos concretizados por Nosso Senhor, e não naqueles padronizados de conformidade com a nossa própria vontade, o espírito materializado deverá pagar até ao último ceitil, tôdas as transgressões ocasionadas contra as Leis de DEUS.

Felizes ficaremos em poder fazê-lo e esperamos com o aprendizado que já tivemos e teremos, poder pagar o mal que fizemos, exteriorizando ao NOSSO CRIADOR tôda a vontade de trabalhar, tôda a ânsia de prosseguir e continuar a melhorar o nosso espírito.

Quando começamos a ver o mal contido na camada exterior de nós próprios, abatemo-nos completamente, rastejamos mesmo, e sentindo não poder chegar a usufruir a Misericórdia DIVINA, quedamo-nos no ocaso. Mas logo nos é dito que ELA é ilimitada e extremamente Bondosa, porque apesar de havermos sido falsos representantes de NOSSO CRIADOR sempre chega até nós, para conseguir novamente levar-nos para o caminho da Salvação, antepondo-nos uma margem de reerguimento. E sòmente um SÊR SUPREMO, DEUS NOSSO PAI, de Misericórdia Infinita, conseguiria fazê-lo.

Começarei então a descrever-vos um pouco a triste época pela qual passei. Se pudesse nunca a teria vivido; se soubesse o sofrimento dela resultante, algo teria feito para nunca a tal chegar!... Mas tudo temos de pagar pelo que devemos. E se hoje compreendo os êrros que cometi, as maldades que pratiquei... serviram muito a mim próprio, e servirão a muitos outros de exemplo, para saberem que a grandeza material é o infortúnio espiritual; que a luxúria humana é a decadência do espírito, e que a sabedoria da inteligência envolta pela materialidade, não eleva a criatura para DEUS.

Como todos, com a capa da bondade a envolver a matéria, capa esta que poderia ser exteriorizada igualmente àquela que usava constantemente, segui o reinado material do comando das almas, sem nada querer saber delas, mas pensando exclusivamente em mim. Com a posição que tinha, podereis avaliar que deveria eu ser a personificação da pureza, da bondade, da castidade, do amor e da irmandade para com todos os meus semelhantes.

E o que era eu então afinal? O antípoda de tôdas estas virtudes, acrescido da mentira continuada e ligada à proibição feita dentro dos mandamentos da igreja católica, interditando o casamento material. Mas entendia eu, que tendo todos os privilégios, podia acrescentar mais o único que me falatva, que era o de igualmente àqueles que me rodeavam, possuir a felicidade de um Lar. E como todos os irmãos meus que alçavam ao poder no qual me encontrava, com a falta completa de crença, que também existia no meu íntimo, aquilo que pregava não o sentia mas sòmente exteriorizava. DEUS?... Não existia!... Vida Espiritual?... Impossível!... Tudo terminava no nada... Tudo terminava no chão material!...

Irremediàvelmente descrente do que ensinava sem o fator primordial ao qual pudesse agarrar-me, sem a fé viva a que pudesse orientar os meus seguidores, esvaía-me no nada, esbanjava-me na luxúria, e espairecia-me nas maldades... Construi aquilo que almejava. Desfiz-me dêle por prejudicar-me todos os movimentos. Abandonei aquela ou melhor, enclausurei-a, e mais tarde mandei tirar-lhe a vida juntamente com os dois rebentos da nossa união, para que não perturbassem a senda de promiscuidade a que me entregava; não contassem pelos quatro cantos do infortunado Vaticano, o resultado da minha fraqueza material, e finalmente não ficassem ligados à minha história.

Antes tivesse continuado com êles, pois seria o único passo que daria na vida, que não seria prejudicial ao meu espírito. O restante, ocasionou-me a queda total, carregou sobremaneiramente a minha alma, conduzindo-me até ao rastejar no Umbral.

Podereis desde logo ver que sem vos descrever pormenorizadamente o mal que fiz, e sim numa síntese breve a infortunada existência que tive, as conseqüências

dela foram avassaladoras, o mal feito produzido surtiu no meu espírito grandes ondas de sofrimento... e como todos aquêles que encontram-se na dor, não sei quanto tempo passei nela.

Conheceis já detalhadamente a descrição do Umbral, porém poderei vos assegurar, que não existem palavras materiais para descrevê-lo!... Não há sofrimento no espírito que possa exteriorizar tudo que nos rodeia em tal infortunado lugar... de sofrimento como sabeis, rastejamento dos próprios espíritos, esfacelamento da mente... perturbação contínua do pensamento. Quereis saber quem ao final deste sofrimento teve a coragem de aproximar-se de mim, e pela primeira vez, — depois de muito tempo — dizer-me uma palavra amiga de amor, oscular-me o espírito, e tentar introduzir nele os ensinamentos certos do plano Espiritual? Aquela a quem deveria ter seguido e tudo deixado, para mostrar à humanidade que DEUS NOSSO CRIADOR, instituiu a Lei de "crescei e multiplicai-vos" para nosso próprio bem. Aquela que levou a palavra de mãe e que a tendo possuído, teve contìnuamente a proteção da Virgem Maria. Aquela a quem até hoje tudo devo, por ter-me amparado constantemente, e tirado-me das profundezas do sofrimento...

Pensei que ao chegar até mim, viesse ainda mais martirizar-me pelo mal que lhe havia ocasionado. Aguardei como a tantos outros, o seu espancamento ao meu espírito... Aguardei o seu escárneo, mas tal não aconteceu; tudo vindo provar-me que os espíritos não são iguais, que embora sejam criados da mesma maneira, transformam-se com as conseqüências do próprio perjuro que fazem contra si, e quase sempre, aquêles que pensam na vida material serem os bons, os justos, os santos, acontece-lhes o contrário; e tantos outros entretanto, que passam desapercebidos na senda material, elevam-se fàcilmente até ao plano de felicidade. Os prejudicados, er-

guem aquêles por quem foram sacrificados, mostrando contìnuamente que o mal, na senda espiritual é transformado em bem, e que sòmente o bem, chegará à vitória final.

A vida concretizada em quatro minúsculas letras, poderia se transformar de um momento para o outro, em felicidade espiritual. Mas tal não acontece, por causa exclusiva do ponto máximo existente no ambiente material, do lugar onde transborda a confusão para os espíritos, o transtorno das almas, a pedra de tropeço, finalmente ao próprio progresso terreno. Êste lugar, — bem o sabeis, — não poderá continuar, sendo prejudicial ao rebanho do Bom Pastor. Tendo chegado ao momento final em que deverá se dar a separação dos bons e dos maus, necessário é, que êsse ponto máximo do transtorno humano seja evitado, e com isso uma transformação radical surgirá, em que os bens materiais tão avaramente acumulados, terão a sua distribuição condigna pela humanidade sofredora.

Nós? Aqui voltaremos... aqui estaremos na hora que nos fôr determinada, para pagar aos humildes a luxúria que tivemos; para dar aos sofredores, a palavra verdadeira do Evangelho concretizado, para erguer as almas combalidas pela nossa própria falta de consciência, ensinando-lhes o caminho certo, em vez do errôneo que lhes impuzemos, para terem o Divino alívio dos seus próprios sofrimentos; encaminharmos tôdas as ovelhas para DEUS, por termos sido até então, os desencaminhadores do Bem para elevar os Verdadeiros Evangelhos ao ponto em que deverão chegar, a unificação geral da humanidade, com uma única mente voltada para o Divino ponto, — "a Vida Espiritual".

Que DEUS se compadeça de todos nós...

Grato pela atenção que tiveram em ouvir-me, sinto-me profundamente aliviado, e daqui sairei leve como um passarinho, feliz como uma ave que se solta no momento oportuno de uma gaiola, na qual se encontrava há bastante tempo presa.

Poderei voar, poderei ser livre, poderei começar a trabalhar para DEUS!...

A Paz seja convosco.

LEÃO XIII (Gioacchino Pecci) Itália 1903-1914

JOAQUIM PECCI — *Nascido na pequena povoação de Carpinêto perto de Anagni a 2 de Março de 1810. Filho da nobre família Pecci, ocupou grandes cargos na Igreja.*

Aguardando ânsiosamente o momento ao qual poderia eu, lavar também o espírito com a confissão expontânea de meus erros capitais, procurei concretizar detalhadamente por certo tempo, alguns dos fatos principais da tormentosa existência que tive com subseqüentes infortúnios, resultantes dos grandes pecados ocasionados pelo fator primordial "a riqueza terrena". Tudo comigo se passou diferentemente, assim penso eu.

Nasci em ambiente de riqueza, e desde os primeiros instantes, os múltiplos benefícios materiais rodearam-me por todos os lados. Sendo criado neste ambiente de tanta fartura, tornei-me ocioso, preguiçoso e vulgar. Como com tôdas as pessoas acontece, não querendo estudar por achar a vida fácil, mas tendo desde há bastante tempo, meus pais determinado minha profissão, — prosseguimento de uma dinastia de nobreza para a qual todos os varões de família haviam sido escolhidos até então, para ocupar o mais alto posto no plano material, — fui internado em Colégio de Nobreza, para aprender e poder formar certo grau de inteligência, e conseguir o posto pretendido por êles. Não tinha porém a inteligência devida, era mau, e transformando todo o ambiente à minha volta, prejudicava aquêles que privavam da minha amizade, transtornando-lhes o estudo, sendo constantemente preciso volver ao ambiente familiar, para depois, novamente ser levado para aquêle lugar no qual não desejava permanecer. Finalmente conseguindo sempre sobrepor-

me à vontade de todos, saí eu portanto, concluindo meus estudos. E como o principal era e penso ser ainda hoje, o nome, a nobreza e a moeda terrena, fatores poderosos para se conseguir alguma coisa, puderam com isto, alçar-me à frente daqueles que mais valiam intelectualmente, e num abrir e fechar de olhos, achava-me sentado no mais ambicionado trono de comando!...

Como cheguei ali influenciado e ajudado exclusivamente pelos bens materiais, fiquei atordoado por não saber comandar, por sentir-me sem fôrças, sem aprendizado devido, completamente desorientado...

Sentindo estas falhas primordiais a rodear-me, alguns dos meus astutos acompanhantes, enraizados já completamente no próprio meio em que vivíamos, influenciando com conselhos materializados, o meu espírito fraco e irresoluto. Começou desde então, o cáos e a minha descida... Iniciaram-se os pecados com as inúmeras orgias, atuando estas sobremaneira, e levando-me ao caminho da perdição, como a todos que se encontram no poder.

Senti em dado momento que começava a ficar surdo progressivamente. Para não o notarem aquêles que me rodeavam, grande esfôrço tinha de fazer para ouvi-los. E não se passou grande tempo, em que me achei completamente separado da parte sã de minhas fôrças. Sabeis por acaso o que passou a acontecer-me? Ouvia outras vozes completamente diferentes daquelas em que estava acostumado. Não influenciavam-me como aquêles que rodeavam-me, para a distração e facilidade material. Maltratavam-me porém, feriam-me a alma, espezinhavam o meu pensamento constantemente!... Eram fósseis cavernosos, eram vozes malfeitoras... Eram vozes a transtornar-me indefinidamente! Com esta perturbação, com êste martírio, aos poucos foi transtornando-se-me a mente, e fiquei completamente louco!...

Ao acontecer tal desgraça, para não transparecer a verdadeira causa, porque mais iria transtornar completamente todo aquêle grupo de fanáticos que sentiam não poder nada daquilo acontecer comigo, novamente rodearam-me e fizeram, na minha loucura, tomar o medicamento que achavam necessário para meu descanso final, um descanso apropriado dentro da calma, de modo a poderem mostrar a todos, que o principal mandatário, a primeira pessoa, o soberano supremo, representante de DEUS na Terra, tinha de morrer suavemente, e transparecer-lhe da face, a doçura do ambiente Celestial!...

Se pudesse falar o quarto onde encontrava-me encerrado!... se pudessem gritar a verdade, as quatro paredes que presenciaram a minha loucura!... Se as vozes chegassem até àqueles que acreditavam nestas mentiras!... Enfim... tudo foi feito para o bem para a salvação do nome e da imunidade do tão falado "Vaticano".

Tempos passados, a confusão perturbando-me constantemente, louco ainda no plano espiritual, nas trevas do Umbral, era constantemente empurrado, espezinhado por todos aquêles que ali se encontravam, e vivia semi-inconsciente, enxarcado no lodaçal fétido daquele plano de sofrimento.

Como a todos acontece, comigo também assim foi no momento ocasionado por um lapso de arrependimento e numa hora de lucidêz, pude ser alçado pelos espíritos da Bôa Vontade, e levado inconsciente para certo lugar de tratamento.

Bem mais adiante, novamente padecimentos múltiplos em encarnações seguidas, pagamento dos débitos e consecutivamente, das maldades enraizadas no espírito, muito difíceis de serem retiradas conjuntamente, ou separadamente dêle.

Para adquirir um vício ou uma maldade, o espírito não o sente mas carrega-o constantemente no ambiente

material, só vindo a sentir suas graves conseqüências, quando encontra-se novamente na vida espiritual. Para retirá-los, novo sofrimento e grandes dificuldades, para desvencilhar-se dêles.

Não sabeis nem calculais, as encarnações consecutivas que ainda tive, começando por aquela em que fui demente completamente, seguindo-se sucessivamente o melhoramento do espírito, mas sempre com a tara da loucura a perseguir-me. Sòmente nesta última é que consegui vir à Terra sem ela, com a lucidêz natural das criaturas, podendo ver à minha volta pela primeira vez, todos aquêles anormais que se riam de mim, espezinhavam-me e colocavam-me fora de todo o ambiente material.

Carrego ainda o espírito triste, — e não posso deixar de tê-lo assim, — porque sòmente um único raio de luz e felicidade pude alcançar até hoje, que foi o de ser chamado agora, para conjuntamente tomar parte nesta reunião bendita, neste ambiente de regeneração de espíritos encarnados e desencarnados, sentindo-me pela primeira vez feliz e satisfeito, depois de decorridos vários séculos de sofrimento e resgate.

Desculpai-me vos peço encarecidamente!... Relutei muito em vos falar, muito embora a vontade fosse imensa! Não queria contar-vos a minha degenerescência material e espiritual, mas ansiava por isso. Não queria tomar-vos o tempo com as minhas palavras de semi-louco ainda, mas era necessário que o fizesse, — diziam-me os espíritos orientadores — para bem do meu próprio espírito.

Hoje sinto-me o mais humilde dos felizes, ou melhor, o mais feliz dos humildes. Convôsco compartilhando deste ambiente espiritual, anseio por trabalhar e esquecer-me de tôdas as angústias que deixei para trás. Peço encarecidamente a vossa oração!...

Terei como em tôdas as outras, imensa dificuldade para encarnar; mas nesta próxima, já possuirei dentro de mim, a certeza absoluta do trabalho a seguir. Nada mais de confusão, nada mais de loucura, mais nenhuma perturbação. Meta certa nesta encarnação, que espero deverá ser cumprida.

Que DEUS se apiede de mim, e que permita tenha constantemente junto ao meu, um espírito protetor.

SÃO GELÁSIO I, África, 492-496

GELASIO — *Romano, nasceu em 446. Reuniu em Roma um Concilio nele deturpando os ensinamentos do Antigo e Nôvo Testamento. Morreu em 496.*

Como tantos outros tristes espíritos, transbordantes de maldades, também eu aqui venho a êste recanto de caridade, transformar a minha tristeza em alegria, o sofrimento em consolo, o peso de culpas concretas e arrazadoras em alívio suavisante, pela confissão bendita de meu espírito sofredor, a encarnados desconhecedores de tôdas as coisas belas da espiritualidade e do Universo.

Nêste momento, tudo para nós é transformado; a luz começa a aparecer diante nossos olhos, a natureza espiritual penetra irradiante no íntimo da nossa alma, e a alegria de todos os espíritos, orientados e orientadores chega até junto a nós. Êste era o momento que esperavamos ansiosamente. Tantas oportunidades perdidas, tanto tempo passado, quantas existências mal vividas!...

Infortunado espírito, até hoje penso que na hora primeira da Criação, deveria eu ter-me voltado para o bem, mas ao contrário, segui inúmeras encarnações com as costas voltadas para a espiritualidade, imaginando padronizar todos os pensamentos maldosos, procurando finalmente, esquecer as múltiplas conseqüências que já tinham-me atingido até então.

Quanta dificuldade, quanto trabalho, quantas lágrimas derramadas por aquêles que procuravam incessantemente empregar todos os esfôrços para a minha reconstituição moral, erguer-me, desejando finalmente transformar para o bem, tôda a minha maldade. Tudo em vão, tudo convertido em tristeza... A recompensa que lhes

dava, era voltar consecutivamente ao ambiente espiritual, cada vez mais carregado de imensos e avassaladores compromissos!...

Para mostrar-vos a torpeza do meu espírito, poderei vos dizer, que nunca até então, havia deixado êle de ser envolto de espêssa camada escura de imensos pecados!...

Na jornada material, tudo chegava até mim com enorme facilidade. Aonde outros não poderiam chegar e muitos esfôrços fizessem para consegui-lo, aí estava eu alcançando tudo. Possuía riqueza, poder, e assim não poderia controlar o meu íntimo, e mostrar uma vez siquer ao CRIADOR SUPREMO, os ensinamentos recebidos no ambiente espiritual. Inútil era tudo que se apresentava para poder erguer-me.

Consecutivamente ao chegar ao plano espiritual, novo rumo tinha que tomar; tudo prometia, mas tinha o espírito imensamente fraco! E ai de mim, para desgraça suprema e sofrimento infindo, alcancei em uma delas o pôsto máximo do ambiente material: o "Papado, o Vaticano".

Não precisarei vos dizer que sendo fraco, caí avassaladoramente nas redes incontidas das múltiplas maldades. Tendo nesta existência começado como pobre, com a inteligência que possuía e que a voltava exclusivamente para o mal, com o palavreado desenvolto e aparência insinuante, influenciei-me com grande facilidade, conseguindo alcançar êste alto posto... da infelicidade.

Parte-se-me o coração, sinto ainda constantemente como se me rasgassem o espírito, e não consigo fôrças mais, para relatar-vos aquilo que fiz. Anos consecutivos de grande sofrimento, de conseqüências até hoje sentidas, sòmente depois de muito padecer, de não mais julgar-me ente humano, espírito vivente, um ser qualquer,

como um animal finalmente que sente-se escorraçado de todo o lugar e refugia-se no lodaçal e no charco, assim fui encontrado, banhado nas lágrimas do arrependimento! A alegria primeira ao acordar, foi a de julgar achar-me no ambiente Celestial. Refazendo-me em lugar hospitalar para onde fui conduzido, não sabia se havia morrido ou se ainda estava vivo, por sentir muitas coisas do ambiente humano, e tantas outras atuantes sôbre o meu espírito.

Vivi, vivi e morri inúmeras vêzes; ao voltar de uma delas, comecei a compreender e a coordenar todo o movimento que me rodeava, e reconheci como de tantas outras vêzes, aquêles que tudo haviam feito para me erguer e salvar.

Oh!... Quanta tristeza, quantos dissabores e quanta vergonha ao pensar que nada tinha feito de bem, mas ùnicamente acarretado maior peso de conseqüências penosas para o meu espírito. Olhando para todos os lados, nada via além de uma quantidade infinda de manchas, de negrume a rodear-me. Mortes, esquartejamentos, roubos... e muitos outros horrores que não posso dizer-vos. Avaliai irmãos meus, o sofrimento do meu espírito! Procurai imaginar quanto de amarguras não foram necessárias para poder pagar ceitil por ceitil cada mancha preta adquirida!

Era de desesperar!... Mas imediatamente recomeçava o ensinamento bendito, traspassado pela caridade múltipla dos espíritos portadores do bem e da verdade. Quanta ciência, boa vontade, e desprendimento demonstravam!...

Tudo via, sentia no íntimo, mas o triste envólucro material que possuía, era superior aos ensinamentos recebidos!...

Quedas e mais quedas, sofrimento e mais sofrimento. Hora chegava, em que pensava não resistir quer co-

mo criatura quer como espírito, e então compreendia que êste era verdadeiramente imortal. E como tudo tem que chegar um dia ao verdadeiro aprendizado dos conhecimentos certos, fui um daqueles que não puderam ou quizeram compreender as felicidades benditas, do prosseguimento do espírito dentro da calma e das venturas, que o ambiente material pode proporcionar. Mas mesmo assim com imensas encarnações pude chegar a compreender as verdadeiras conseqüências advindas ao nosso espírito pelo bem fazer, procurando então evitar sempre o transtorno, e a perturbação no ambiente da vida terrena.

Encontrei-me com meus amigos de igual infortúnio. Contamos o resumo de nossas desditas, e aprendi mais uma vez que preciso de fazer educar o sentimento de revolta por todos aquêles que vivem no ambiente, ao qual por algum tempo reinei.

Necessário, absolutamente indispensável é voltar. Preciso amar todos a quem fiz o mal, ou transformei para a maldade. Teremos conjuntamente de dessiminar o bem e a verdade. Lavar com água viva do Evangelho Verdadeiro, os ensinamentos deturpados do infortunado Vaticano. Transformar o luxo que possue em bens inúmeros para devolver àqueles de quem os tiramos. Revolver tudo, tudo modificar, porque os tempos são chegados. Infelizes de nós se não conseguirmos tal fazer, mas esperamos com a ajuda que já foi encaminhada à nossa frente, por aquêles mais fortes de espírito e mais conhecedores do que nós, possam conjuntamente conosco, transformar radicalmente o mal feito em bem para a humanidade, e só então podermos voltar à espiritualidade, com os espíritos desanuviados e desembaraçados, das angustiosas correntes que nos levaram "Do Vaticano ao Umbral".

Começaram a partir-se os élos, mas necessário é que cáiam no vale do esquecimento.

Só poderemos nos erguer e ficar limpos de coração, tirando até a última partícula, o muito sofrimento que espalhamos.

Que DEUS se apiede de nós.

BENTO TUSCULANOS — *Nascido no século X. Pertenceu à família mais importante da época. Seu pai e duas irmãs, Marósia e Teodora exerceram prepotência em Roma.*

Ansioso, aguardava o momento em poder conversar e contar também um pouco, a história de um espírito que passou muito tempo estacionado dentro das próprias maldades, acorrentado a uma infinidade de aprendizados errôneamente adquiridos, rodeado pela marca funesta dos vícios cruciantes, e enfeitiçado por todos os gôzos existentes no ambiente terreno.

Tinha tudo preparado para relatar-vos minuciosamente, a rotina direta das inúmeras encarnações que tive até então e assistindo constantemente às narrativas verdadeiras destes irmãos em igual sofrimento que me precederam, ansiava a chegada da minha vez, e sempre tristemente voltava, por não ter-me sido ela proporcionada, para sentir desde logo aliviado o meu espírito.

Hoje quando disseram-me que seria eu escolhido, senti interiormente as forças faltarem-me, descompassar-se o pensamento num misto de nervosismo e alegria, receioso de não poder chegar a um resultado completo quanto à vontade forte do meu pensamento, e ao aprendizado recente de uma língua até então estranha para mim.

Aqui estou portanto diante de vós, começando por dizer, que minha família deu 8 papas ao Vaticano e à custa dêle, influenciado por efeito de anteriores familiares neste poder, predominei na decisão de guerras, no domínio feudal, na divisão de Terras aumentando sempre e cada vez mais a nossa querença, transformada em exclusivismo do nosso próprio nome.

Resguardados por detrás deste brazão infame, tudo poderiamos fazer, porque até então, as falhas e maldades, não haviam transposto os magnificos e invulneráveis portões do "Vaticano", conservando-se incólume o meu nome como o de tantos outros, só transparecendo fingidamente, o que de bem haviamos feito.

O orgulho dos meus familiares, fazia com que em cada membro masculino que ia nascendo, fosse nêle incutido desde logo, e levado quer quizesse ou não, a ser educado dentro dos princípios rígidos do não conhecimento da alegria, da felicidade, e principalmente do amor aos próprios companheiros.

Educado dentro dêste regime feudalista, impedernia-se o coração. E tendo já como base o espírito transtornado, começava então aí a transformar-se o ente humano em criatura dura, sem fé, sem amor e sem coração, tendo como única lei a seguir, a continuidade do próprio nome, a conservação da família e do trôno que haviam conseguido.

Com todo o esfôrço, transpondo todos os obstáculos que apresentavam-se à minha frente, queria tudo fazer para não envergonhar-me diante de todos aquêles retratos que via constantemente na galeria, e mostrar não as minhas virtudes, a caridade que deveria ter, mas sim a fôrça, a preponderância sôbre todos que considerava meus subjugados. Assim fazendo estaria orgulhoso do nome adquirido, continuando dentro das normas dos ensinamentos aprendidos, estaria alçando as ráias da fama e do poder.

Oh! Família desgraçada!... Ensinamentos errôneos, lucro... luxúria... ilusão!... Mal sabiamos que iriamos encontrar-nos agora depois de tantos e tantos anos de sofrimento, de tantas encarnações passadas, misturadas algumas delas com os nossos próprios antepas-

sados, fazendo-lhes o mal às vêzes, sem sabermos que estavamos prejudicando aquêle, a quem em tempos idos conjuntamente queriamos mostrar a nossa soberbía e superioridade.

Quão tolos e pretenciosos fomos, em pensar que um nome poderia fazer algo ao espírito, a melhor transpôr a vida material para a espiritual. Êle na espiritualidade de nada nos serviu, e sim bem ao contrário, valeu àqueles a quem haviamos feito mal, que ao saberem da nossa aproximação prejudicaram-nos o mais que suas fôrças o permitiram, e a tal ponto, que mesmo na espiritualidade comecei a renegar o nome que havia tido, e pedir entre lamúrias de sofrimento e rogos de compaixão, para não mais fazerem-se lembrar, aquêles a quem tinha transtornado na vida material, e fazê-los esquecer que havia sido eu o seu grande algóz.

E hoje depois de limado o meu espírito pelo sofrimento, quanto mudado estou, e como diferente me encontro!...

Bendito sofrimento... pois sòmente através dêle, ultrapassamos e vencemos todos os nossos vícios e maldades!... Por êle ùnicamente poderemos alcançar a Paz segura, e o progresso espiritual. E agora com todos os meus antepassado que encontram-se entrelaçados comigo, tudo procuraremos fazer, para um dia podermos esquecer a época triste de nossas penosas provações, volver livres e desembaraçados ao trabalho construtivo e benfazêjo, aquêle em que tantos outros espíritos se encontram, para o bem e felicidade de tôda a humanidade.

Quanto tempo perdido ao qual poderiamos ter nos agarrado, para o bem de nós próprios!... Quanta falta de compreensão, de amor, e de caridade para com nosso semelhante!...

Por tudo o que fizemos de mau, não deveríamos merecer a piedade de alcançarmos o benefício de podermos vir até aqui, e através do médium lavarmos o espírito, e desembaraçadamente volejar mais livremente, podendo então começar o aprendizado para nova encarnação.

Nós que renegávamos constantemente a vida do Além Túmulo; nós que não acreditávamos nem deixávamos acreditar na comunicação dos espíritos; precisamos de senti-los agora verdadeiramente, e através de uma comunicação que julgávamos extra-natural, podermos fazer chegar e mostrar à humanidade o verdadeiro sentimento da vida, o prosseguimento da mesma no plano espiritual, a certa e indiscutível comunicação dos espíritos, pela maravilhosa e Bendita doação de DEUS: a Mediunidade que tanto nos serviu.

Ouvide-me vós, oh! criaturas que não quereis ouvir. Segui a vida espiritual, procurai acreditar na sobrevivência do espírito a continuidade dêste, e principalmente na Magnânima Misericórdia de DEUS.

Desculpai-me vós outros, que fazeis parte desta tenda de reerguimento espiritual, de estar eu tão emocionado, mas é a efusão de alegria que a isto me levou, e só posso mostrá-la a vós, através da minha palavra. Se pudesse mais faria para manifestar-vos o que sinto dentro da alma, e só peço a DEUS NOSSO PAI SUPREMO que para reerguer-vos, nunca preciseis de fazê-lo através da mediunidade. Que o vosso progresso seja contínuo, e o vosso ressurgimento se faça por vós próprios. Que possais caminhar sempre pelo caminho reto, e nós possamos seguir os vossos passos.

O meu agradecimento é de todos os meus irmãos de sofrimento; podereis ter a certeza, a vós o mostraremos de várias maneiras, mas com um único fito, a gratidão

por tudo que fizestes por nós; e tudo faremos também para podermos com o máximo de nossas fôrças, sustentar-vos no que pudermos no plano da altitude que mereceis.

Muito obrigado pela paciência que tivestes em ouvir-me. O bem que me fizestes com o vosso silêncio, fez transformar a pedra fria que encrostava o meu coração, em chama viva e quente do amor caritativo, voltado exclusivamente para o trabalho espiritualizador.

SÃO GREGÓRIO (O GRANDE) Itália, 590-604

GREGORIO — *Nasceu em Roma, filho de pais nobres e ricos. Por seu talento ocupou os principais cargos do Estado. Espantado quando eleito, refugiou-se num bosque, foi descoberto, e obrigado a aceitar o cargo no ano 590.*

Havendo chegado gradativamente a tão esperada oportunidade, procurei desvencilhar-me um pouco da rotina certa do transtorno primordial causado ao nosso espírito pela ascenção ao trono do Vaticano, e como já por tantos outros vos havia sido mostrado o fausto e o imenso luxo ali existente, a arrogância imperante e predominante de nossos espíritos, prefiro voltar-me para outro caminho, ou seja aquêle que veio solucionar conseqüentemente os múltiplos defeitos e falhas adquiridas por mim em encarnações sucessivas, diversos aprendizados, reerguimentos contínuos, através de sofrimentos constantes e de provações tamanhas, que deveriam ter elevado consecutivamente o espírito para plano superior; mas quase sempre estacionava, porque fraco que era, tornava-se incapaz de transpor os obstáculos que se apresentavam à sua frente.

Com o espírito envolto em densas brumas transtornantes a vários metros de distância, mesmo para aquêles que procuravam aproximar-se, teria eu que primeiramente burilando o próprio égo, tirar sucessivamente as capas dos consecutivos erros, cada qual em provação adquirida, através da encarnação que deveria limar o próprio espírito, de tôdas as faltas adquiridas no Vaticano.

Começando, não poderia de forma alguma deixar de vir com uma matéria completamente deturpada, com ausência absoluta de qualquer perfeição Divina, apresentando-me a todos aquêles que rodeavam-me, não como

qualquer animal comum, mas sim um monstro autêntico trazido da pré-história. Não tinha braços, porque os havia usado contra vários espíritos; não poderia ter pernas porque caminhara consecutivamente espezinhando tôdas as criaturas. Não possuía pensamento porque tinha feito transtornar a mente daqueles que queriam pensar acertadamente. A vista não a possuía, por cubiçar permanentemente tôdas as riquezas que podia alcançar. Enfim, era reduzido a um simples montão de carne, para mostrar à humanidade que vindo pela primeira vez após o alto posto que ocupei, e o transtorno completo que havia concretizado no ambiente terreno, que o espírito nada é, e nada vale quando não eleva seu pensamento constantemente para DEUS.

Esta provação bem merecida por mim para melhorar o meu espírito, visto que dentro desta matéria transtornada havia uma alma lúcida, consciente e conhecedora do sofrimento pelo qual passava, e muito embora não fizesse conhecer o que sentia, lágrimas, úivos de desespêro soltava, sem que por alguém fossem ouvidos.

Passei assim até fazer 40 anos no ambiente terreno, sempre absolutamente inconformado. Ao término da minha prova voltava novamente a alçar ao lugar primordial, para prestar contas do trabalho que havia feito no ambiente terreno, e sem poder movimentar-me por nada ver sentia às vêzes em mim lampejos de arrependimento, mas mesclados ainda por pecados que sobrepunham-se às virtudes que possuía em grau mínimo, ocasionando maior transtorno ao meu pensamento.

Na encarnação seguinte, já um pouco limado, mas ainda voltei com a matéria defeituosa. E assim por diante, sempre e sempre aos poucos fui adquirindo uma perna material, noutra encarnação um braço, em outra mais uma vista, e mais além a audição.

Quanto tempo perdido para adquirir o completo reerguimento material, pelo mal ocasionado a todos aquêles espíritos a quem tinha em algumas vêzes mandado matar, em outras enclausurar o pensamento, a outras mais transtornar a mente.

Tinha que pagar por tudo isto, e só o poderia fazer uma a uma, em encarnação por encarnação. Não poderei dizer-vos o tempo, mas incalculável foi. No sofrimento êle se transforma e parece-nos séculos, por consecutivamente não termos um momento de felicidade, esquecermos completamente a palavra amor, e longe muito longe sentirmos algo de fraternidade, tornando-se assim difícil, conseguir virtudes no próprio égo.

Quanto trabalho, quanto tempo, quanto sofrimento!... Pouco a pouco vagarosamente mesmo, comecei a sentir um lampejo de amor, um pouco de caridade e alegria contida no meu espírito, vendo que a humanidade não mais olhava-me desdenhosamente, e sim como a qualquer outra criatura; senti desde então, que me estava erguendo agora para o caminho da verdadeira Vida.

Esta encarnação tive-a por último, para aprender que devemos ser fraternos com todos os nossos irmãos, que não deveremos usar os sentidos para fazer o mal, e sim para fazer o bem, e adquiri-lo para nós próprios, que devemos conservar finalmente todo o nosso ambiente material incólume, das maldosas vicissitudes humanas.

Ah!... Quanta felicidade sentiria ao volver ao plano espiritual, poder fazê-lo sòzinho, caminhar passo a passo lentamente mas seguro, até àqueles que tudo haviam feito por mim, sem mais precisar de ser carregado, nem sentir o peso a transtornar-me o espírito!... Mais desembaraçado, mais leve e mais feliz, muito embora custando um pouco a seguir dentro dos novos e poucos ensinamentos que havia aprendido na espiritualidade, consegui juntar-me àqueles que aqui vêm para que apren-

dendo conjuntamente, podermos alertar a humanidade, que encontra-se talvez em sua maioria, como nós outrora envolvidos pelo peso da descrença, pelas brumas de imensos pecados, pela falta de uma fé forte e duradoura, e principalmente enraizada, dentro dos verdadeiros Evangelhos de DEUS.

As palavras sofrimento, dôr, tristeza, loucura e solidão, foram riscadas de junto de nós. Encontram-se sòmente agora aquelas adquiridas pelo aprendizado bendito da espiritualidade que são: o amor, a caridade e a fraternidade. Com elas procuraremos seguir. Iremos mostrar que aprendemos agora acertadamente a amar, a fazer a caridade, a espalhar a fraternidade entre tôdas as criaturas humanas.

Custou-nos demasiado o imenso erro que tivemos, mas agora tudo aquilo porque passamos transforma-se num facho de luz, e esperamos esquecer todo o passado, convertendo todo o mal que fizemos, no maior bem para tôda a humanidade.

DEUS permita que possamos ser acompanhados por êstes benditos enviados da boa vontade, para termos sempre presente ao nosso lado a fôrça espiritual, o amôr e o bem que traduzem de si próprios. Com esta corrente magnética a envolver-nos, temos a certeza concretizaremos a nossa vontade.

ISIDORO ANISIA — *Nasceu em Cartagena e era pelo sangue aparentado com os monarcas da Espanha. Tendo desencarnado seu irmão Leandro, foi eleito para seu sucessor.*

Em meio de sono profundo prestes a acordar, o sentimento primeiro, foi o de um forte odôr de flores a inundar com fragrância intensa, todo o meu sêr, transtornando sobremaneira até o pensamento.

Admirado, pensando encontrar-me ainda em tôrno de um pesadelo imenso, tento abrir os olhos, sinto-os já abertos então e nada vejo, a não ser escuridão, e um vácuo semi-total a rodear-me. Surprêso a princípio, e ainda transtornado com certa confusão interior, passo alguns momentos sem saber o que fazer. Procurando coordenar os sentidos comecei a apalpar todo o meu corpo, e achei no seu devido lugar cada parte que o compõe. Começando a raciocinar disse: estou intacto mas não vejo; o ar começa a faltar-me; sinto grande pressão à altura do coração.

Instintivamente jorra de dentro do meu íntimo o primeiro grito em prol de socôrro, tamanha era a tortura e confusão a rodear-me. Mas ao tentar mexer-me, sinto-me encurralado entre quatro paredes. Apalpo, mas não são paredes, encontro ressonância de madeira. Sufoco com o que me rodeia. Tento afastar tudo de mim, desvencilhar-me daquelas flores que não eram necessárias, mas não conseguia. Aumenta a grande pressão que tenho dentro de mim, e sem querer mas já pressentindo com horror o que estava a dar-se comigo, num lapso procuro afastar da mente ainda pensante, a tragédia que avizinha-se, e gritando, pedindo socorro, esmurrando, tentando finalmente salvar-me, abrevio com a falta de ar, —

sem saber, — o que não esperava. Esqueço-me de tudo; a girandola a rodopiar, o sibilar dos sinos a tinir incessantemente. Tudo desaparece, dá-se o nada!... Acordo novamente, e trazendo ainda a sensação primeira, procuro amedrontado sentir tôdas as manifestações horripilantes, que causando-me medo, encontram-se gravadas dentro da minha alma. Nada vejo como antes, mas não mais sinto o vácuo que tanto me transtornou. Ao tentar afastar um pouco as mãos, consigo notar que nada mais existe ao meu redór. Mas onde estava então? Como poderia tudo isto ter acontecido? Fraco, extremamente fraco mesmo sem fôrças, procurava ainda querer acreditar ter sido um pesadelo. Mas se não podia abrir os olhos... se a locomoção para mim era extremamente difícil... Que fazer então? Conservar-me onde estava, e procurar pensar o que havia se passado antes do pesadelo; mas não conseguia, não podia lembrar-me nem mesmo do que era, do que havia feito, do que havia sucedido. O que me teria acontecido finalmente? Com tamanho sofrimento após ter chorado copiosamente, e feliz ficar por poder fazê-lo, lavando um pouco todos os pensamentos que havia tido até então, procurei recordar e lembrar-me que tinha tido uma mãe. Comecei a ver passagens da minha vida de infância, vi-me a mim mesmo, e reconheci-me imediatamente.

Ah!... Quantas lembranças tive!... Recordei-me logo que era surdo mudo, como poderia ter gritado no meu pesadelo? Lembrei-me mais ainda que minha mãe ensinou-me a rezar instintivamente, e comecei a fazê-lo; pela primeira vez desenclausurei-me de mim próprio, sentindo logo o ardôr de um chamamento longínquo, que produzia efeitos benéficos em todo o meu sêr. Não podia ver ainda, mas sentindo a aproximação de algo perto de mim, embora transformando os meus pensamentos numa diversidade de sentidos, pude compreender que já ha-

via finalmente morrido. Aquêle que aproximou-se dirigindo-me palavras de reconfortante sabedoria, produziu no meu espírito o milagre da visão, podendo após tempo incalculável na escuridão, tomar o meu primeiro conhecimento com a espiritualidade.

Começou então ali a reeducação do meu espírito, a continuidade dos ensinamentos primeiros, a perseverança daqueles que procuravam transformar o sêr animal, em exclusivamente espírito de DEUS.

As explicações jorraram perante mim, e pude compreender perfeitamente tôdas as seqüências de infortúnio do meu grande pesadêlo. Gravei distintamente no meu espírito já ilucidado, — mas carregando comigo ainda incomensuráveis pecados, — as palavras dos Evangelhos de NOSSO SENHOR que dizem: pagarás ceitil por ceitil, tudo o que fizeres. Mas vi logo que estava a pagar pouco, pelo imenso mal que havia feito.

Reconduziram-me a lembranças de existências passadas e quantas e quantas havia tido, desde aquela época em que era considerado o "príncipe dos príncipes" entre os homens!

Vi novamente, quantas e quantas vêzes havia-me acontecido, aquela mesma passagem do pesadelo. Tantas foram elas, quantas havia eu mandado enclausurar criaturas vivas entre paredes frígidas do mármore fabuloso do Vaticano!... Palácio de incomensurável beleza, mas contendo dentro de si, a maldade na maior parte de seus mandantes!... Lugar de infelicidade para todos aqueles que cruzam o portão de bronze, em uma existência que transformar-se-á por séculos, em muito sofrimento e muita dor!... Ambiente de esfuziante luxúria, que levará todos aqueles que para lá forem conduzidos, a serem transtornados pelos próprios espíritos dos sacrificados, que conservam-se ainda junto ao resto da ossa-

da material que por ali existe, para vingarem-se indistintamente do sofrimento que tiveram.

Local habitado por inúmeros espíritos das trevas!... Concubinato da inferioridade! Com que tristeza profunda relembro esta época distante!...

Mas para asseverar-vos o sofrimento que passei, bastará exemplificar que entre tôdas as encarnações que tive, 227 vêzes senti o mesmo pesadelo, por ter sido na verdade enterrado vivo!... Por aí podereis ver a quantos de uma maneira só, fiz o mal!... Se conto-vos isto que se passou comigo, não quero chamar-lhe história porque tal não merece, mas sim uma narrativa ultrajante, de contínuas sensações de maldades e sofrimentos ininterruptos, para vos assegurar e mostrar, que o espírito não poderia voltar à Terra e tudo relatar, se não o fizesse com o bom propósito de redimir-se e voltar-se para o bem.

O sofrimento continua, não sabendo por quanto tempo ainda!... Espero entretanto desvencilhar-me em quantas encarnações forem necessárias, — dos terríveis grilhões que acorrentam-me ainda ao passado, e sentir pela vez primeira a verdadeira felicidade do espírito no plano espiritual, começando pela locomoção fácil, pelo poder de reciprocidade entre os espíritos, pela caridade, pelo bem fazer ao semelhante, pela continuidade do bem, pela felicidade eterna.

SÃO VITOR - I, Africa 189 - 199

VITOR — *Sucedeu a Eleuterio no ano 193. Rivalisando com Tertuliano produziu grandes perturbações naqueles que o seguiam. Africano de nascimento construiu o 3.º templo para adoração das imagens.*

Extasiado ante a Magnânima Bondade de Deus, em consentir minha saída do lugar de sofrimento e reajuste das próprias consciências imoladas, pelo transviamento de encarnações consecutivas, vim juntar-me também a esta Caravana de reerguimento, confraternização e resgate, para acompanhar com a minha confissão o seguimento destas cruciantes e malfadadas narrativas cheias de ensinamentos, que ao serem contadas parecerão a muitos, simplesmente fantásticas, e para outros, absurdamente imaginativas, mentirosas, e finalmente desprovidas de qualquer parcela mínima de verdade. Mas a resposta todos a encontrarão imediatamente, se souberem e quizerem sentir os verdadeiros ensinamentos do Meigo Rabi da Galilêia, nos quais fazia ressaltar sempre, que sòmente com a humildade poderiam as criaturas alcançar o Reino dos Céus; que ùnicamente aos pobres humildes e puros de coração era dado acercarem-se de nosso PAI, e que finalmente só os desprovidos de vaidades terrenas, da luxúria e das múltiplas vicissitudes materiais, poderiam chegar ao plano espiritual, onde só existem bemaventuranças, paz e felicidade completa.

Em concretização: estudando-se os Evangelhos de DEUS NOSSO CRIADOR, sentir-se-á de imediato, que tudo quanto foi e está aqui sendo narrado, ouvido, lido ou contado, encerra tôda a verdade do que aconteceu a êstes espíritos combalidos, e transviados da Criação Divina. Não souberam êles transformar-se para o bem com a con-

tinuidade dos tempos, e por sua própria culpa envolveram-se em trevas, e ali ficaram até então.

O Bem, a Verdade e a Pureza vencem contìnuamente o inverso que é o mal; todos aqueles vícios e maldades conseqüentes dêste, só fazem transformar o espírito homem, num animal verdadeiro, padronizado no ambiente material em que vive. Possuindo espírito lúcido com tendências à evolução espiritual, e o coração aberto para as Verdades espalhadas pelo Divino Rabi da Galileia, compreenderá perfeitamente tudo o que foi narrado por nós. A todos aqueles que o fizeram foi ocasionado grande sofrimento, por terem de sentir novamente aquelas dores, erros, as maldades e os dissabores que tiveram nas múltiplas encarnações vividas. E se aqui estão vindo, se lhes é permitido dar o testemunho da Verdade concretizante, de que o espírito é Eterno, que a Verdade predominará por todos os tempos e séculos, demonstrarão de modo incontestável que a Misericórdia de DEUS é Infinita, pois fez chegar até nós — grandes pecadores, — espíritos lúcidos, que através da bondade que trouxeram de encarnações que lhes foram dadas como a nós outros, mas que de modo eficiente souberam aproveitar ao máximo os benefícios terrenos, e que hoje auxiliando e envolvendo-nos constantemente com a proteção ilimitada que lhes é dada por DEUS, movimentam e conduzem-nos, espíritos velhos alquebrados e mutilados mesmo, procurando por todos os modos encaminhar-nos novamente para a Salvação.

Ao contrário dos meus companheiros, não irei contar o ocorrido comigo nas muitas encarnações que tive, ora em conjunto, ora separadamente; mas sempre em igualdade de sofrimentos, porque ao já terdes lido outras narrativas sôbre tantas maldades, tanta baixeza de espíritos, tanta inverdade por nós pregada, e principalmente tanta falta de fé, bastará que vos diga sòmente o que lhes aconteceu, também comigo ocorreu, diferenciando-se ape-

nas por um ou outro fator de existência diferente, mas padronizado como êles, os vícios a envolver o espírito, transformando-o para o mal, para a decadência moral e espiritual.

Que mais precisarei dizer, para levar os vossos espíritos a tão profundo lugar de maldades e vicissitudes?

Voltarei agora os pensamentos vossos, para o trabalho de reconstituição moral, física e espiritual de todos nós, querendo mostrar com isto, a escada tortuosa que qualquer espírito precisa de subir após a morte, quando transgressor das Leis de DEUS.

Se imaginamos ao desembaraçar-nos da matéria que possuímos, estarmos livres de tôdas as conseqüências, do que fizemos no ambiente terreno, pensando tudo ter sido ocultado ao NOSSO PRÓPRIO CRIADOR, e não haver portanto qualquer prestação de contas, ao chegarmos entretanto à hora culminante da morte física, verificamos apavorados que estavamos totalmente enganados. Quedamo-nos então na torpesa do espírito, esquecendo-nos da verdadeira caminhada que deveriamos ter, e da fé no NOSSO CRIADOR. Não sentindo amor, caridade e bondade, somos conduzidos ao nada, e com êle chegamos à espiritualidade.

Atordoados sem saber porque, começam a manifestar-se as torturas materiais, fazendo parecer estarmos ainda vivendo no ambiente terreno, mas sem a proteção material que haviamos tido até então. E com o ocorrido, a revolta começa a minar o nosso coração impedernido, a transformá-lo, e cada vez mais se manifesta o ódio contra aquilo que não pensavamos existir, que não queriamos concretizar, e que agora começa a exteriorizar-se. Sòmente o tempo como devereis saber, através do sofrimento, poderá redimir o espírito. Tempo êste ilimitado de sofrimento, muitas vêzes o qual nos leva até podermos

pela primeira vez compreender, que devemos a nossos atos tôda a responsabilidade, e com ela teremos de resgatar tôdas as dívidas, e dar assim contas a NOSSO CRIADOR. Acerca-se então de nós o terror, o medo e a falsidade que pregamos!... Procuramos esconder por todos os modos aquilo que praticamos e tudo mais que fizemos, para confundir êstes bondosos espíritos que vieram até junto a nós, mal sabendo que tudo vêem, e têm o conhecimento certo do estado ao qual nos encontramos. Até aí, ainda procuravamos enganar ÀQUELE, que tudo fêz e faz por nós, DEUS!... Por aqui podereis ver que sòmente a nós deveria ser dado o nome de "satanazes" da Terra, por êstes na realidade não existirem no sentido sobrenatural como fizemos acreditar, e só dever ser dado êste nome mesmo, àquelas criaturas que se comprazem na torpeza, na maldade, e em tôdas as aberrações ofensivas à própria Natureza.

Quando sentimos a bondade pela primeira vez e não logo como esperavamos, as conseqüências múltiplas dos castigos que estavamos habituados a aplicar na Terra àqueles por quem não eramos obedecidos, começamos a sentir a inteligência a desenvolver-se interiormente neste sentido, e pressentimos que acima de nós, não poderia deixar de existir um Ente Superior!...

Com a continuidade dos benefícios consecutivos e inesperados que vínhamos recebendo passo a passo, ficamos extraordinàriamente surpreendidos e mesmo extasiados, por não pensarmos encontrar no Além da vida material, êste trabalho tão construtivo e moralizador dos espíritos. Diante tudo isto não mais presumimos, não duvidamos nem procuramos investigar; ficamos com a certeza, certeza viva e plena da existência de DEUS, de SUA extrema Misericórdia para conosco... que fomos "verdadeiros satanazes terrenos". E começou então daí, para nós já conscientes da Verdade, o sofrimento moral prò-

priamente dito de culpas, de vergonha, e entristecimento completo do nosso espírito. Isto mesmo acontecerá a todos aquêles que não querem sentir, ver e ouvir quando no ambiente terreno se encontram, a Verdade concretizante da CRIAÇÃO DIVINA, deixando de beneficiar-se do Bem que espalha por tôda a humanidade.

Conjuntamente com todos os meus companheiros de Caravana, penso que fomos até hoje os espíritos mais trabalhosos, mais perniciosos, e mais transtornadores do prosseguimento certo da vida material.

Influenciamos em todos os ambientes, espalhamos inverdades consecutivas, transtornamos a própria mente humana, e fizemos com que aquêles que tanto queriam ou faziam em busca de uma fé, transformassem-se em ateus, não mais acreditando em nada.

Onde mais e maiores pecadores do que nós poderão existir? Se fôsse eu ou meus companheiros, a ter o poder de DEUS NOSSO PAI, e não tendo a SUA extrema bondade, tranformariamos por certo os próprios espíritos em pedras, para que não pudessem mais falar, ver e ouvir, e fossem pisados por tôdas as criaturas materiais. Mas... o que fez ÊLE conosco? Em vez de dar-nos um único guia para procurar sempre induzir-nos para o Bem, enviou ainda a cada um de nós, por acréscimo de SUA INFINITA MISERICÓRDIA, uma plêiade de espíritos bondosos, no final de cada encarnação que tivemos, aproveitando-se do primeiro momento de bondade e arrependimento nosso, para levar-nos a ver a Verdadeira Luz do nosso ressurgimento.

Palavras não tenho mais e nem existem, que possam traduzir a minha ilimitada gratidão, pelo sentimento transbordante de felicidade que sinto, pela vida espiritual concreta que me foi mostrada, pelas encarnações consecutivas que puderam reerguer-me através da mediunidade,

que lavou-me a alma por haver confessado em espírito e verdade as minhas culpas, e assim aliviado prosseguirei agora, como desejo, na senda do Bem.

Graças e mais graças sejam dadas a TI, oh!... Meu DEUS por tôda a humanidade pecadora!

INOCENCIO XII, (Antonio Pignatelli), Italia 1691-1700

ANGELO PIGNATELLI — *Teve como continuidade a condenação do protestantismo. Divididas estavam as opiniões quanto à residência do Papa. Nesta época reinava Luiz XIV. Desencarnou repentinamente.*

Roma de 1691, 16 de Agôsto

Grande borborinho transformava todo o Vaticano. Engalanavam-se as sacadas com bandeiras coloridas bordadas a ouro e prata, e no pátio imensa multidão começava a aglomerar-se, ansiosa por ver pela primeira vez o novo príncipe, pontífice supremo da Igreja Católica Apostólica Romana.

Com os ouvidos e o pensamento a sentir constantemente o resultado do Concílio dos cardeais, anuviado ainda por ter sido o meu nome o escolhido, seguia por entre os corredores frios mas cheios de riqueza, carregado num trono de ouro cravejado de pedras preciosas, com um cortejo imenso de vássalos a sustentar-me, até alcançar a sacada principal para onde nos encaminhávamos.

Ao aproximar-me, e olhar a multidão a gritar incessantemente o meu nome, procurei afastar o pressentimento do meu espírito, que era de tristeza, de arrependimento e mêdo da grande responsabilidade.

Instintivamente afastei-me um pouco do balcão, mas fui empurrado para a frente, e só então vendo novamente aquêles que dependiam de mim, pude pela primeira vez, sem pensar no ato que fazia, abençoá-los em nome de DEUS.

O pensamento distanciado desde aquêle momento para satisfações diversas, começava erradamente a caminhada longa e tortuosa do "Vaticano".

Espírito covarde, com falta de sabedoria e prática administrativa, fui contìnuamente confundido, mandado, e escravizado àqueles que tinham-me elegido para o posto não regedor das almas sofredoras, mas de um mísero boneco fantasiado, para enganá-las.

Segui como um automato que não vê, não sente, não fala, não sabe o que quer.

Era mandado, nada fazia, uma ordem não dava sem consultar aqueles cinco principais cardeais, que eram a sombra da maldade, da imperfeição e do pecado.

Mas se o meu espírito era covarde para tudo mais o era também, principalmente por não ter fôrças para ultrapassar aquela barreira de maldades, e deixar-me seguir como se fôsse eu o causador de tôdas as desventuras, desgraças, e torpêzas espalhadas pelos meus súbditos.

Ao cabo de algum tempo, não tinha nem mais a coragem devida para alcançar o balcão, e dar diretamente a benção àqueles a quem eu traía constantemente, pela minha covardia, e própria maldade.

Era novamente empurrado, forçavam-me a aparecer-lhes como figura primordial, necessário a que continuassem a adorar o DEUS que êles ensinavam, a religião que espalhavam, a falsidade que contìnuamente tudo traduzia.

Quando viram, que tanto o meu espírito como a matéria não mais aguentava tôdas as torpêzas que rodeavam-me, e sentindo que talvez pela primeira vez, tivesse fôrças para chegar ao balcão, e mostrar com as palavras tôda a desgraça que possuía, tôdas as maldades enclausuradas dentro daquelas paredes, começaram — a ministrar-me, — e eu a sentir, — o veneno através do alimento que me era dado, para que o corpo enfraquecesse lentamente, em conjunto com a mente de um espírito covarde. Tudo senti, de tudo tinha ciência, mas continuava a obedecer-lhes da mesma maneira... Já então sem fôrças

bastantes para poder conduzir-me de um lado para outro, colocaram-me no quarto papal, para que ali ficasse expôsto à vista de todos os príncipes da Igreja, de Roma mesmo, e de tôda a realeza existente.

Para que pudessem entretanto alcançar ainda a benção do moribundo, antes de transporem a porta que consideravam "santa" tinham que depositar verdadeira fortuna, como óbulo de uma graça recebida. Junto a mim, já sem fôrças bastantes para ver nem movimentar-me, sentia alguém segurar-me o braço, e obrigar-me a fazer o tão meu conhecido, sinal da cruz. Percebia então que mais dinheiro tinha entrado, para que continuassem a espalhar tôdas as mentiras e maldades, existentes em seus próprios corações.

Começou desde aí o tardio arrependimento do meu espírito!... Com a morte a cercar-me constantemente quando não podia ver mais as criaturas materiais, via espíritos, ouvia constantemente a palavra: covarde... covarde... covarde!

Torturado ainda em vida, sabendo conscientemente que existia a espiritualidade, comecei a fazê-lo sentir, àqueles que me rodeavam, dizendo-lhes o que os espíritos constantemente faziam-me ouvir: "o êrro em que nos encontrávamos, a deturpação que espalhávamos, as maldades que praticávamos".

Sùbitamente, pelo ocorrido, julgaram que a loucura havia tomado conta da minha matéria, e não mais permitiram as visitas que poderiam render-lhes o óbulo material, para não confundir e perturbarem-se. Não queriam pensar nem ouvir mais nada. Impediram-me de falar, e procuraram logo, — como estava louco, — ministrarem-me o linimento fatal.

Morri, como o sabeis agora, não normalmente como todos pensaram, mas assassinado pelos próprios car-

diais, que haviam-me elegido para soberano do Vaticano.

Acordei como todos no momento oportuno. Quando já entretanto muito havia sofrido, acercaram-se de mim, espíritos de orientação Divina, desanuviando todo aquele negrume da existência anterior, fizeram-me ver mais um pouco, e pela vez primeira, reconstituir a passagem da minha morte, não mais sentindo a influência predominante do sofrimento; e como um espectador embora horrorisado com tudo que vi, mas sem a dor material refletida no próprio espírito, observei muito mais do que esperava. Ao tirarem-me da câmara mortuária, desinteressaram-se completamente da minha matéria, entregaram-na a criaturas especialisadas para vestirem, e embelezarem-me, para mais confundirem os crentes, e os próprios irmãos que sustentavam e sustentam o Vaticano.

Dali afastaram-se e começaram logo a conjecturar a próxima eleição; a comprar aqueles que tinham idéias um pouco melhoradas, com o oferecimento de condados, dinheiro e até criaturas; continuando as confabulações para conseguirem conduzir novamente ao trono, outro joguête de suas próprias mãos... outro espírito finalmente a quem pudessem manobrar para não mais sairem dali. Muito embora já estivessem os seus bolsos a transbordar da moeda material, o sentimento da vaidade não havia ainda alcançado, aquele ponto desejado da taça de suas futuras amarguras.

Tão horrorisado fiquei, que como simples espectador não mais pude continuar a ver tôda aquela maldade, e implorando com o espírito coberto de lágrimas e sofrimento, roguei que me fôsse permitido esquecer o passado.

A êste veemente pedido, a resposta imediatamente apareceu como bálsamo reconfortante, dada sempre a todos aqueles que encontram-se na angústia suprema do sofri-

mento. E a palavra reencarnação surgiu logo diante mim, como a única tábua de Salvação, á qual deveria agarrar-me assíduamente, com tôda a minha fôrça de vontade. Com ela, embora o sofrimento viesse, fôsse qual fôsse, poderia apagar pela Misericórdia Divina, o mal que havia sofrido. Fôssem quais fôssem as provações, as angústias, e os sofrimentos a que fizesse jús, procuraria na ânsia incontida de melhorar o meu espírito, começar o mais depressa possível a caminhada longa, triste e tortuosa, mas benéfica para a minha ressurreição.

Bem sei que bem longe encontro-me ainda, e sinto que muito preciso aprender, mas transborda já o cálice que era de amargura, em profunda alegria, misturada com a proteção Divina de poder recompôr o próprio espírito. Extravasando de esfuziante contentamento, cheio de emoção me encontro, em poder trabalhar pela primeira vez pelo Espírito Santo, e caminhar consecutivamente para a Salvação.

Que a piedade Divina, possa acompanhar sempre o meu espírito sofredor.

Deixo-vos o meu agradecimento, embora transtornado um pouco pela forte emoção que sinto, e que faz confundir as palavras de uma língua que até há pouco tempo desconhecia, mas que de ora em diante, transformar-se-á em élo, do meu próprio Ressurgimento Espiritual.

Que o protetor do Brasil possa tudo fazer como manda e deseja DEUS, NOSSO DIVINO CRIADOR!

SÃO PIO V (Antonio Chislieri), Itália, 1565-1572

CHISLIERI — *Educado por religiosos dominicanos, foi eleito jubilosamente em 1566. Nasceu em Bôsco perto de Alexandria.*

Que DEUS seja com todos.

Após não sei precisamente quantos anos, venho pela primeira vez falar por intermédio de uma criatura humana, dando-vos provas da existência do espírito, concretisando as comunicações mediúnicas, e efetivando o trabalho caritativo da espiritualidade.

Transtornado por longo tempo passei, e hoje mesmo ainda sinto consequências ultrajantes do mal que fiz, muito embora tenha a encorajar-me contìnuamente, a presença de outros irmãos do mesmo infortúnio, encontrando-se êles entretanto, já desobrigados de muitas das grandes responsabilidades adquiridas.

Hoje vejo e posso reconhecer, ser mais vantajoso ao espírito, conservar-se em suas múltiplas encarnações, no anonimato de modesta ou medíocre posição terrena, do que quando alça à grandeza e superioridade, ante todos os seus irmãos. O que poderei vos dizer àcerca de um espírito que foi como tantos outros, "Papa", representante de DEUS na Terra... senhor do "Vaticano"?

Com grande mágua brotam estas palavras hoje de mim, sentindo ainda os gritos agonisantes, de todos aqueles aos quais tanto fiz sofrer. Muito já paguei; mas ainda me falta sofrer porque o mal que fiz até então, pensava não haver reparo nem qualquer repercussão na minha consciência, mas que agora se acha sobrecarregada com constantes murmúrios de inúmeras criaturas a quem maltratei.

Devo dizer-vos entretanto, que ao falar-vos aqui, vou lavando a minha alma, e sentindo, — como disseram meus companheiros, — forte emoção a embargar-me a voz, de alegria e contentamento, por pela primeira vez dizer a Verdade saída do próprio interior.

Quando aprendemos a sentir as responsabilidades como agora eu as sinto, queremos ir mais além e assim sendo, pedi ao espírito que tem me orientado nesta senda de aprendisado, para que me deixasse numa única vez visitar o ambiente que foi causa do meu maior transtorno e infortúnio "o Vaticano".

Permitindo-me fazê-lo para lá me encaminhei com êle, deixando-me perto do lugar tão meu conhecido. Continuei então sòzinho, ansioso pela vontade incontida que tinha de satisfazer meu pensamento.

Percorri tudo novamente. Gritei até não mais poder para todos aqueles que ali se encontravam, mas nenhum me ouvia, porque a minha voz não a podiam ouvir. Quis fazer-lhes sentir os ensinamentos ùltimamente recebidos, mostrando-lhes a Verdade com a minha presença desmaterialisada junto a si, mas não consegui porque não sabia eu ainda ser muito pequeno no plano da espiritualidade. Exasperando-me comecei a transtornar o ambiente, para fazer-lhes ver e crer na vida dos espíritos. Com o livre arbítrio que nos é dado por DEUS, a muitos fiz correr, a outros mais tropeçar e cair, e a alguns fazer chorar aterradoramente.

Ali fiquei, até que a minha vontade irrefletida, mas cheia de tristeza voltasse novamente. Ansiei por ver-me livre imediatamente daquilo que rodeava-me, e em prece supliquei ao bondoso espírito, que daquele infortunado lugar me tirasse, porque não conseguia de lá sair sózinho.

Volvi à espiritualidade e compreendi então que um grande mal havia feito, querendo mais uma vez transtornar o mundo material.

Se em vida não havia encaminhado todos aqueles ao aprendisado devido, com a morte, o espírito desgovernado e confuso, nada também poderia fazer. Instruíu-me o amigo orientador que deveria orar e vigiar, e não enraizar-me naqueles tentáculos de materialismo desumano.

Tomei conhecimento com todos êstes irmãos de padecimentos, do ambiente de intercâmbio humano-espiritual pelo qual hoje vos falo, acabei de estudar na espiritualidade a vossa língua, para pela primeira vez sentir o que ora concretiso: uma lavagem espiritual de mim próprio.

Para que mais falar do passado, se sabeis o que fiz, e as consequências que daí me advieram? Ao tentar reviver um pouco do muito que sofri, turva-se-me o pensamento, ressente-se o espírito, e volvo novamente ao passado em padecimentos conjuntos.

Sabeis que foi ruim, que pequei, sabeis finalmente que transgredi demasiadamente as Leis de DEUS TODO PODEROSO, sabeis também que vos fiz mal como a tôda a humanidade!... Que poderei fazer, a não ser pedir um pouco de clemência a todos aqueles aos quais transtornei; da prece de outros mais, que encontram-se em ambiente de espiritualidade melhor; da paz para o meu espírito, que hoje procura progredir, não mais transgredindo os Evangelhos vivos, Verdadeiros e certos de DEUS.

Pela última vez também, numa reunião mediúnica falo. Aproxima-se de mim a encarnação que pedi, para um dia reviver na espiritualidade; e em tôdas elas espero ter fôrças, para arcar com o pêso da responsabilidade, a que irei fazer jús.

Ireis ver-me, ireis sentir a presença de quem ora vos fala em espírito, porque virei mais uma vez sem ver, sem falar e ouvir.

E como tantos outros que encontram-se no ambiente material, da mesma forma pensareis certo, ao ver-me, que transgredi ao máximo as Leis do NOSSO CRIADOR.

QUE DEUS FIQUE CONVÔSCO.

Pio VII (Barnaba Chiaramonti) Itália, 1823-1829

CHIARAMONTI — *Tendo sido preso por Napoleão que o conservou encarcerado por 5 anos, ocasionou a dissolução de diversas comunidades religiosas, pelas inverdades proclamadas. Desencarnou com 81 anos quando por uma queda quebrou o fêmur.*

Aqui nos encontramos neste grupo de espíritos, como sabeis ainda transtornados e estonteados, pelos muitos padecimentos que tivemos e ora sofremos ainda; mas, com a aproximação e oportunidade que agora nos é dada de podermos fazer nossa confissão espiritual; do desprendimento da vaidade que até então possuíamos; da distância a que nos encontramos do orgulho que tanto nos prostituíu, esperamos volver mais uma vez ao próprio ambiente terreno, para mostrar à humanidade as falhas do poder, da grandeza, da ociosidade, da vaidade e maldade.

O que adiantou a nós tanto subir na vida material, para após a morte restarmos no lodaçal frígido do Umbral, sofrendo incontidas conseqüências por tempo... quanto tempo que nem sabemos!... Dez... vinte, trinta, cem, duzentos, não podemos calcular os anos, porque até então, os sofrimentos mutilavam-nos o próprio pensamento, a maneira de discernir, sentir, ver e conversar. Estávamos reduzidos a um quási nada, tudo isto ocasionado pela subida ao alto pôsto material que tivémos, e que transformámos exclusivamente para o mal.

Necessário é, quanto a mim particularmente, que vos conte uma das muitas histórias, sempre iguais porque partiram tôdas do mesmo princípio, concernentes à mesma culpa, às mesmas falhas, divergindo ùnicamente umas das outras, em mais ou menos maldades, mas o seguimento foi sempre pela mesma linha de conduta, culminando com

êste encontro, ao qual nos achamos agora ligados pelas mesmas causas.

Por várias desparidades de encarnações passamos, de enclausuramentos em deformidades materiais horrendas, refletidas na própria natureza, e de inúmeros outros sofrimentos arrazadores!...

Mas todos não fomos grandes pecadores contra o que há de mais puro e sublime, a CRIAÇÃO DE DEUS através do homem material e sua consciência? Não o influenciamos para o mal, não fizemos com que desacreditasse no próprio DEUS e começasse novamente a enraizar-se nos tempos antigos fazendo-o tornar-se materialista e sem fé? Com tudo isto, o que poderíamos esperar? Ùnicamente o que encontramos: sofrimento, sempre mais sofrimento!...

Ao despertar primeiro, e após incontidos padecimentos, queríamos fazer como naquela história contada às criaturas nos tempos primários sôbre o lendário pecado de Adão, procurando esconder-se entre as árvores do Paraíso, para não ser visto pelo seu CRIADOR?...

Oh!... Quão diferente é agora ao tomarmos conhecimento de tôda a nossa inferioridade!... Nada queremos ver, sentir e presenciar, mas tudo nos é mostrado, de tudo tomamos conhecimento através da Verdade, dos ensinamentos concretos, do amor e finalmente de tôdas as virtudes.

Chorar... não adianta mais! Mal dizer-nos... muito menos! O que então procuraremos fazer? É agarrar-nos a êstes espíritos bondosos e abnegados trabalhadores do bem, e àqueles a quem queríamos subjugar no plano material e que ora apresentam-se a nós em trabalho caritativo para melhor nos servir. Sòmente a êstes espíritos é que unimo-nos já desprendidos da vaidade por sabermos que ela de nada nos adianta, desfeitos do orgulho, por êle em nada nos ter beneficiado. Mal refeitos ainda

da avareza, da ociosidade, procurando esconder todo o mal interior insistimos nesta última maldade, querendo ludibriar aqueles que estão junto a nós, pensando poder esconder-lhes todo o mal que fizémos.

Não tomamos parte ainda na organização espiritual, e por isso nada sabemos daquilo que irá nos ser mostrado e que até então havíamos esquecido. Como já passou há tanto tempo... e ainda tudo gravado nas nossas consciências!... Espíritos a quem fiz sofrer até então, não consegui ainda resgatar muitas das dívidas que tenho para com êles.

Para poder sentir verdadeiramente o arrependimento, poder amar desinteressadamente ao irmão próximo, fazer a caridade desprendida de recompensa material, enquadrar-me na pobreza salvadora, é que voltarei novamente, e procurarei fazer sentir a todos, não mais com a inteligência que possuía, mas com a simplicidade que nos exemplificou Jesus, porque é aos humildes que deveremos falar, para que êstes possam encaminhar a todos para a Salvação.

Procurai orar por todos nós, procurai sentir o nosso arrependimento concreto, procurai finalmente tirar um pouco do muito que sofremos, para não nos imiscuirmos nos vícios que arrazam o espírito.

Desculpai esta comunicação simples, mas perturbada num misto de sofrimento, confusão e amor para vós, que tivestes tôda a paciência de ouvir-me. Vou volver ao ambiente terreno cheio de tristeza, por não ter merecido deixar de voltar a êle.

Perdoai-me irmãos, pelo mal que vos fiz anteriormente.

CLEMENTE XIII (Carlo Rezzonico) Italia 1758 - 1769

REZZÓNICO DOGES — *Eleito em 1758. Natural de Veneza descendente de ilustre família. Desencarnou em 1779.*

No ano de 1724 num dos muitos palácios de maravilhoso luxo e grandeza material, nascia o oitavo filho do Conde Marco Antonio Doges, em Veneza.

Não mais soavam as trombetas anunciando o evento, por já haver varões na dita família.

Vinha eu encaminhado àquele ambiente, para seguir a missão ou provação que havia-me sido destinada.

Desde pequeno, muito frágil e doente, todos pensavam não ir àvante a minha vida material, mas com a ajuda de medicamentos e confôrto constante, cheguei aos 14 anos embora atrofiado por vários sofrimentos, com um grau de inteligência acima um pouco, de todos os meus irmãos. E como naquela época tudo concernente à inteligência era aproveitado ao máximo em tôda a plenitude, começaram a influenciar meu pai, a que devia seguir a carreira máxima no momento: o cardinalato, para alçar futuramente o papado do "Vaticano".

Ao receber a notícia, confesso que chorei copiosamente, por não ter ainda conhecimentos sôbre o que me esperava, mas pressentia já o meu espírito algo de aterrador, para o futuro que iria enfrentar.

Não queria. Mas como querer ou não, nenhuma influência tinha para o momento que se apresentava diante mim, segui levado por aqueles que me tinham sido enviados, para que adquirisse seus ensinamentos, para os quais devo confessar, não tinha vocação alguma.

Assim foram passando os anos. E como uma nau desgovernada no Mar revolto da tormenta, e sentindo não ser aquela minha vocação, porque tinha vontade de pintar, de fazer poesias, de sentir o amor material verdadeiro, de influenciar-me e enraizar meu espírito em vida mais modesta, prossegui levado forçadamente, por não ter capacidade de relutar, para fazer vencer a minha vontade anterior.

Com a influência, com o dinheiro, com o poder e o nome, fatôres proeminentes para a minha ascensão ao plano final, "o Vaticano", fui alçado a êle com 34 anos de idade.

Ao sentar-me pela primeira vez no trono, olhando o que tinha à minha volta, lágrimas copiosas saltaram dos meus olhos, em ver e sentir, que era ùnicamente um palhaço num grandioso teatro material!

Continuava fraco, continuava doente e cada vez mais depauperado, não tinha gôsto pela vida, por não ter podido senti-la a meu belo prazer. Sentia inveja de todos aqueles camponeses que até mim vinham com suas famílias numerosas, para que lhes desse a cruz da bondade que esperavam receber. E começou então a pior fase da minha caminhada na Terra.

Influências múltiplas chegaram aos meus ouvidos. Apresentavam-se constantemente encruzilhadas de destinos para resolver. Nada podia fazer. Era fraco e depauperado, outros mandavam por mim, e a tudo acedia por não querer lutar nem nada fazer. Uma fôrça única dominava o meu pensamento, um único desejo agigantava-se na minha mente sofredora, era a de viver a vida verdadeira das criaturas materiais que me rodeavam.

Muitas vêzes deixando o luxo a que, já estava habituado, escondia-me incògnitamente e ia até onde encontravam-se aqueles pobres coitados, e lá ficava às vêzes a comer com êles, outras mais a vê-los divertirem-se. Quan-

do via que já era tarde, voltava incontinente, por ouvir o chamado da obrigação suprema material, a que tinha de atender.

Enfim, ansiava àvidamente a que chegasse o tempo em que pudesse sair, libertando-me do indesejado lugar a que tinha sido pomposamente elevado. De momento, comecei a fortalecer-me... sem saber devido a quê! Senti que as fôrças voltavam-me, e não mais receiava a aproximação de um desenlace fatal. Para infelicidade minha, recuperando as fôrças materiais, com elas adviriam logo as maldades guardadas no meu interior até então, ùnicamente pela fraqueza depauperante da minha matéria.

Tornei-me forte, duro de coração, instintivamente mau, devido a anos e anos de constantes desaprovações à minha vontade e maneira de seguir, transtornando o meu espírito desde o momento em que interroguei a mim próprio: o que estava então ali a fazer?

Quantos anos perdidos, com tanta riqueza à minha volta!... Quanto tempo desperdiçado, podendo adquirir e aproveitar-se de tôda a materialidade que quizesse!... Se não a podia possuir de uma maneira correta, poderia fazê-lo de todos os modos, no silêncio da noite, nos quartos incógnitos reservados e resguardados, do "Vaticano"!

Ah! Meus irmãos, que desventura a minha!... Para que melhorei da saúde material!... Daí em diante, não mais pressentia nem queria de modo algum pensar na aproximação da lança fatal da morte. Procurava por tôdas as maneiras ao meu alcance, conservar a vida.

Era feliz, gozador, prepotente, poderoso, senhor de tudo. Maldizia-me ainda muitas vêzes, pelo tempo perdido de quando havia sido reconhecidamente fraco. Enraivecia-me também, ao lembrar de tantos anos decorridos em que sentia a necessidade da vida material sem poder aproveitá-la. Pensar nas obras de caridade que deveria fazer? Para quê? Sentir a presença de DEUS? Era impossível,

ÊLE não existia!... Procurar dar lenitivo aos sofredores... êles que sentissem e gozassem a vida, que esta tudo lhes daria. Ter pena dos pobres? Não os via, até mim não vinham... havia-os até esquecido.

Se o Vaticano era uma constante bacanal de gôzos, se ali encontravam-se as mulheres mais belas... e finalmente tudo o mais que desejávamos; não sobrava tempo para pensar em outras coisas.

Com tudo isto tinha-me até esquecido de que era mortal, que como qualquer outro ser humano, um dia adviria a morte, embora algumas vêzes pensasse, que por ser superior, talvez ela a mim não chegasse...

Mas veio, como a todo e qualquer mortal, e levou-me como a tantos outros para o ambiente a cada um destinado, de conformidade com os seus merecimentos.

Para que contar-vos agora os grandes padecimentos que tive, se êles ainda torturam-me a alma? Se ao lembrar-me de um único, todo o meu espírito treme de pavor cruciante, envolto em reminiscências aterradoras?

Ao voltar deste ambiente terrificante; ao pedir a aproximação de uma entidade qualquer que tivesse vida; ao chorar copiosamente sentindo que não poderia deixar de haver um DEUS, e o que estava a sofrer deveria ser o Inferno da minha própria perdição, veio imediatamente até mim a bendita luz da Salvação, como vai a todos os que na hora devida precisam dela.

Comecei a rememorar o que havia feito, concretizando-se a continuidade da vida material. E para espanto meu, pude sentir que se tivesse continuado débil e fraco, menos duras seriam as provas futuras que me aguardavam. Muito embora grande sofrimento tivesse de ter, por não haver sentido os Evangelhos de DEUS; por ser um espírito sem fôrça de vontade, deixando-se dominar pelos outros, quando todos nós, deveremos ser fortes e resolutos; por não ter fôrças nem mesmo para ensinar

o bem, por nada fazer finalmente, mas tudo isto teria sido muito melhor do que o seguimento que tive, com o revigoramento da minha matéria. Êste sim, envolveu-me e levou-me para a obscuridade, e nela fiquei até hoje, poderei vos dizer.

Quantos anos são passados!... Quanto tempo de encarnações rastejantes no lodaçal do sofrimento!... Há bem pouco, fui novamente desvencilhado de uma delas. Volvi então à espiritualidade e já consciente do ambiente por mim tão conhecido, perguntei pela primeira vez ao acordar, se teria novamente de voltar à Terra. E pela primeira vez também, o espírito que sempre tem sido paciente ao máximo comigo, aquêle meu orientador de tempos infindos, recebeu-me de braços abertos, com um sorriso de bondade a transpassar-lhe o semblante, e neste gesto pude ver que todo aquêle tormento de provações contínuas ocasionadas por uma única encarnação malfadada, tinha sido vencido, e finalmente, poderia voltar a encarnar, mas como qualquer outra criatura normal, sem ter que apresentar-me com as contínuas aberrações da Natureza.

Enfim amigos meus, sinto-me agora aliviado; não mais tenho a preocupação do que serei no futuro, qualquer que seja a encarnação que me advenha. A provação que se me apresentar pela frente, a receberei como sendo o mais leve manto de sofrimento, porque nada, tenho a certeza poderá se comparar ao que já passei. Nada poderei sentir, nada poderei ter à minha volta comparado com o que me foi dado sofrer até hoje.

Volverei à Terra como tantos outros, mas leve, satisfeito e feliz.

O peso que carregava na minha consciência por blasfêmias assacadas contra o NOSSO CRIADOR, pude transformá-las em fé e crença, através da SUA Bendita e Salvadora Lei, —a Reencarnação!...

Que ÊLE possa continuar a mandar êstes bondosos espíritos até junto a nós, pelo imenso bem que nos tem feito.

Sem êles, o que seriamos? Sem a sua atuação, sem a sua bondade, sem os seus ensinamentos e sem o encorajamento para reerguer os nossos espíritos, seriamos animais rastejantes no Umbral do sofrimento, continuando envoltos e agrilhoados às próprias maldades.

Que poderei eu mais vos dizer?... Sòmente que encontro-me muito feliz, pelo fortalecimento da minha fé, e alívio da minha consciência.

Obrigado pela vossa paciência, não só por mim, como por todos os irmãos meus de sofrimentos que aqui têm vindo narrar suas maldades, e que tivestes a bondade de escutá-las.

Bem sei que sofreis também um pouco, quando elas chegam às vossas consciências, pois não estais habituados, nem pensaveis que existisse, o que aqui temos vindo vos relatar. Mas a maldade existe meus irmãos, podereis ter a certeza, e ela se encontra em mais elevado grau, na materialidade reinante nos ambientes sociais superiores.

Que DEUS fique convosco, amigos.

João XXI (Pedro Hispano) Portugal, 1276-1277

JULIANO — *Nasceu em Lisboa. Só exerceu o mandato por um ano que foi o bastante para fazê-lo voltar à Terra resgatando múltiplas faltas.*

Sòmente através da bondade destes espíritos que nos trouxeram aqui, e da vontade também que tinha em exteriorizar a minha comunicação, como o fizeram antecedentemente os meus irmãos, procurarei ser breve; mas precisando sentir também o alívio que esta narrativa mediúnica trará ao meu espírito, venho concretizar-vos a presença dum único Papa que foi português, e que não obstante o pouco tempo que ocupou êste elevado posto, fôsse também influenciado pelas corrente antagônicas representativas do mal, a espalhar seus efeitos maléficos por tôdas as criaturas.

Para que vos relatar minuciosamente tôdas aquelas causas de tristes infortúnios, que só vinham e poderiam apoquentar meu espírito, quando êste já não mais sofre tanto, por estar vendo agora algo do que o rodeava na espiritualidade. Sinto permanentemente o bem a avizinhar-se de todos nós, e um futuro promissor a aguardar-nos, para em próxima encarnação, conjuntamente podermos seguir tôdas as Verdades do Cristo, espalhar e exemplificar o Bem padronizado nos Evangelhos; riscar totalmente tôdas as palavras e frases acrescentadas por nós mesmos à nossa vontade e belo prazer, as quais resultaram, por suas adulterações, num imenso emaranhado repleto de erros e confusões, mas que dada a incompreensão existente naquele tempo, satisfazia de uma maneira geral, a mentalidade das ignorantes e conscientes criaturas, envolvidas na materialidade.

Volvendo então a tempos atrás, poderemos concretizar a vida verdadeira do espírito como é mostrada contìnuamente nas diversas passagens do Evangelho e exemplificadas por Jesus.

O que foram tôdas aquelas manifestações da vida anterior à chegada da Anunciação a Maria pelo Anjo Gabriel? Mais antecedentemente ainda, a certeza, que tiveram os Profetas, anunciando a vinda do Salvador? As vozes que ouviam as criaturas muito antes do advento do Cristo, indicando o caminho certo a seguir? Tudo isto é a concretização da vida espiritual confirmando o intercâmbio que sempre houve entre o espírito e as criaturas — conhecido hoje por mediunidade, — mas que foi por nós completamente abafado, fazendo acreditar serem causas endemoniadas, transtornantes, para todos aquêles que delas se aproximavam. Mas por outro lado, nós mesmos fizemos crer na aparição daqueles que canonizamos como Santos, e os tranformamos em adoração das criaturas. Estas entretanto, ao contrário das outras, dizíamos: "eram causas e efeitos de origem espiritual"...

Não sei como as criaturas não viam e não procuravam discernir, o que de Verdade é contìnuamente enviado por DEUS, e do que era deturpado e mistificado por nós.

Poderemos finalmente agora, provar tôda a Verdade apagar o erro cometido, e transformá-lo em ensinamentos certos e edificantes para o espírito, ponto êste primordial, do trabalho que programamos futuramente executar.

Muitos motivos e causas teria eu, para mostrar-vos os imensos erros, que por séculos decorridos se originaram de um único lugar, "o Vaticano", erigido pelas próprias criaturas, para templo Mater de sua adoração.

Foi DEUS, por acaso, que mandou SEU filho unigénito, Jesus, criar algum trono material para adoração o

divulgação de seus ensinamentos? Se Jesus mesmo não tinha lugar para repousar sua cabeça, como iria deixar, que o resultado do trabalho de caridade que fez, o rastro de Sua bondade, o reflexo da Sua passagem pela Terra, fôsse enclausurado num templo de pedra, para dali serem dirigidas palavras de humildade e amor ao próximo que tanto procurou exemplificar e espalhar por tôda a parte? De modo algum!... Mandado edificar um trono? Nunca seria possível!...

Se voltasse Jesus naquele tempo em que foi instituida a maior mentira da humanidade, teria-se acercado do primeiro Papa, e dito: — Desce daí, deixa tôdas essas riquezas, tôda a luxúria, a vaidade, a pompa e a ociosidade, e procura trabalhar meu filho... porque a caridade, não é luxúria, o bem não é o descaso material, e o enquadramento dentro dos próprios Evangelhos, não é de modo algum a ostentação, a pompa, nem o que se pratica e ensina neste lugar.

Fomos nós algum dia por acaso, criaturas em que o nosso espírito agisse acertadamente, dentro do bom senso e da razão? Não! Procuramos de alguma vez pensar e investigar? Também não! Então o que fizemos nós? Isto simplesmente: Subjugamos os pensamentos materializados daqueles que não procuravam ver nem ouvir, mas sim calar e seguir cègamente os nossos ensinamentos, que por muito falhos e errôneos, faziam com que as criaturas não mais se interessassem nem se esforçassem pela sua melhoria espiritual, por acharem, que estava garantida sua salvação através dos vários dôgmas criados por nós.

Não é de admirar portanto que a humanidade se encontre estacionada, e estarrecidos ficamos em saber que quase tôda ela está descrente e ateísta...

A tal nem a tanto teria ela chegado, se tivessemos orientado os nossos espíritos no caminho certo da CRIA-

ÇÃO DE DEUS, através de SEUS SÁBIOS E DIVINOS ENSINAMENTOS!...

O Bem que nos faz constantemente, deveria ser sempre correspondido, em preces de agradecimento e perdão, por tudo chegar até nós, por acréscimo da SUA Bendita Misericórdia!

E é deduzindo de tôda esta imensa continuidade de maldades, erros, mentiras e falsidades, que nós, um punhado de espíritos espalhamos por todo êste mundo de DEUS, depois de tanto sofrermos, resvalarmos, cairmos, erguermo-nos novamente pela ajuda de espíritos bondosos. Pago finalmente os nossos débitos de faltas cometidas, ceitil por ceitil, procuraremos então aclarar o espíritos, e ver que precisamos urgentemente descer novamente ao plano terreno, não um só, mas todos em conjunto, para podermos com tôda a coragem e decisão, desfazer todo o emaranhado que produzimos, riscarmos tôda a maldade que fizemos; com a prática do bem, dar finalmente o que pensamos conseguir: o começo e a reposição dos ensinamentos de Jesus, dentro da Verdade Evangélica, e exemplificados há quase 2.000 anos.

Quanto tempo!... É necessário que meditemos no tempo! E quanto tempo vivemos nós espíritos errantes, sem podermos ter um momento de felicidade, quer na Terra, quer na espiritualidade!...

Mas porque, qual a causa?... Será necessário dar-vos a resposta? Penso que não. Sabeis tanto como nós, as faltas que tivemos, e o castigo que merecemos.

Orae pelos nossos espíritos, que muito vos agradecemos.

Gregorio VII, 1073 - 1085

HILDEBRANDO ALDOBRANDESCHI — *Desde pequeno trouxe consigo o lema: dominarás de um a outro mar. Usou o hábito dos beneditinos. Lutou contra Henrique IV rei cruel e dissoluto da Alemanha. Deram-se consigo diversas manifestações psíquicas tendo êle então grande poder mediunico.*

E' com o espírito cheio de alegria, com o coração palpitante de emoções, pela ânsia de poder aqui vir, — através desta reunião mediunizada, — pela primeira vez depois de séculos de existências transpassadas de sofrimento, ver surgir diante nós, raios fulgurantes de luz, brisa suavizante, e espíritos a ajudar-nos nesta caminhada dificultosa, transtornada pelo nosso próprio procedimento.

Até agora não mais me lembrava de qualquer raio de luminosidade, algum conforto suavizante, qualquer sinal que viesse até mim, encher-me o espírito de bendita felicidade. Mas não sabia até então quando no plano de vidas materiais que tive, a causa das aberrações materializadas que carregava consecutivamente comigo, embora ao passar-me para o plano espiritual recebesse contìnuamente lições das conseqüências que havia feito, e procurasse emendar-me do que tinha produzido de mal. Mas eram tão grandes as culpas e as influências aterradoras do passado longínquo, que via-me avassalado pelo entorpecimento do próprio espírito, enquadrado no enraizamento de falhas endeusantes de passado distante.

Como tantos outros irmãos que hoje estão comigo e compreendem o meu sofrimento, porque foram, produziram, e tiveram como eu quase em igualdade, uma única vida material a avassalar-lhe o espírito, fazê-lo sofrer contìnuamente por anos e anos, as conseqüências malditas do imperialismo que havia tido, mas que agora já têm como eu a aflorar-lhes nos lábios, um riso de esperança,

o semblante desanuviado do peso da própria consciência espiritual, a ventura de um futuro promissor não mais cheio dos horrores continuados, pelos quais haviamos passado.

Que poderiamos almejar de melhor, e que viria eu aqui vos dizer para não enfadar-vos, passardes as páginas do livro que ora lêdes sem achá-las monótonas pelos consecutivos gritos e lamentos de nossos espíritos, quase todos carimbados com as mesmas culpas e idênticos sofrimentos? Tudo isto, necessário o repita, não é outra coisa senão as conseqüências resultantes de um único posto alcançado por todos nós, no ambiente material da vida: o "Papado do Vaticano".

D'êle saimos todos, nele produzimos os mesmos erros, as mesmas falhas. Nele fizemos um grande mal para tôda a humanidade!...

Como deveis saber meus irmãos, a Lei de DEUS que cria os espíritos, é uma só; os ensinamentos são dados em igualdade para todos; o próprio sofrimento conseqüente das faltas cometidas, não é aplicado a uns de um modo, e a outros de outro, mas sim de conformidade com os débitos resultantes das transgressões à própria Lei.

Tende cautela, muita cautela; procurae ver bem, porque não somos só nós, aquêles que poderão influenciar, os espíritos para o mal. Podereis estar em postos bem mais abaixo daquele que ocupamos, mas também vos achardes envolvidos de maldade, falar e ensinar errôneamente, adulterar a Verdade, tirando-a do lugar certo onde deve estar enquadrada, negar o Cristo... negar mesmo à própria CRIAÇÃO DIVINA. E então o que vos aguardará?... A punição da mesma Lei da Natureza que rege todo o Universo.

Tomai cuidado. Lêde detalhadamente tudo o que descrevemos em nossas narrativas, e tirai delas as lições que poderdes, porque se hoje estamos ressurgindo para um

dia podermos viver a Verdade, espalhar a Luz, fazer o Bem e a caridade a tôda a humanidade, muitos sofrimentos e lancinantes amarguras nos custou!...

Estamos felizes... mas ao cabo de quanto tempo? Séculos de sofrimento, meus irmãos!... Não dias nem anos, mas séculos, repito; vêde bem!

E se hoje já nos encontramos com o riso a que atrás me referi, êle nos foi dado por êstes espíritos caridosos que trouxeram-nos a esta reunião, de reerguimento e salvação para todos nós. Êles nos influenciaram para a prática do bem... êles nos deram fôrças através de passes magnéticos, a que fôsse tirado de nós o enraizamento de milhões de padecimentos, de maldades, e um sem número de outros defeitos...

Aqui estamos e estaremos sempre aonde nos fôr determinado, espíritos voltados para a Verdade, a retirar de todos aquêles que receberam nossos ensinamentos, o engano em que ficaram por tanto tempo; a não iludirem-se com a maldade humana, e seus errôneos ensinamentos, a sentirem a fé viva e verdadeira; criarem a luz dos espíritos dentro de si, a amarem a DEUS TODO PODEROSO em primeiro lugar, poderem um dia finalmente, verem a verdadeira vida na espiritualidade.

Bem longe estamos do ressurgimento total, mas com o que possuímos agora, sentimo-nos felizes. Conjuntamente temos o apoio de espíritos do Bem, e estamos enquadrados na Divina Verdade dos Evangelhos vivos de DEUS.

A bem da Verdade o nosso agradecimento à Misericórdia Divina, em podermos dar o nosso tributo de confissão no próprio ambiente material em que vivemos, ao conhecer o intercâmbio dos espíritos com as criaturas do plano terreno, ao sentir o ensinamento por nós desconhecido como último reerguimento para tôda a humanidade,

a mediunidade Divina, a redenção para todos os espíritos, a felicidade para todos nós.

Ao terminar, não encontrei palavras capazes de exprimir o sentimento de alívio que sinto dentro da própria alma. Encontrava-me enclausurado, querendo ressurgir!...

Ao penetrar no corpo material do médium, e ao dizer-vos hoje irmãos meus, estas simples palavras, embora tenha sido um homem ilustrado, letrado, e conhecedor de muitas línguas, reconheço agora que tudo isso nada me adiantou, nada me serviu, e que sòmente a simplicidade, a caridade e bondade, levam o espírito para a verdadeira felicidade.

Desvencilhei-me finalmente, e ao daqui sair, estarei como tantos outros que já puderam dar as suas comunicações, os quais acercando-se de mim, antes de vir aqui falar-vos disseram-me: não temas amigo!... Vai, encoraja-te e verás os resultados benéficos que sentirás, como nós outros já sentimos, achando-nos livres do pesadelo das múltiplas encarnações que tivemos.

Daqui sairei, e a tantos outros irmãos meus que ansiosamente aguardam a sua vez para aqui virem também dar as suas comunicações, retratando-se de todo o seu passado pecaminoso, e aliviarem seus espíritos, darei êste conselho: correi amigos... falai o mais que puderdes... lavai a vossa alma por que com isso ficareis limpos, como se tivesseis sido beneficiados pelo Espírito Santo, que dá Luz, Vida e Ressurgimento a todo o espírito.

MAURO CAPELLARI — *De Belmudo, eleito em 1831. Depois da queda de Napoleão I, viajou para diversos países instituindo várias ordens religiosas. Desencarnou em 29 de Março de 1846.*

Vindo relatar-vos momentos de desespero de vidas anteriores, sofrimentos imensos, incontáveis; de encarnações inúmeras, e sentindo reminiscências espinhosas no organismo abalado pelo ir e vir constante, ocorre-me contar-vos, não a história de uma existência que tive, nem o resultado desta em consecutivas encarnações, mas sim um caso que deu-se comigo, Papa então em 1846 quer pela comicidade do fato para alguns, quer pela interposição de espíritos malfeitores para outros, de castigo mesmo para aquêles que a êle assistiram, e que foi de conseqüências drásticas e fatais para mim próprio, levando-me à morte. Deu-se êle da seguinte maneira:

Sendo eu o senhor absoluto, de tudo condizente ao ambiente que comandava, embora um pouco desfalcado por haver esbanjado imensa fortuna do Vaticano que empenhara em guerra contra irmãos, tinha entretanto ao meu dispôr contìnuamente as criaturas que quizesse, bastando para isso sentir o desejo humano de instinto materializado.

Num dêsses dias em que encontrava-me trancado no luxuoso quarto que possuía, ornado de ouro e pinturas goticas por todos os lados, sedas a adorná-lo, vindas de antanho de rara beleza e remota fabricação. Sentindo bater à porta, procurei despachar logo aquêle que até mim vinha, para não dar-lhe a conhecer o concubinato que contìnuamente ali praticava. Mas, ao afastar-me do interior do aposento onde me achava, esqueci-me da chave que ficara no armário onde guardava diversos frascos

de tinta diferentes, — por ter paixão pela pintura de aquarela, — em conjunto com perfumes diversos que sempre usava, alimentando a vaidade que constantemente tinha a envolver-me.

Demorei um pouco, mais do que esperava mesmo, por tratar-se de um dos meus ajudantes, que queria fôsse eu ministrar um ato de misericórdia a um dos meus auxiliares da guarda, ao qual recusei mandando outro em meu lugar, pelo desejo materializante não saciado, a dominar-me completamente.

Enquanto estava entretanto, procurando dar solução rápida e conveniente a êste caso, aquela que encontrava-se em meu quarto, movida pela curiosidade, vendo a chave, abriu o armário, e pelo instinto de materialidade dominante tentou perfumar-se; mas influenciada de certo por espíritos maldosos, zombeteiros e perversos, que hoje sei ali existirem, fizeram com que, em vez de usar como queria, o perfumoso líquido para melhorar seus atrativos pessoais, aplicasse em si uma tinta preta que lá existia, atingindo-a em quase todo o corpo.

Ao volver ao lugar onde antes estava, e encontrando-se o ambiente na obscuridade, ao acender a luz, depareime de imediato com aquela extranha figura de mulher tôda enegrecida, e logo pensei que à custa do meu pecado, havia Satanáz tranformado aquela criatura em pretume... escuridão.

Como um louco, corri imediatamente até à porta, e abrindo-a em par, saí gritando haver sido condenado por Satanáz. Todos correram em meu auxílio, e logo descobriu-se a verdade, desanuviando-se aquilo que há tanto tempo era mantido escondido de todos, ou quase todos os demais ocupantes do Vaticano.

Quizeram então levar-me a observar o ocorrido, mas não querendo mais voltar ao local do meu pecado, foram sòzinhos; e ao enfrentarem aquela mulher desgrenhada e

completamente enegrecida, correram; correram também espavoridos, seguidos por ela própria, que gritava, gritava sem saber bem o que havia acontecido!

Confusão enorme e dominante, envolveu então todo o ambiente do Vaticano; e tendo eu, pela avançada idade de 70 anos o coração fraco, ali mesmo expirei o meu último sôpro material da vida terrena.

Bem calculareis amigos meus, qual a minha chegada no plano da espiritualidade. Não precisarei contar-vos o que me ocorreu, porque o negror, a obscuridade, as trevas e o sofrimento, acompanharam-me, — poderei vos dizer, — quase que por uma eternidade!... Mas hoje mais esclarecido, vejo a grandiosidade de DEUS sempre presente em tudo e em tôdas as coisas, permitindo a SEUS filhos, bons ou maus, felizes ou infelizes, habitantes mesmo das camadas inferiores do sofrimento, trabalharem uns dentro do bem concernente ao seu grau de adiantamento, outros, dentro das próprias maldades, porque sempre lhes advém daí, algo de benéfico e proveitoso para o espírito.

E assim, tudo o que aconteceu comigo perto da hora final, foi um grande bem para mim, porque não deixou prosseguisse por mais algum tempo, a malfadada continuidade da vida que levava no ambiente terreno, e que foi cortada no momento propício a que não mais pudesse sentir-lhe as conseqüências.

Hoje aqui estou, não completamente desvencilhado de tudo que pesava sôbre o meu espírito, porque tal não poderia ter ocorrido, mas já sinto agora a vontade de não mais querer fazer o mal ao próximo, não querer levá-lo a tristeza alguma, influenciando as conseqüências da leitura dêste livro onde narramos nossa triste história vivida na senda material, porque bem sei, que aí vos encontrando, sentireis com as nossas palavras, arrepios de sofrimento, enregelamento das vossas próprias matérias, atemoriza-

ção pelos atos subseqüentes a que demos seguimento e pensareis convosco mesmo: Serão êles espíritos mesmo como nós? Possuiram vidas iguais às nossas? Foram desde o princípio criados semelhantes a nós? Teriam êles um coração, um sentimento dentro da própria vida?... Pelo que aprendi e hoje sei, vos respondo: Fomos todos criados igualmente, tivemos conhecimento da razão, do bem e do mal que foi colocado à disposição do nosso livre arbítrio, e os frutos que deveriamos colher.

Irmãos meus, diferenciamo-nos apenas, sòmente em que nós outros subimos mais do que vós no plano material da vida terrena, e não soubemos manter-nos dentro dela com a espiritualidade devida, porque se assim acontecesse, mesmo dentro do elevado posto que alcançamos, estariamos hoje em Salvação, como acontecerá a todos aquêles que em qualquer posto, em qualquer lugar, de qualquer côr ou raça, se inclinarem a seguir e praticar os ensinamentos das Leis de DEUS, sentindo no âmago de seu interior, a caridade, a simplicidade, o amor e a bondade evangélica.

De hoje em diante, talvez possamos sentir-nos um pouco mais aproximados de todos vós, e esta alegria já ressurgiu no nosso interior, fazendo florescer, enraízar, criar o verdadeiro sentido de humanidade, a produzir futuramente os frutos da bondade que contìnuamente temos aprendido. E com esta bondade florescida e fortalecida, com estas virtudes gravadas no íntimo de nosso espírito, esperamos chegar um dia à espiritualidade, e mostrar como outros mais, o fruto do nosso trabalho bendizente, no plano material da vida terrena.

Que DEUS seja convosco.

Pio VI · 1775 – 1799

JOÃO ANGELO BRASCHI DE CESENA — *Já na vida material começou o seu penoso trabalho de recuperação espiritual, quando à mercê de Haller, o calvinista, foi conduzido de aldeia em aldeia padecendo o mal que havia feito a todos aqueles que queriam seguir a idéia de Lutero. Desencarnou em Valença, onde esteve guardado como presioneiro dos francêses.*

Aguardava, num misto de ansiedade e medo, êste tão esperado momento, mas temido por dois motivos extremamente diversos, ligados particularmente à nossa presença numa reunião de mediunidade.

O primeiro é concernente à experiência de sentirmo-nos aprisionados num corpo material, exprimirmo-nos por êle sem estarmos pròpriamente na vida terrena, ato êste desconhecido até então por nós.

Como fazê-lo, de que forma, e em que momento?... O pensamento, mais ligeiro de que qualquer ação, rodopiando em diversas evasivas, mas com a curiosidade peculiar, aguardava ansioso entretanto, o momento determinado.

O segundo, diverso do primeiro por fazer-nos sentir ao mesmo tempo, como que punhaladas do próprio sofrimento que produzimos em milhares de criaturas humanas, transforma-se por um sacrifício momentâneo, em alívio imediato para todo o nosso ser, em leveza para a alma, em desobstruição do pensamento, — sentida pela vez primeira, — e finalmente, em encorajamento e remissão para o próprio espírito.

Mas voltemos aos passados tempos de então, regridamos muitos e muitos anos, e procuremos volver os pensamentos de modo a poderem enquadrar-se na época em que eu ocupava "o trono Papal do Vaticano".

Hoje que aqui me vedes em espírito e verdade falando através de um médium, não calculais, — regredindo novamente aquêle tempo, — a monstruosidade de espíri-

to que eu fui, fazendo-vos sentir palavras chocantes e aberrativas aos vossos sentimentos, entrecortadas por horrorrosos sofrimentos de então, ligadas ao suplício constante que tive, de rememorações inconfundíveis.

O que fiz foi simplesmente terrificante para milhares e milhares de criaturas, pelo único "crime" de desejarem sentir algo de verdadeiro, ter fé, encher o vasio que tinham dentro de si, acreditar na perfeição do espírito, e finalmente na existência de DEUS CRIADOR SUPREMO!...

Tudo isto, não haviam elas até então encontrado na religião que eu espalhava, e meus súditos.

Achavam-se completamente descrentes, e procuravam agarrar-se àqueles que pregavam a piedade, a misericórida, a igualdade das almas, o porvir de venturas e felicidade.

Por êste tempo surgiu uma nova era de ensinamentos. Um enviado os espalhava a tôdas as criaturas como sendo a Bôa Nova, procurando envolver-se em palavras bem empregadas de modo a não serem causadoras de múltiplas perseguições e contínuos sofrimentos.

Atemorizados por ver multidões a agruparem-se, a ouvir ensinamentos a que não estavam acostumados, porque os que lhes ministravamos, os haviamos deturpado, procurando enquadrá-los exclusivamente nas coisas materais, que permitiam as orgias incontidas que praticavamos.

Reunindo-nos então em Conclave, para resolver o que deveria ser feito em defesa da Igreja Católica, do "Papado" e do próprio "Vaticano".

Bem sei que conheceis o resultado. Quem não conhece e não sabe a história de um Papa cruel, de uma criatura humana hedionda, de um animal selvagem sentado num trono de ouro?...

O resultado final dêste conclave para os que não o conhecem, foi a criação de imensos calabouços no próprio Vaticano. À noite eram enviados emissários a procurar dedo a dedo, casa a casa, acampamento a acampamento, todos aquêles que haviam durante o dia espalhado aquela nefasta Bôa Nova, e levados para conservarem-se nas prisões do "Palácio Material", e dali desaparecerem para sempre.

A quantos isto terá acontecido?... Não poderei vos dizer precisamente. Cem, mil, muitos milhares... quem sabe? Só eu!... Todo o resultado recaiu sôbre mim. Não era eu quem tal mandava fazer?

Mas... continuando insatisfeito com tal hediondez, regosijado pelo resultado satisfatório de meus crimes, insaciável que era de fazer sentir o meu poder Real também na posteridade, fiz pintar e espalhar por diversas salas do Vaticano, as cenas do trabalho feito por meus emissários. E a cada novo regresso, a cada nova batalha de extermínio ganha, cânticos e mais cânticos de louvor eram entoados.

E como todos os entes humanos, esqueci-me da existência de UM SER SUPERIOR e adormeci um dia o sono fatal da morte, sem qualquer medo, nenhuma perturbação, pensando nada mais existir além dela. Qual meus irmãos!... Até então havia sido o mais estúpido dos homens. O resultado senti-o imediatamente, logo após o meu último suspiro da vida material.

Sabeis o que senti?... Poderei vos explicar, — não para aquêles que conhecem algo da vida espiritual logo depois da morte, — mas para outros mais que nada sabem, e pensam nada existir.

De início fui logo sentindo arrancarem-me as vestes que possuía, e abismado ainda na confusão do próprio trespasse, vi também rasgarem-me a própria carne, de tornar-se o meu corpo ensanguentado, e nada possuir a

não ser o meu esqueleto caveiroso. Como abutres a sugar a última partícula material que possuía, vim a saber mais tarde, que eram muitos daqueles a quem havia feito mal, e que também não conheciam verdadeiramente os ensinamentos Divinos. Havia de pagar de qualquer forma. E despojado de imediato de tôda e qualquer parcela de minha matéria, vendo e sentindo-me possuidor exclusivamente de um esqueleto não tive coragem de sair de onde me achava, porque o sofrimento e a dor eram tão fortes que não me permitiam fazê-lo.

Não sabia ao certo se havia morrido; se encontrava-me ainda na Terra, o que havia me acontecido. E para quê? Até quando? Porque ali me encontrava?... Nada poderei vos dizer. Penso que por anos e anos de sofrimento, tive que resgatar muitos dos males que havia praticado.

Não podia arrepender-me porque não tinha este sentimento no meu íntimo, nem maneira de fazê-lo renascer, se não o havia tido na vida material. Entretanto, talvez pelo cansaço de encontrar-me naquele estado, na continuidade incomensurável de tempo, sem saber até quando pudessem traçar-me o caminho a seguir.

E como a inteligência e o pensamento são parte integrante do espírito, tendem sempre a procurar algo de melhor; e aos poucos podendo raciocinar, comecei a compreender que o sofrimento que estava sentindo, só poderia ser resultante do grande mal que havia produzido, advindo neste momento, do fundo do meu interior uma fagulha de arrependimento.

Neste instante amigos meus, poderei vos afirmar e garantir, que comecei a sentir algo diferente dentro de mim. Animava-se ao que pensava ser o meu corpo, mas que sòmente era espírito, e admitia então já, que algo acima de mim deveria existir de SUPERIOR. Via o castigo, via o sofrimento; e se tal isto existia, deveria tam-

bém encontrar-se acima de mim e de todos os seres humanos, aquilo que propalavam na Terra e procuravam adquirir: A fé e a crença em DEUS.

Nada mais precisarei vos dizer. O restante sabeis; a continuidade das expiações que a todo o espírito é dado sofrer, de acôrdo com o bem ou o mal que fizerem.

E agora aqui encontro-me junto a vós, fazendo-vos sentir com toda a certeza arrepios estarrecedores, por vos ter visitado um espírito tão inferiorizado como o meu, mas deveis pensar também que habitando a imensidão da espiritualidade, procuraremos com a ajuda destes abnegados e bondosos irmãos, que tudo tem feito para nos reeguer, fazendo-nos adquirir conhecimentos benfazejos que precisávamos, através da medunidade bendita. Esta trouxe-nos e tráz-nos constantemente, como disse-vos, no princípio: sofrimento e alívio ao mesmo tempo. O primeiro que estava sentindo até então, foi superado pelo segundo, em contentamento e alegria que encheram o meu coração, fazendo-o sentir aquilo que antes não conhecia, a existência certa e verdadeira de DEUS SENHOR DO UNIVERSO.

Até sempre amigos meus.

Pio IX 1846 - 1878

JOÃO MARIA MASTAI FERRETI — *Jovem ainda foi a Roma para alistar-se no exército pontificio. Tomou conta em Roma de dois grandes Institutos, o de Tata Giovanni e o de São Miguel. Fugiu mais tarde, levando consigo grande fortuna que havia sido reunida pelos fiéis, para salvá-lo de sua infundada perseguição.*

Quando o espírito, após ter vivido uma existência terrena de deturpantes maldades, transtornantes pecados e hediondos crimes, pensa sempre ao chegar à espiritualidade encontrar-se numa encruzilhada de caminhos, mal sabendo que onde está é o resultado concreto de tudo que produziu, quer em pensamentos obras ou ações. Influenciado e transtornado pelo mal, desconhece a metamorfose pela qual passou, e finalmente a razão porque ali se acha, de onde veio, e para onde poderá ir.

Envolto nesta confusão de pensamentos, não lhe vem à lembrança, nada que o acuse de ser tudo isso o resultado da maneira como procedeu na vida material; indeciso muitas vêzes fica sem saber o verdadeiro rumo, exclusivamente por seu desconhecimento e incompreensão evangelicas.

Existem ai quatro pontos primordiais, que indicam quatro caminhos cruzados mas certos, os quais poderiam levar o espírito a alcançá-los distintamente:

1.º — Se pudesse, ou soubesse êle sentir algo, do que lhe acontece depois da morte.

2.º — Que não mais se encontra no ambiente terreno de onde saiu.

3.º — Traduzir tudo como sendo obra da metamorfose do espírito, que encontrava-se envolto pela matéria.

4.º — Sentir completa e verdadeiramente a existência Divina. ....

Todos estes caminhos poderiam levá-lo também a pensar que nada havia produzido de bom, e tudo ser resultado ùnicamente, de sua matéria hedionda não ter correspondido ao grau de inteligência que lhe foi dado, e a maneira própria de prosseguir no rumo ao qual poderia um dia ressurgir para a espiritualidade.

Neste caminho pròpriamente dito é que eu deveria ter acertado seguir incontinente, para não mais sofrer, não sentir conseqüências atemorizantes, fazer produzir o resultado de uma consciência equilibrada, de uma inteligência posta ao serviço do Bem, e finalmente colocar-me em intercâmbio permanente com AQUELE que nos havia criado, DEUS!... Até que o espírito viesse a alcançar a meta destes quatro caminhos, muito sofreu para poder um dia senti-los verdadeiramente no íntimo de seu próprio ser, e poder fazê-los finalmente produzir conjuntamente sua recuperação espiritual. A metamorfose evolutiva acima referida, num lapso de segundo fa-lo transformar-se em Obra da própria CRIAÇÃO DIVINA, ressurgida em espírito e verdade, para sentir concretamente a aproximação de algo acima de si, Infinitamente Grande e Puro, DEUS NOSSO CRIADOR!...

E deste momento em diante, — o que acontece igualmente a todos os espíritos, — sentimo-nos amparados por todos os lados. Como se fôssemos retirados de grande abismo onde permanecemos em completa insalvação, surgenos então o agradecimento, a reflexão mais clara, o ato de humilhação em que todos sentem a obrigação de levantarse, e fazer ressurgir finalmente o próprio espírito, de criar forças para tudo que vier de bom ou de mau, de produtivo ou improdutivo, mas tendo sempre em mente, o seguimento para a Salvação.

Com todos estes irmãos, que aqui tem vindo contar-vos as múltiplas falhas e sofrimentos que tiveram, conseqüentes de continuadas e infindas encarnações de resgate, ambém eu, juntando-me agora a este Grupo de Reerguimento mútuo, — embora o tenha feito na última hora, por mais um pouco ter demorado o pagamento de minhas provas, — aqui venho de igual modo fazer a confissão de imensas faltas pecaminosas, e poder sentir, — como sentiram todos os meus companheiros de infortnio, — o alívio fortificante e balsamisador para meu espírito, que me foi dado em acréscimo pela Misericórdia Divina, em ter permitido ser trazido a esta reunião bendita.

Desconhecedor do movimento mediúnico, por ter estado não sei quanto tempo metamorfoseado na incompreensão e obscuridade, pude em dado momento como em tantas e tantas outras vêzes, fazer ressurgir no meu íntimo o ambiente já tão meu conhecido, mas agora a caminho de não mais ir para aquelas trevas, solidão, e lugar dos prantos consecutivos.

E para que não vos dizer? Foi tal o meu arrependimento, que mereci daqueles que sempre procuram uma oportunidade, a que os espíritos possam caminhar a passos largos para o próprio aperfeiçoamento, fazerem-me a caridade bendita, de encorporar-me a este Grupo fecundo.

Não sendo merecedor de tal recompensa, mas já tendo feito reviver dentro de mim o sentimento da amisade, caridade, irmandade e fraternidade, consegui o que ora está acontecendo a todos nós: a preparação para uma nova mas conjunta encarnação de todos os nossos espíritos, que resultará em grande benefício de nós próprios.

Embora estivesse já acertado o número daqueles que deveriam formar a cadeia de élos, que nos fará sentir a aproximação das irradiações Divinas caídas sôbre nós, no trabalho da espiritualidade, nunca é tarde o ressurgimen-

to de mais um espírito; e me foi dito então, que tantos quantos saiam do Umbral do Sofrimento, e possam alcançar o estágio ao qual nos encontramos, virão de imediato para ressurgir verdadeiramente para DEUS.

Tudo isto é para vêrdes, que o prosseguimento da Obra Divina não é traduzido em nada, relacionado com a vida material, e sim, a tudo que se encontre harmoniosamente enquadrado dentro da vida espiritual, de modo a que tanto nós espíritos, como vós outras criaturas humanas, possamos sentir verdadeiramente a CRIAÇÃO DIVINA.

Muito obrigado, muito obrigado!

Pio X (Giuseppe Melchiorre Sarto) 1903 - 1914

JOSE SARTO — *A 4 de Agôsto de 1903 foi eleito. Nascido em Riese — Treviso.*

Dando-vos em conjunto com espíritos irmãos, testemunho do resultado de inúmeras vidas de hediondos crimes, torpêzas, e deturpação de ensinamentos certos de uma crença fundada na Verdadeira Cristandade, venho eu também, depois de pagar sucessivamente todo o mal que havia ocasionado no ambiente terreno, fazer-vos a minha confissão, retratando-me de todos os erros cometidos.

Espíritos inteligentes que éramos, mas desdotados de certo grau de sabedoria, fortes, mas traumatizados por inúmeras doenças materiais, não poderíamos de modo algum alcançar aquele objetivo final a que todos teremos um dia de chegar, que é o do conhecimento certo da existência pura e límpida de um SER ONIPOTENTE, preponderante sôbre tudo e todas as coisas, ÚNICO CRIADOR SUPREMO, DEUS!...

Mas para tal discernimento obtermos, para conseguirmos encontrar finalmente todo o resultado do nosso trabalho material de muitas e muitas encarnações passadas, deveremos tirar de todas elas, algo da profundeza verdadeira dos ensinos espirituais aprendidos, e conseguir reunirmo-nos todos na espiritualidade. Este resultado poderia ser facilitado, se há tempos atrás tivessem nossos espíritos evoluido acertadamente com os ensinamentos de Jesus, o Cristo, e não se haverem emaranhado pela deturpação e a moeda de César. Influenciados por esta vil transformação, fomos levados a ser finalmente donos de um tesouro de incalculáveis riquezas, guardadas até hoje em

suntuoso Palácio, para o qual ainda voltam-se milhares de pensamentos, à procura da mesma resposta que até agora não encontraram verdadeiramente: o resultado da própria vida, a Obra da Criação, o porquê da existência, do sofrimento, da dor e da mutilação do próprio espírito. E mais uma vez poderemos ver e sentir o mal que foi feito à humanidade, pela ociosidade de alguns, pela ganância de outros mais, por influencias nefastas nas almas, que por séculos e séculos produziram efeitos maléficos, deteriorando os pensamentos, e fazendo estacionar o progresso do próprio espírito. Isto por causa da transformação de umas tantas palavras, de outras riscadas e apagadas, de ensinamentos já de si confundidos, e outros mesmo feitos a seu belo prazer na deturpação do Evangelho de DEUS, fizeram com que a humanidade sofresse de então até agora, a desconformidade das próprias existências materiais, levando-a à confusão de pensamentos, à materialidade, e finalmente à descrença absoluta.

Não era isto que almejavam as criaturas. Não haviam aprendido em sua passagem anterior pela espiritualidade como intuitivamente sentiam, o que estava e está ainda lhes sendo ministrado. Ansiavam e anseiam sim, por algo que preenchesse e preencha, o vasio que tinham e tem dentro de si, e que até agora não haviam encontrado.

E por ai podereis ver, o resultado das provas de expiação e resgate, a que fôram submetidos os espíritos que tal confusão produziram no ambiente terreno, não de fazer o mal a umas tantas criaturas, mas a toda a humanidade, que por não lhe ter sido dada orientação verdadeira de ensinamentos certos, prosseguiu em sua caminhada tortuosa de sofrimentos, sem alcançar um só momento o lenitivo dos Verdadeiros Evangelhos, deixados e superiormente exemplificados pelo Meigo Rabi da Galileia: Jesus. E para não quedarem-se as criaturas, umas melhores outras peores, espíritos mais compreensivos outros

menos, no trabalho desorganisador da própria existência de então, foi que DEUS, em SUA profunda e ilimitada Misericórdia, deu a conhecer desde os mais remotos tempos, a verdadeira e imortal existência do espírito, que através da mediunidade, pode estabelecer permanente intercâmbio com as criaturas terrenas.

Não podendo entretanto aceitar de modo algum, esta manifestação de espíritos porque anularia em parte nossos planos, combatemos esta Sábia e Imortal Lei da Criação Divina, e dentro da confusão que implantamos pelo aviltamento e deturpação dos verdadeiros ensinamentos, fizemos acreditar que tais inter-comunicações entre espíritos encarnados e desencarnados, eram pura feitiçaria e obra do Demônio...

E para provar irrefutàvelmente agora, não só o êrro em que naquele tempo nos achávamos, e estão ainda inúmeras criaturas de hoje, aqui nos encontramos todos, num ato de confissão voluntária de nossas faltas pecaminosas, para mostrar que sòmente por intermédio da mediunidade bendita, como Lei Verdadeira Criada por DEUS, é que pudemos resgatar nossas últimas dívidas, aliviar nossos espíritos, e ressurgir finalmente para a Verdadeira Vida de felicidade, a Espiritual.

Com esta prova bendita, todos nós espíritos de então, metamorfosiados até hoje por diversas encarnações de sofrimento, e em todas elas não querendo aceitar de forma alguma, o que agora está a nos servir de ressureição para nossos espíritos, é que genuflexos, imploramos a DEUS a SUA Bendita Misericórdia para que institua para toda a humanidade, em qualquer parte onde se encontre a comunicação com os espíritos, para que possam nos ser aliviadas as consciências do mal que fizemos; e estes que até agora não puderam ressurgir para a verdadeira vida, lhes seja possibilitado sentir os seus efeitos através desta SUA Bendita CRIAÇÃO.

Bem sabemos, que tudo vai a um espírito quando é chegado o momento devido, mas também sentimos ìntimamente que se fôssemos esperar que chegasse a nossa hora de redenção, não a teríamos conseguido então, mas sim sòmente agora pela bendita proteção destes bondosos espíritos orientadores, que nos trouxeram a este ambiente salvador.

Vêde bem meus irmãos; lêde com toda a atenção e interesse estas pungentes narrativas que aqui vos deixamos, procurando aproveitar delas, todas as lições que possam melhorar vossos espíritos.

Que DEUS faça resguardar nas vossas mentes, estes simples mas ilucidativos ensinamentos que recebemos, e vos presenteamos.

Leão IX 1049-1054

BRUNO DE EGUISHEIM — *Descendente de família real da Alsacia, nasceu em 1002. Negando as verdades de Berengário instituiu novamente a crença errônea de Jesus na Eucaristia. Fez queimar o livro de João Scoto Erigenes que continha verdades contraditórias à sua religião.*

Não esperava alcançar tamanha benevolência de entidades Celestiais portadoras do Bem, por conter diversos fatores predominantes no meu espírito, a faze-lo sentir constantemente a solidão, o desespêro e a amargura, ocasionados por procedimentos deturpantes e aberrativos, incomensuràvelmente pesarosos, e imorredouros para mim.

Para aqui vir tive como todo o espírito que se acha em trabalho de recuperação, de aprender esta língua por mim desconhecida, para por intermédio de uma matéria humana, inconsciente, resultante de um processo científico concreto, não sentir dificuldade em dar-vos a minha narrativa, provando com ela a existência real do espírito, e conseqüentemente sua imortalidade.

Todo o Universo é consubstanciado em ciência profundamente sábia e imutável da CRIAÇÃO DIVINA, traduzida em ensinamentos simples à compreensão humana, para que possa ela segui-los acertadamente dentro dos Evangelhos exemplificados por Jesus, transformando sua mente evolutiva transtornada, em resultado promissor de elevação para o espírito. Mas infelizmente, encontrando-nos desencarnados, e por um curto espaço desta visão que nos é agora dada por momentos, é que sentimos o produto infrutífero do nosso trabalho padronizado até então, podendo notar mais pesarosamente, que nada fizemos até àquele momento, a não ser enraizar sempre e cada vez mais o nosso espírito na senda material, desprezando completamente a meta certa do progresso espiritual.

Encontramo-nos bem distantes daquela época que marcou o roteiro certo de reerguimento para todas as criaturas, procurando faze-las transformar seu interior exausto pelo sofrimento, em manancial de Luz para seus espíritos, pois ansiavam por ensinamentos, ou qualquer lenitivo com os quais pudessem preencher o imenso vasio que continham dentro de si, provocado este por outro mais, infundado que lhes eram ministrados e que de nada lhes serviram. Foi então que DEUS por SUA Misericórdia enviou à Terra, Aquele que viria reunir todos os homens, e com a Sua palavra evangelisadora, faze-los sentir verdadeiramente Seus ensinamentos, para poderem reerguer-se do caos da incompreensão, e formarem uma humanidade essencialmente cristã. Ao deixar estes ensinamentos certos, e de efeitos evolutivos para cada um, o fez com bases fundadas num misto de abnegação, sofrimento e desapêgo à vida material, para que firmemente acreditassem na existência de uma vida futura. Embora naquela época houvesse como em todas as ocasiões, errônias interpretações de sentimentos, até mesmo em alguns daqueles que seguiam a Jesus, o Cristo, viram-se imediatamente frustrados em não sair Êle da meta traçada por DEUS, NOSSO CRIADOR.

Não obstante isto, começou dai em diante a confusão contínua de pensamentos diversos, e como em toda a humanidade notadamente material, existiam aqueles mais recalcitrantes, que à sua maneira, logo transformaram os próprios ensinamentos Divinos, fazendo a todos segui-los, para dai usufruirem os bens materiais, que até então não haviam obtido.

Erradamente, com o meu pensamento, a inteligência que me foi dada por DEUS, e as minhas própria mãos, escrevi páginas e mais páginas, destruindo o resultado de uma passagem Divinamente Celestial, fazendo crer na então religião existente, — fundada na perseguição e sacri-

fício dos verdadeiros cristãos, — que esta representava uma doação feita pelo Mestre dos Mestres a Pedro seu apóstolo, e que levianamente deturpamos fazendo mais acreditar, que havia sido êle o primeiro fundador da Igreja de Roma.

Posso vos dizer que desde aquele tempo, sofro consecutivamente em encarnações que nem me lembro mais quantas tive, tantas elas foram, as conseqüências de ensinamentos errônios que mais tarde escrevi e exemplifiquei para a fundação em bases falsas, que até hoje levam milhares de criaturas a acreditarem numa Igreja inventada, como sendo esta idealisada por um Cristo Puro que pregava nas montanhas, exemplificava nos mares, e concretizava Seus próprios ensinamentos perante multidões e multidões, sem que para isso precisasse faze-lo em templos de pedra; mas bem ao contrário, o fazia sempre nos montes, no campo... ao ar livre. Não construiu Êle nenhum templo nem mandou nunca que o fizessem!... Não entregou também a Pedro, — como erradamente tem-se feito acreditar, — uma chave de ouro, simbolisando a fundação de Sua Igreja, mas disse-lhe ùnicamente em palavras simples e humildes", que a êle confiava o rebanho que encontrava-se na senda material da vida, entregava a êle também, os ensinamentos por Si dessiminados, para que prosseguisse a pregar pelos quatro cantos da Terra, a fazer evoluir todas as criaturas, e atingirem o grau de superioridade espiritual.

Podereis avaliar por acaso meus amigos, há quanto tempo tenho um Inferno permanente de sofrimentos dentro de mim? Eu mesmo não sei!

Conjuntamente com companheiros diversos sofremos até hoje as conseqüências, de impensadamente, numa ânsia fanatisada extremamente desumana, martirisar inocentes criaturas, para fundar sôbre sangue uma doutrina vã, falsa, idólatra e dogmática, permitindo negociar

com as coisas Divinas, quando Jesus deixou bem claro: — Dai de graça, o que de graça recebeis!

Nada mais poderei vos dizer hoje. Por incrível que vos pareça sinto-me deveras emocionado e triste, rememorando o mal que produzi. Tende paciência. Não posso continuar mais. Voltarei de outra vez. (*)

Como prometi aqui estou; mas pesando ainda sôbre mim reminiscências de um passado cravejado de espinhos, e pensando não poder continuar a minha narrativa sem quedar-me mais uma vez num misto de desespêro e perturbação, preferi me fôsse acalmado o espírito e a mente que se achavam conturbados, por passes de beneficiamento destes bondosos protetores espirituais, e conseguir então voltar, como me acho agora, calmo e fortificado, para resistir a qualquer outro impacto de tristes lembranças remotas. Mas antes, necessário é que vos mostre um pouco deste trabalho espiritual redentor para todos nós, fazendo de antemão lembrar-vos que indispensável se faz, o proseguimento de um trabalho contínuo de aperfeiçoamento, para que venha a conseguir o espírito, resultados benfazejos.

Ao relatar o trabalho de recuperação para cada um de nós, sentimos todos, aproximações benfazejas trazidas pelos espíritos guias e nossos orientadores, envoltas em diferentes modalidades, enquadradas acertadamente a cada necessidade.

Com tão salutar recuperação, ficamos por momentos envolvidos em fortalecedores esclarecimentos, esquecendo-nos do égo condizente ao passado que não conseguimos afastar. Parece-nos então à primeira vista, após sofrimentos imorredouros para a nossa alma, havermos encontrado algo de concreto e confortador, comparado àquela

---

(*) O espírito comunicante não conseguindo prosseguir, em soluços de tristeza, embargou-se-lhe a voz, deixando para a reunião seguinte o resto de sua narrativa.

errada orientação dada por nós, e dessiminada por anos, e anos, a qual ainda hoje faz arrepiar-se-nos o espírito.

Tendo à nossa frente paisagens fluidificantes, para todos os nossos pecados olvidamos por lapso de segundos, o mal produzido e feito dentro de contínua irresponsabilide, fortalecida por uma materialidade arrazadora.

Como em miragem desértica e num lampêjo de uma felicidade irreconhecida, aflui-nos momentâneamente o ressoar mordaz da consciência, o transtôrno da mente conturbada e aflita, produzindo em cada um de nós, íntimas revoltas avassaladoras.

Pela primeira vez, como num acordar e desmaiar consecutivos, entre sã consciência e desvario dela, conseguimos aos poucos sentir verdadeiramente os benéficos efeitos da espiritualidade; e agora mesmo estando a relatar-vos uma partícula mínima do imenso Oceano de sofrimentos que me atingiram, almêjo sòmente, como todos estes irmãos de procedimentos pecaminosos recaídos sôbre nossos espíritos, — que algo do que fica relatado neste livro, possa vos servir de exemplo vivo a meritório aperfeiçoamento, para que não venhaes a sentir também, como sentimos, — os efeitos da profundeza de um Inferno dantêsco a que qualquer espírito pode chegar, por seu procedimento nefasto transformado em animal materializado.

Esperamos que o caminho ora seguido por todos nós, tenha por finalidade única a nossa Salvação.

Martinho V (Oddone Colonna) 1417-1431

OTON COLONA — *Eleito depois do Cisma que perturbou a Igreja por 40 anos. Conservou-se quase que no anonimato.*

Sentindo palpitar fortemente o coração, procuro abrir os olhos e nada vejo à minha volta, senão o resultado de uma imensa escuridão. Tentando erguer os braços, ao derdilhar nervosamente aquilo que se encontrava a envolver-me o corpo e não deixar que o ar pudesse respirar, notei que me achava enclausurado entre alguns centímetros de qualquer coisa que não podia compreender.

Com o esforço ao querer movimentar todo o meu corpo, nada mais pude fazer do que movê-lo, e então com algum ar que me restava nos pulmões, gritei desesperadamente por socôrro. Sem saber o resultado, sem ver nada do que me rodeava, pressentindo um mêdo aterrador, pude concretizar que algo no meu interior começava a querer explodir, como um vulcão em vias de uma erupção final.

Desfaleci. Novamente acordei. Novo sentido de recuperação da vida, nova agonia a transportar-me para um transtôrno incomum, fazendo-me sentir após tantos e tantos momentos entre a vida e a morte, os porquês da consciência, as interrogações do estado inconsciente, um odor extremamente intoxicante para mim.

Vejo-me agora sentado já podendo olhar à minha volta; as trevas continuam a perseguir-me. Um sofrimento maior a apoderar-se, a mesma interrogação a enlouquecer-me. Não posso ver nada, não posso saber algo do que me está acontecendo. O sofrimento persegue-me por todos os lados, fazendo-me parecer um vivo-morto enclausurado numa semi-escuridão da própria consciência!

Não agüento mais! Não sei se estou vivo ou morto! Se vou tombar; embora já assim o esteja há muito tempo. Nem mais sentado posso me conservar agora. Tudo é confusão!

Existirá a vida? E a morte? Haverá mesmo um DEUS, ou sòmente Satanás? Quais os resultados da bondade, e aqueles outros da maldade?

Enlouqueço ao pensar em tudo que lentamente ocorre-me ao pensamento.

Não resistindo mais, caio ajoelhado. Doem-me os músculos, sinto respingar o próprio sangue, um odor cruciante pernicioso a torturar-me. Gemo lentamente com as fôrças que me restam, e num ái supremo de sofrimento alucinante, sai do meu pensamento a palavra ressuscitante: DEUS!... DEUS! E caio desfalecido. Novo acordar, novo sentir. Olho em volta, e vejo que ainda ali estou. Ao erguer os olhos, deparo-me então: com DEUS? Com um anjo? Não sei qual a solução acertada; e vendo que se aproxima de mim procuro àvidamente perguntar-lhe o que realmente existe, sem sentir aquilo que ainda não conhecia.

Com a destra na minha cabeça, senti pela vez primeira um reconfortante benefício, e compreendi que algo de extraordinário ali se passava, lembrando-me que nada era e nada tinha sido até aquele momento. Oh! Sofrimento maior senti ao tomar conhecimento da existência verdadeira, podendo ver o resultado não conhecido por mim e bem concretizado, a mostrar-me as falhas hediondas que havia produzido.

Recordando, sofria. Sofrendo, maldizia-me... Maldizendo-me, prejudicava-me contìnuamente e não podia progredir.

E num vai-vem, entre revoltas e atos de ressentimento por nada ter sido, compreendi verdadeiramente que tudo o que havia se passado comigo, não era outra coisa

senão o resultado das mortes causadas a todos aqueles que ainda vivos se encontravam, fazendo-os enclausurar por maldade, entre as paredes malditas do palácio "Vaticano".

Recordar toda a devassidão de uma existência, embarga-me a vóz e o pensamento. Faz-me sentir pecar contìnuamente contra o CRIADOR DIVINO, por não ter eu então querido ressurgir como tantos outros, mas ao contrário, aprofundar-me nas riquezas e orgias do tempo em que ali vivi.

Para que toda a devassidão e riqueza daquela existência, se sofri consecutiva e amargamente em inúmeras delas e só poder usufruir hoje pela vez primeira um pouco de alegria ao ver a Vida Verdadeira?...

Infelizes daqueles que não querem ver nem sentir como eu, não querem amar nem renunciar como estes enviados benditos, mas sim emaranhar-se na senda material da vida, procurando auferir o máximo, quando o mínimo terão em futuras encarnações.

Muito tempo ainda tive que rogar ao PAI, NOSSO DEUS SUPREMO e Benfazejo em todas as SUAS ações para conosco, a fim de poder limpar a mancha de uma consciência enlutada por uma única vida material.

Espero poder dar uma prova concreta de ressurgimento verdadeiro como vós outros, e os irmãos que nos tem sido enviados; e sentir o espírito integrante desta Criação DIVINA volvido para o Bem, e não enquadrado mais, entre aqueles joguetes da própria maldade.

O agradecimento dum pobre espírito não poderá ser feito a criaturas materiais, mas sim a DEUS NOSSO PAI, que Misericordiosamente possibilitou transmitir-vos estas verdades, das quais evoluindo podereis tirar salvadoras lições, evitando os resultados maléficos da conturbação material.

A Paz seja convosco.

Bento XV (Giacomo Paolo Giovanni Battista della Chiesa) 1914-1922

TIAGO DELLA CHIESA — *Nascido de nobre família genovêsa em 1854. Laureou-se em direito. De débil constituição física, desencarnou em Janeiro de 1922 após 7 anos de poder.*

Ao tomar parte nesta Caravana de Ressurgimento para nós, unímo-nos em fôrça de pensamentos, procurando sentir o pêso de imensas responsabilidades ligadas ao nosso pasado, pela falta de compreensão verdadeira num único pôsto básico para a recuperação do espírito: a "Reencarnação."

Prometemos então mùtuamente volver ao passado longínquo, até aquele momento marcado pelo malho do sofrimento comum, desvendarmos por um instante novamente no ambiente material todo um passado corrutivo, infestado de malfadados desassombros, transtornando até mesmo todo e qualquer ser à nossa volta.

Para isso fazer, sabíamos de antemão que iria ressurgir pela nossa frente um teatro de horrôres, mortes, e devassidão, mas para tudo, ao final haveríamos de ter a recompensa.

Apesar de pressentirmos a hediondez mútua de nossos pecados, não podíamos calcular o que viríamos a sentir, ao impormo-nos retratar verdadeiramente todas as perturbações que se transformariam num sofrimento cruciante para nós.

Sofrer... sofrer... e continuar a sentir o sofrimento ininterruptamente!

Até então havíamos feito jurar levar até ao fim, ao ápice mesmo, a transformação moral pela qual haveríamos de passar. Um a um foram relatando conforme as fôrças que poderiam acompanhar no momento, a malfadada transformação que os fazia cada vez mais, aprofundarem-se

em inúmeras interrogações de sofrimento. E aqueles que tiveram mais coragem de serem os primeiros a passar pela transformação do ambiente mediúnico, puderam sentir desde logo um alívio imediato para todos os padecimentos.

Não havendo aqui na espiritualidade fôrça alguma que impila o espírito a fazer algo forçosamente, fui deixando um por um, todos os companheiros de infortúnio relatar a vós materiaes, aquilo que pressentieis, mas que até então não havieis calculado a que ponto poderíamos chegar.

Retardando o mais possível o que temia relatar, ùnicamente por um motivo primordial básico: a regressão e sofrimento, ao volver a tempos passados.

Nada me disseram. Mas como em tudo e todas as coisas, necessário é o aprendizado e personificação do mesmo para ressurgirmos, hoje reunidos finalmente, sinto como todos os meus irmãos, que nós, daqueles que ficamos para trás, quer por mêdo, covardia ou incompreensão, ainda sofremos a dor de cada irmão, ressurgida na história de cada um como se a nossa própria fôsse, a lembrança do lugar de sofrimento maior, o "Umbral", como se lá estivéssemos ainda. E podendo ver todos aqueles que desobrigaram-se com a fôrça de vontade que possuiam, com encorajamento que podiam levar consigo, com a ânsia de logo sentir resultados melhores de um ressurgimento mais próximo, foi nos dada também a lição mestra, que será para nós aprendizado edificante, fazendo-nos crer firmemente no trabalho e continuidade do espírito, para conseguir evoluir.

Que poderei vos contar das vidas materiais que tive, se foram elas como tantas outras, passadas num mesmo espelho da depravação que tivemos; do espírito mal formado para o bem; da evolução que não conseguimos usufruir.

Todo este transtôrno de muitos espíritos, múltiplas vidas, malfadados desenganos, e uma incompreensão indevida das Divinas Verdades, foram corolário de sofrimentos a que fizemos jús, por num infortunado dia termos alcançado o ambicionado trono do Vaticano, "Vaticano" que nos arrastou ao vício, à maldade, à dôr e ao estacionamento espiritual.

Pio XI (Ambrogio Damiano Achille Ratti)
1922-1939

ACHILLES RATTI — *Nasceu em Désio perto de Milão aos 30 de Maio de 1857. De 1907 a 1913 foi Prefeito da Biblioteca Ambrosiana, queimando vários livros importantes para a compreensão futura da humanidade. Governou durante 17 anos. Desencarnou em 10 de Fevereiro de 1939.*

Loucos por atroz sofrimento, cegos pela incompreensão, mutilados e acorrentados por males diversos, rastejavamos no lodaçal da dor, e procurávamos numa ânsia incontida, reerguer-nos em busca de algo, nas trevas constantes de um lugar desconhecido por todos nós.

A gritar uns, outros a gemer, mas sempre e a todos os momentos, podendo ver e crer que éramos companheiros inseparáveis.

A troca de idéias não poderia nos ser ocasionada, parecendo-nos ter sido a inteligência destruida. A fome, todas as necessidades naturais do plano de vida terrena, fazia-nos arrasar contìnuamente o espírito.

Querendo ver, sentir algo a que aspirávamos, mas que não sabíamos discernir acertadamente, entrecortava-nos mais e mais o espírito, ou melhor o corpo, — como pensávamos ter, — de inúmeros padecimentos.

Não nos conhecíamos, não procurávamos ter qualquer élo de intercomunicação. O egoísmo ainda a predominar o interior, fazia-nos sentir o desprêzo uns pelos outros.

Mas cansados já de nada saber, de nada sentir de melhor para nossos espíritos, e vendo não ser possível em tal estado continuar, começou um dentre nós, não mais a gritar nem esbravejar, nem continuar a sofrer; mas a chorar, chorar copiosamente, e então como êle, todos nós lembramo-nos deste novo sentimento que havíamos esquecido.

E num só tempo o chôro comvulsionou-nos a todos, fazendo-nos sentir o alívio de uma compressão interior, até então retida por nossas maldades. Sòmente passado longo tempo começamos a notar o choro uns dos outros, e ao olharmos para o lado, pela primeira vez, vimos ali encontrarem-se criaturas idênticas. Pela primeira vez também, num só pensamento resolvemos pedir o perdão de nossas falhas, e quasi que instantâneamente conseguimos sair das trevas e escuridão. Surgindo diante de nós estas criaturas, — que hoje sabemos serem espíritos, — bem apresentadas e bastante iluminadas, a esperança ressurgiu-nos interiormente, porque desde logo começamos a ver algo de novo superior. Ao examiná-los novamente, pudemos detalhar que a luz vista por nós a encobrir as trevas, não era outra senão a luminosidade espargida por êles.

Orientando, fazendo-nos crer na esperança da existência verdadeira de um DEUS pródigo em Misericórdia e Bondade, trouxeram-nos êles pela vez primeira, um bálsamo até hoje inesquecível.

Com o resultado de ensinamentos que faziam-nos ressurgir a fé, o amor e a esperança, ajudando, e a nos dizer que desde aquele instante começaríamos a melhorar, colocando as mãos cheias de luminosidade sôbre nossas cabeças, parecíamos sentir regorgitar o sangue como numa criatura semi-morta, e a vida reaparecer novamente. Entreolhamo-nos então, já movidos pela curiosidade de conhecer aqueles que perto de nós se encontravam, e deduzimos num lapso de visão momentânea, não sermos mais que pobres farrapos humanos! Nós criaturas, que possuíamos um espírito como tantas outras; que sentíamos não ser como as demais, pouco a pouco, todas as etapas de restruturação foram chegando até nós, todos os Divinos ensinamentos, todos os instantes que ansiávamos por um pouco aprender, produziam-nos sempre e sempre a

lembrança anterior, de criaturas despiritualizadas que éramos até então.

Juntos continuamos, juntos sofremos, juntos sentíamos haver feito algo de tenebroso para com nossos irmãos terrenos, e finalmente juntos, também conhecemos o início da nossa meta de Salvação.

Conscientes agora de possuirmos um espírito como todos os demais, felizes pela Bondade Magnânima de DEUS, levada Misericordiosamente até mesmo a todos aqueles que como nós, produziram o mal em conjunto.

Como aqui chegamos por sofrimentos iguais, irmanados sairemos por outros ideais em nova reencarnação, para ressurgimento e Salvação de nossos espíritos.